

Revista da Semana

Ano XLIV
Nº. 14

Cr \$ 1,50
em todo o Brasil

3 de Abril
de 1943



SENTINELAS DOS SETE MARES



ROBERT SOUTHEY

Infelizmente o Brasil não tem reverenciado ainda como devia, os estrangeiros que, passando por aqui ou não, ocuparam-se de seus temas, descrevendo-lhe a terra ou traçando a cronica civilizacional.

Só agora o movimento promissor verificado na edição de obras antigas — esgotadas na sua maioria — vem concorrendo para levar a atenção do publico leitor a esses nomes, muitos dos quais eram conhecidos, apenas, vagamente, até agora.

Tal não acontecia com Robert Southey. Ninguém, jamais, ignorou a existência de sua monumental "History of the Brazil", com 2.300 páginas, em três volumes, publicada pela primeira vez em Londres, de 1814 a 1819. Entretanto, a raridade da obra em nosso país, mesmo na edição Garnier de 1862, tradução do sr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, concorreu, lastimavel-

ROBERT SOUTHEY, amigo do Brasil e da Latinidade

POR QUE ESCREVEU A "HISTORIA DO BRASIL" — EXPULSO DA ESCOLA DE WESTMINSTER — DELÍRIO POÉTICO — "THE DOCTOR"...

mente, a uma certa apatia, de parte dos nossos estudiosos.

Seria óbvio mostrar aqui o imenso valor desse estudo realizado, todo ele, sobre o pedestal sólido de uma pesquisa minuciosa nos documentos e textos antigos. O que em Southey havia de louco e de desequilibrado como poeta, havia de sereno e de honesto como historiador. Basta dizer que, na sua enorme biblioteca de 14.000 volumes, grande parte referia-se á história peninsular e, de um modo geral, á civilização latina.

Visitando duas vezes Portugal, serviu-se neste alentado trabalho, dos documentos e informações múltiplas, reunidos pelo seu tio, reverendo Herbert Hill, homem inteligente e estudioso que, por mais de 30 anos residiu na Pátria de Camões.

A História, que vai do descobrimento á transmigração da Família Real, foi a mais completa que aparecerá até então, e mesmo hoje, seu valor documental permanece de pé. Na edição brasileira de 1862, alguns ligeiros equívocos foram retificados pelo Conde Fernandes Pinheiro.

Curioso em Southey, a simpatia que sempre demonstrou pelas coisas latinas. São bem expressivas suas cartas datadas de Espanha e Portugal. É mais ainda um poema sobre Joana d'Arc, escrito aos 19 anos, e uma tragédia aproveitada como tema a queda de Robespierre. A Revolução Francesa preocupou-o profundamente.

Do Nosso País, em particular, mostrou-se um grande amigo, amizade tanto mais espontânea quanto nos lembramos de que ele nunca aqui estivera. Da "História do Brasil" destacamos o seguinte trecho:

"Bela perspectiva e um futuro de glória se abre aos Brasileiros se escaparem ao flagelo da revolução que destruiria a felicidade de toda a geração atual, arrasando consigo a amargura e a guerra civil e acabando por dividir o país numa multidão de Estados mesquinhos e hostis, que teriam de atravessar séculos de miséria e de sangue derramado antes que pudessem reerguer-se da condição de barbarismo em que se veriam mergulhados. Cego na verdade deve ser o governo se não abraçar esse sistema generoso de verdadeira política que é o único que poderá conjurar este perigo. Deus, na sua misericórdia, prepare os Brasileiros para esta feliz mudança e conceda que se estabeleça entre eles ordem, liberdade, sabedoria e verdadeira piedade e que floresçam por todas as gerações".

Essa história constituiria apenas uma parte da "História de Portugal" que pretendia fazer e que, infelizmente, nunca chegou a concluir.

Exato nos seus conceitos, objetivo, sóbrio, demonstrou em face de diversos pontos de nossa colonização, uma propriedade de julgamentos admirável. Assim, entre muitas outras coisas, foi um dos primeiros historiadores que exaltaram o trabalho jesuítico em nosso continente.

Robert Southey distinguiu-se também na poesia. Chegou a receber o título, não de todo comum, de "poeta laureado". Deixou, entre outros, os seguintes trabalhos de poesia:

"Madoc ou a descoberta da América por um chefe gallez no século XII"; "Thalaba, o destruidor"; "A maldição de Kehama"; "Rodrigo, o ultimo dos godos"; "A expedição de Orsna e os crimes de Aguirre"; "Senda do Paraguai"; "O Perigrino de Compostela"; "Tudo pelo amor", etc.

Célebres, na sua obra, são o seu livro sobre Nelson e esse monstruoso — no bom sentido — romance in-

The Life of Nelson

By

Robert Southey

With Introduction, Notes, & Appendices

By

David Hannay

Two Portraits

London

William Heinemann

1897

(All rights reserved)

VIDA DE NELSON — Este livro sempre foi considerado um modelo, pelos conceitos que encerra pela elegância de linguagem, por todos os motivos, enfim.

titulado "The Doctor", em seis volumes; neste livro o prefácio figura na página 200, o primeiro capítulo vem depois do 72.º, a dedicatória está na página 31 e o capítulo que aparece em primeiro lugar é o sétimo. O objetivo que ele procura alcançar nessa babel, é que não poderemos compreender daqui, á distancia do livro: Preferimos admitir a sutileza das intenções...

A personalidade de Southey oferece aspectos interessantes á observação. Esposando sempre teorias de arte, excêntricas em relação ao tempo, caracterizou-se como detentor de uma mentalidade anti-burguesa, inimiga das continuidades das tradições de forma. Irreverente desde a primeira fase de sua vida, conta entre as primeiras aventuras, uma expulsão da escola de Westminster, pelo fato de colaborar no jornal satírico, editado clandestinamente pelos alunos daquele educandário. Imperturbável, transportou-se a Oxford, onde concluiu os estudos e travou relações com alguns colegas que exerceriam sobre ele notável influência literária.

Nascido em Bristol, em 1774, faleceu a 21 de março de 1843 na Escócia. Faz, portanto, cem anos que ele desapareceu. Tal centenário é sobremaneira expressivo para ingleses e brasileiros. Mais do que os comerciantes, mais do que os políticos e diplomatas burocratas são os escritores, os intelectuais, que aproximam os povos, que constroem os laços de concórdia universal.

Assim procedeu Robert Southey. Escrevendo, não buscou o êxito imediato — o sucesso, conforme procediam, já naquela época, os seus compatriotas. Em relação á História, disse: "Popular não pôde ela ser no país em que a escrevo, tão remoto o assunto e tão extensa a obra, mas, leitores competentes sei que há de encontrar e ao mundo a entregar com indiferença quanto ao seu acolhimento imediato e inteira confiança na aprovação dos homens para quem a escrevi e dos séculos a que lego".

Hoje declaramos que ele não se enganava, ao escrever essas palavras. A ele, o nosso reconhecimento!

TRABALHOS POÉTICOS —

Em 1838, quando ele ainda vivia, foi lançada uma edição em dez volumes, contendo todas as suas poesias. Esses livros ostentam ilustrações delicadíssimas, das quais mostramos aí um exemplo.

consciousness industry. You
by making me correct them

Respectfully & Affectionately Yours
Robert Southey.

BIBL. NA
SECC

UMA CARTA — Southey dedicou-se muito ao gênero epistolar. Gostava de exteriorizar suas idéias, de comunicar estados de espírito através de cartas dirigidas ás pessoas amigas. Ficou célebre a correspondência que entretive com sua segunda esposa Caroline Ana Bowles. Acima, poderemos ver o autógrafo final de uma carta datada de 1812, agradecendo uma remessa de livros.

GANDHI VERDADEIRO

Por
OCTAVIO TAVARES

Revista
da
Semana

NÃO sei por que esse homem exótico, de pernas magras e nuas, o tronco envolto num lençol exquisito, os pés calçados de sandálias primitivas, é chamado "mahatma". Esse título, parece, cabia às almas superiores que povoavam com a sua imponência subjetiva as cumiadas vertiginosas do Himalaia. Era algo de religioso no mundo profano e definia figuras singulares cheias de sabedoria e pureza, guias espirituais que chegavam a realizar o milagre da manifestação à distancia... E Gandhi, entretanto, terá tido bem pouco de tudo isso. Tudo de político e nada de religioso. Apostolo de um mundo terreno e não o precursor de um céu misterioso. Mais em contacto com os mortais do que um problemático emissário de alguma divindade. E "mahatma" por que?

Os espíritos superiores da Índia deixaram a sua trajetória demarcada por monumentos eternos: os "Vedas", o "Mahabarata", o "Ramayana", os "Puranas"... Ainda no nosso século, Tagore esculpiu o "Gitanjali" — a sua Oferenda Lírica que os tribunais literários coroaram de louros. Gandhi deixará a sua "sinfonia inacabada", romance sem palavras, obra escrita com caracteres invisíveis, formulário hipotético da arte dos jejuns... Cada um tem a sua maneira pessoal de impôr o seu idealismo particular à consciência geral. Uns pintam telas, outros escrevem livros, outros ainda arregimentam exércitos e armas de guerra. Gandhi, porém, jejua... Talvez seja a mais inofensiva das maneiras pessoais de prédica.

Será, porém, a melhor?

O jejum tem duas modalidades e duas causas — é parcial ou total e é ditado por prescrição religiosa ou por penitência. Gandhi pretende jejuar totalmente e fá-lo quando bem lhe parece. É um penitente arbitrário e — não fosse um pouco de respeito à sua anciandade — di-lo-íamos uma criança emperrada, dessas que batem o pé e resolvem não comer, nem à mão de Deus-Padre.

Qualquer humorista contemporâneo — com o velho Bernard Shaw à frente — poderia dizer que lhe ficam muito bem esses sentimentos...

Houve uma época no mundo em que os reis europeus buscavam entre os vassallos alguém que os divertisse. Eram criaturas que adquiriam a liberdade de tudo dizer e tudo fazer, contanto que as majestades hipocondríacas desopilassem o fígado. Eram os bôbos dos reis, que deixaram nome na História, como o Mitton de Carlos V, o Triboulet de Francisco I, o Chicot de Henrique III, o Angély de Luiz XIII. O século XVII, porém, viu desaparecerem do cenário dourado das côrtes essas figuras curiosas às quais se atribuem repentinos chistosos e cheios de audácia, que traíam, não raro, um pouco de talento nessa gente fadada a fazer rir. Lá se foram, na evolução dos tempos, os palhaços privativos, exclusivos, cuja árvore genealógica, em rebentos legítimos ou espúrios, teria de frondejar depois nas barracas de feira e sob a cobertura de lona dos circos das cidades! A sátira de Juvenal ainda é uma verdade. Se nem só de pão vive o homem, muito menos a humanidade... O circo terá de ser o complemento contingente.

Gandhi abriu um grande circo no mundo, e lá da Índia dá, de longe em longe, espetáculos sensacionais que os cinco Continentes acompanham através das sucessivas notícias telegráficas. O universo assiste periodicamente às "entrées" do homem que não troca de vestuário, nem para ir à corte de Londres, escravo do uniforme, alheio por completo às transformações da moda. Porque ele é o maior conservador que há na face da terra. Chova ou faça sol, as pernas persistem desnudas, o albornoz estilizado não deixa de envolver-lhe

os ombros esqueléticos, nem lhe saem do nariz os óculos com que vê, simultaneamente, com o otimismo de Pangloss e o pessimismo de Schopenhauer. Fez uma restrição, porém, ao transpôr os mares em demanda da velha Albion: deixou a roca — esse primitivo instrumento feminino em que as suas mãos de homem talvez realizem prodígios de fiação — e se viu privado da sua cabra inseparável, possível exemplar da raça markhor, do Himalaia e do Tibet, cujos chifres espiralados talvez lhe dêem a impressão da cornucópia da Amalthéa da Fábula, que ele sonha despejar sobre a sua Índia remota e imensa.

O primeiro jejum de Gandhi foi sensacional. Era alguma cousa de extraordinário, que abalava a vida hindustânica e comovia o mundo. Foi há anos... O homem meio-dissecado em vida, a múmia ambulante, triunfou, completando a prova galhardamente, para voltar a saborear o leite da cabra familiar, alternando a alimentação com o divagar artístico de fiandeiro.

Outros jejuns sobrevieram, e a sua realização foi, progressivamente, desmoralizando a arte de não comer e, muito mais, os seus efeitos. Pascal afirmou que se o nariz de Cleópatra fosse menos comprido mudaria a face do mundo... Se os jejuns de Gandhi fossem mais longos, talvez também a mudassem...

Mas ainda não foi possível.

E talvez não mais seja.

O último jejum, o de ontem, teve o condão de reduzir os antecedentes à expressão mais simples, porque deixou que sobre todos eles pairasse a possibilidade embafoadora da mistificação. A voz da ciência achou que um homem que é só pele e osso, como Gandhi, bem poderia privar-se de alimentos com maiores vantagens do que outro qualquer; admitiu que ha criaturas com resistência semelhante ou maior, e, por fim, não desprezou a hipótese da burla... E tudo indica que esta última não é um fator a desprezar na periódica exibição.

Em verdade, Gandhi pôs o estômago à prova e levou dias a sentir-se vitorioso. Mas a idade — a maior traidora com que o homem se defronta na vida — traiu-o. E veio a assistência médica, e vieram as injeções, as vitaminas que alimentam, e o chamado "mahatma" chegou ao fim do período previamente marcado com a ingênua impressão de haver armado efeito...

Um dia, quando o Eça não encontrava assunto para uma crônica e sentia que o portador do jornal rangia os sapatos no corredor à espera das tiras que teriam de aparecer, sem outra solução, escreveu um mundo de desaforos, desancando o bey de Tunis, de cuja existência suspeitava... Confesso que sentí vontade de desancar o Gandhi, o maior palhaço do mundo.

O povo da Índia, que só conheço à distancia, merece-me o maior respeito; Gandhi, porém, ao que parece, perdeu o direito à veneração de quem quer que seja, porque os histriões, os embusteiros, os farsantes, os jograis só podem fazer rir. De quando em quando, revive nele a nostalgia dos bôbos dos reis, de séculos atrás. A progênie está aí, num prodígio de síntese!

No fim de tudo, Gandhi há de ter os seus instantes de meditação, entre os fios de linha que entretém na roca e os esguichos filiformes do leite que extrai ao ordenhar a cabra. Há de pensar no ridículo a que se vem prestando, na indiferença que ora acolhe os seus platônicos assomos de rebeldia, na imensurável palhaçada com que tenta alarmar o mundo e, se é que é um sábio mesmo, e tem algum conhecimento dos versos latinos de Lucano, terá, nutrido como Jupiter pela sua Amalthéa, de adormecer embalado pelo "magni nominis umbra" do sobrinho de Seneca.

3 de Abril de 1943
ANO XLIV - N.º 14

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

FALTA DE FIBRAS NOS ESTADOS UNIDOS

A indústria norte-americana, encontra-se grandemente necessitada de fibras para fabricação de cordas, barbante, anagem, tapetes, linóleo, material de embalagem e fio de isolamento.

A perda das Filipinas suprimiu a importação de canhamo Manila para cordas. O fornecimento de linho europeu está cortado pela duração da guerra. Somente pequenos carregamentos de juta e anagem veem da Índia. A praça em navios é escassa em toda a parte. Muitas das indústrias estão sendo direta ou indiretamente afetadas. Os navios necessitam de considerável quantidade de cordas. Os lavradores e os negociantes de mercadorias em bruto precisam de barbante e de sacos. A indústria de tapetes ressent-se.

As atenções voltam-se para os sucedaneos, subsistindo, porém, a dificuldade de aquisição de maquinaria para o seu processamento. Algumas experiências com o cultivo de fibras nos Estados Unidos e nas partes tropicais do Hemisfério são expedientes de guerra, mas outras são de caráter duradouro. Expande-se a produção de algodão osnaburg. Usa-se o papel reforçado em certas qualidades de sacos para mercadorias pesadas.

A pasta de papel fortemente torcida e tecida pôde servir como substituto da anagem.



Para a mãe e o filho

MALTOGENO

"Granado"



Numeros atrasados desta
Revista na Bahia

Pedir a ALFREDO J. SOUZA
Rua do Colegio, 8 — Salvador

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00
O numero avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr. 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

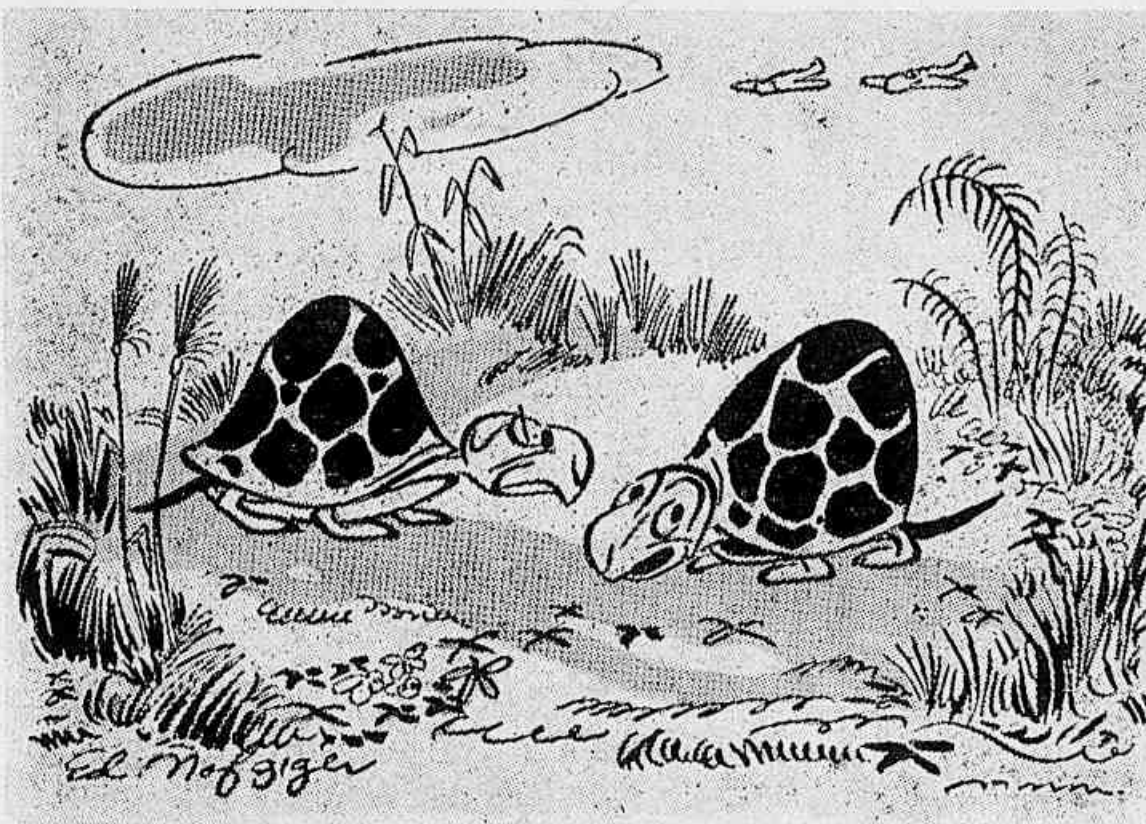
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 44 páginas

OUTROS RIRAM...



— Eu gostaria de saber se estes abrigos são mesmo á prova de bombas.



— Sabe quem pediu ontem a minha mão? Dagoberto.

— Aquele Dagoberto! Sempre brincalhão!



— Sempre alegre, Dona Alice...
— Qual! Para andar alegre é preciso ser moça e bonita.

— Permita-me que não concorde. A senhora é justamente a prova do contrário!

PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM

É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA

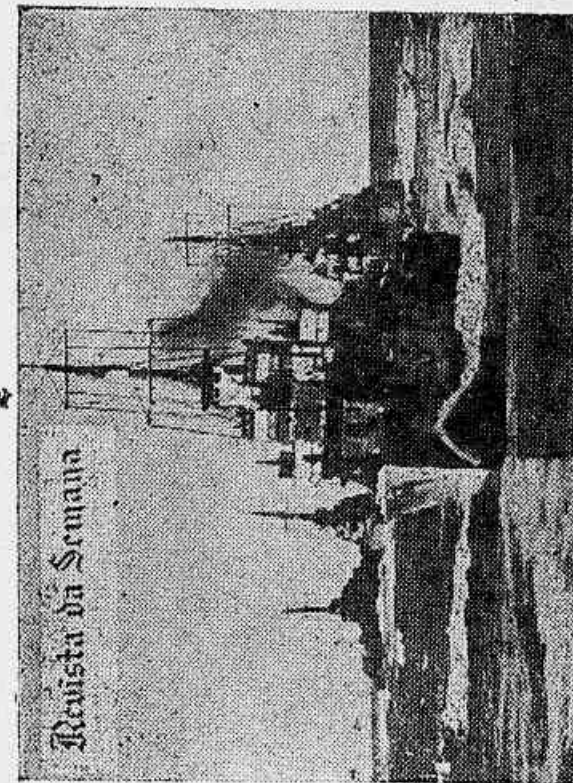
RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULAVEL

A nossa capa

Sentinelas dos sete mares são a matilha dos cães de fila de John Bull, batendo as ondas de todos os oceanos do globo, nas rotas que o destino lhes reservou, através dos anos de maior gloria e expansão territorial. Povo pequenino, nascido numa ilha, só mesmo rumando para os quatro pontos cardiais da geografia, para alcançar na historia o lugar a que aspirava.

O velho slogan universal do Rule Britania tem sido posto á prova, duramente, nesta guerra quando o inimigo implacavel vem fazendo a mais tenaz



e mais violenta campanha submarina de todos os tempos. Sem uma folga, batidos pelos vendavais e pelas tormentas, vigilantes no posto que por atavismo lhes coube, os marujos da frota de Mr. Churchill não têm desmentido uma só vez as nobres tradições do seu passado sobre as ondas. Todos os dias vêm a lume relatos heroicos e estimulantes exemplos de sua decisiva atuação. Desses rijos varejadores dos mares é que depende em grande parte, a vitoria da causa dos povos livres.

A bela fotografia de nossa capa foi gentilmente oferecida pelo B. N. S.



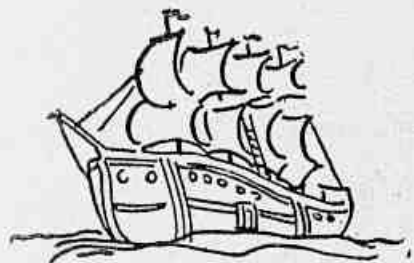
Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

Procurar a LIVRARIA REGINA

Rua João Pessoa, 137 — Aracajú

A SEMANA EM REVISTA

UMA SENHORA X UM NAVIO



O feminismo de há muito passou para o rol dos fatos reais. Ninguém, hoje, discute se a mulher tem ou não tem direitos iguais aos dos homens.

Já é uma coisa tão evidente, tão universalmente aceita que pouco nos lembramos de que isso constituiu motivo para sérias discussões, há alguns anos, e eficiente pretexto de programas e candidaturas políticas...

Uma ou outra profissão não foi ainda invadida pela mulher, o que se deve atribuir, muitas vezes, aos deveres pouco atraentes que elas implicam.

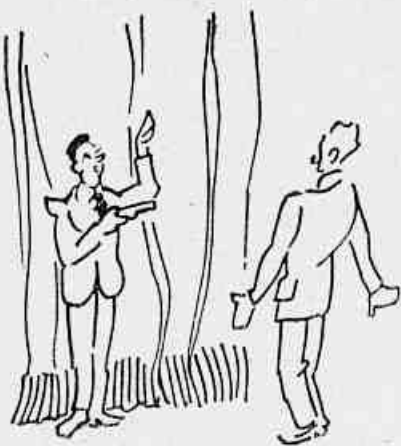
Mesmo assim, nos Estados Unidos, algumas desempenham funções mais espinhosas e menos compatíveis com a feminilidade, qual seja a de mecânico, engraxate, etc.

Nós, por aqui, não temos ficado atrás. No Rio existem filhas graciosas de Eva trabalhando em toda espécie de serviços. Em Minas já temos até uma motorista de praça!

Mas o feminismo não se limitou somente aos grandes centros do Sul. Agora acaba de surgir um sintoma dele... no Acre. Daquela região longínqua, cheia de febres e de florestas, uma senhora requereu ao presidente da Comissão de Metalurgia permissão para explorar o navio-gaiola "Sertanejo" naufragado em Cipó Assado, rio Taraucá, naquele território. Ora vejam: uma senhora a explorar navios!

MAGICA DESAGRADAVEL

Um dos mais antigos espetáculos de que ha memória na cronica teatral, através dos séculos, é a exibição de mágicos, de iniciados no dominio das forças ocultas, homens que tudo pôdem e tudo adivinham. Nos empórios do Oriente, desde a Asia Menor até à India, os magos estão sempre nas feiras, próximo ás aglomerações humanas. Na terra de Gandhi, os faquires costumam descansar permanecendo, meses a fio, sepultados sob a terra... A indumentária desses homens é, em tudo, diferente da dos outros mortais; dir-se-ia que eles precisam trazer no próprio vestuário o cunho de seu poder sobrenatural. Nada disso, entretanto, acontece com certo ilusionista profissional, atualmente trabalhando num dos nossos casinos. Este cidadão quis, ha dias, fazer não sabemos que mágica, munindo-se, para a mesma, de um revólver. Lá para as tantas... pum!, dá o tiro de pólvora seca, consumando, possivelmente, seus desígnios de "iludir" a assistência. Mas acontece que um espectador saiu chamuscado da brincadeira e por isso mesmo achou que a coisa ultrapassava os limites de uma simples brincadeira e deu queixa do iniciado á policia. Chamado a prestar declarações, o homem revelou-se perfeitamente digno de sua arte, fazendo a culpa "desaparecer" sob a cortina de fumaça de suas negativas...



VOANDO COM ASAS ALHEIAS



A realidade supéra sempre nossa expectativa, ainda que esta atinja os limites do arrojo e do delirio. O homem é, essencialmente, mediocre de imaginação. Os sonhos mais loucos de Julio Verne foram não só consumados como também superados muitas e muitas vezes, no século XX. Nós mesmos, a geração que nasceu depois da outra guerra, já tivemos, nestes anos de vida, deslumbramentos suces-

sivos com os inventos, as tecnizações, tudo isso que a humanidade vai deixando atrás de si, no seu roteiro pela face da terra e do tempo.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjões, dores nas cadeiras, peso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

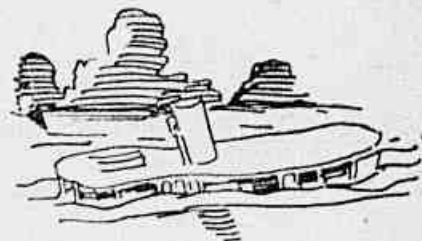
Assim, achariam absurdo, por exemplo, ontem, se alguém dissesse que as aves ainda seriam levadas pelos ares, em vez de voarem. Tal afirmativa seria taxada de estúpida por todos aqueles que a escutassem; somos, por natureza, refratários a aceitar aquilo que não compreendemos.

Agora, esse fato é perfeitamente banal. Os aviões da RAF conduzem uma equipe de pombos que, em caso de desastres, descida forçada, etc., são lançados aos céus, em direção á base de onde partiram, com noticias dos tripulantes.

Falaremos aqui de um desses animalzinhos — Bronze — que, aos cinco anos de idade, já é um autêntico veterano, tendo participado de 199 operações militares, durante as quais percorreu perto de 160.000 milhas; a Berlim, ele já foi três vezes... Uma de suas peripécias foi uma queda ao solo, num avião incendiado, do qual escapou ileso, mas com um forte abalo nervoso que lhe justificou, agora, os primeiros 14 dias de licença, após três anos de serviço. Sem querer trocadilhar, afirmamos que esse "Bronze" ainda será estátua; esperemos,

UM NAUFRAGIO ÁS AVESSAS

Acontecimento estranho é este de que nos ocuparemos agora. Em plena situação de guerra, quando nos chegam, através do jornal e do rádio, as mais espantosas noticias relativas a desastres marítimos, quasi não se justifica virmos aqui tecer comentários — e comentários que aspiram á ironia — sobre um "naufrágio". Mas ocorre, justamente, que esse naufrágio foi "sui generis": o barco foi, apenas, refrescar-se um pouco no fundo do mar.



Cremos que ainda não conseguimos fazer-nos entender. O telegrama veio de Lisboa. A velha fragata D. Fernando, o mais antigo veleiro da marinha de guerra portuguesa, orgulho e reliquia de um Império, será transformada em Museu Naval de Portugal; para isso receberá conveniente preparo, de que consta uma inundação total de seus porões, dentro de um dique, com o fim de matar a enorme multidão de ratos que se instalou a bordo, ha longo tempo.

Achamos que essa profilaxia prejudicará o futuro muséu. O rato está de tal maneira ligado á idéia de navio, de navegação, que não podemos relembrar esta, esquecendo aquele. Mormente ratos ilustres como os da dita embarcação — ratos cuja linhagem se perde na noite dos séculos, talvez confundida com as daqueles que acompanharam os gigantes da expansão lusa, naquele torneio heroico dos descobrimentos seiscentistas.

FLAVIO.

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
Secção dirigida por
DECORAÇÕES: GILBERT DE PARIS

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLÓGICA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

A GUERRA E ALGUNS PRODUTOS IMPORTADOS PELOS ESTADOS UNIDOS

PERSPECTIVAS DE UMA «CORRIDA» PARA O BABAÇU

A dificuldade encontrada para a importação de óleos secativos nos Estados Unidos tem determinado ali um aumento das importações de linhaça da Argentina. Na primeira semana de dezembro de 1941, foram embarcados na Argentina com destino aos Estados Unidos 386.000 bushels (13.510.000 litros) de linhaça, contra apenas 16.000 bushels (560.000 litros), no mesmo período do ano anterior...

Antes de começar a guerra com o Japão, importaram os Estados Unidos do Extremo Oriente uma média de 476.000 toneladas de óleo de côco e 368.000 toneladas de óleo e azeite de dendê. Estes últimos procediam de numerosas colônias do Pacífico, inclusive as Índias Orientais Holandesas, enquanto o primeiro era exportado exclusivamente pelas Filipinas. É sabido que as plantações brasileiras do chamado côco da Baía e de dendê são relativamente pequenas, não permitindo, de modo algum, uma exportação no volume desejado pelas indústrias norte-americanas. Quanto ao dendê, somos obrigados mesmo a importá-lo, embora o seu consumo entre nós seja diminuto. Os fabricantes de sabões nos Estados Unidos estão diante de um problema dos mais sérios, porquanto dificilmente poderão obter na América Latina a matéria prima de que carecem.

Por isso mesmo, o interesse pelo coquilho de babaçu cresceu extraordinariamente nos últimos dias entre os fabricantes de sabões, naquele país, os quais consumiram em 1940 um total de 500 milhões de libras-peso de óleos de côco e de dendê, e apenas 41 milhões de libras-peso de babaçu. «The Wall Street Journal» escreveu, em sua edição de 16 de dezembro último, o seguinte: «A rush for the babassus is coming of course». Reconhece-se, como se vê, a iminência de uma «corrida» para o babaçu. O mesmo diário, entretanto, chama a atenção para o fato de não se haver inventado uma máquina capaz de quebrar o coco, o que determina que a operação continue a ser feita à mão, por processos primitivos e anti-econômicos. E lembra então a existência de uma palmeira da Venezuela, ainda pouco explorada, mas que proporciona um coco capaz de competir com o produto brasileiro sem os inconvenientes determinados pela dureza da casca deste último.

Para concluir, devemos lembrar que, no período de janeiro a outubro de 1941, os Estados Unidos nos compraram 24.863 toneladas de coquilho de babaçu, correspondendo a 30.213 contos de réis. No mesmo período, vendemos à Venezuela 4.473 toneladas, no valor de 6.359 contos de réis e à Colômbia (quanto a este país, os embarques se verificaram em um único mês, outubro), 300 toneladas, no valor de 638 contos de réis.

Quanto ao óleo de babaçu, de que em 1940 os Estados Unidos foram o nosso segundo cliente, nada exportamos, até outubro de 1941, para lá. As nossas vendas externas se destinaram apenas à Argentina, num total de 8.236 quilos, correspondendo a 37.431\$000.

No «Ômnibus» (Ônibus nunca foi láim)



O alibi

Conto do escritor
francês
MAURICE LEVEL

O juiz de instrução rufava nervosamente com os dedos no tampo da meza. Decididamente, aquele acusado tinha resposta para tudo. Rebatia em termos sempre serenos e corteses os argumentos mais poderosos. Não se contradizia. Não dava pretexto a nenhum desses recursos de inquérito que aos mais cínicos — e até aos mais inocentes — atrapalham.

— Não negará todavia... insistiu o magistrado — que conhecia bem os costumes da casa.

— Nunca fiz misterio disso, senhor juiz.

— Os empregados diurnos saíam às 20 horas e os da noite assumiam o serviço às 21 menos um quarto; a caixa ficava, portanto, sem vigilância durante mais de meia hora. E esta particularidade também o senhor a não podia ignorar.

— Pois ignorava, senhor juiz! Se a houvesse notado durante a minha permanência na casa Fortin & C. imediatamente preveniria os sócios da firma. E faria bem, porque foi graças a essa imprudência que os ladrões puderam arrombar o cofre-forte com toda a tranquilidade.

— Suponhamos. Diga-me agora onde esteve entre 20 e 21 horas.

Sem hesitar um instante, o detido respondeu:

— No restaurante Lacroix, na avenida de Itália.

— A sua memória é duma exatidão singular. Em geral, são necessários alguns minutos para se reconstituir o emprego duma noite, a quinze dias de distancia.

— A minha memória não é melhor nem pior que o comum das outras. Conheço, já ha dois dias, a acusação que pesa sobre mim. Li nos jornais, antes de me prenderem, a que horas fôra cometido o crime de que me dizem autor. Tive, pois, quarenta e oito horas para pôr em ordem as minhas recordações. Tudo isto me parece naturalíssimo.

— E sabe em que número fica o tal restaurante? A avenida de Itália é comprida...

— Confesso que não prestei atenção a esse pormenor... E', porém, facil averiguar. A casa tem telefone. Vi estarem falando enquanto jantava.

O juiz procurou no catálogo.

— Efectivamente há um restaurante com esse nome... Guarda! Tome um carro, vá a este endereço e traga-me o sr. Lacroix.

Foi suspenso o interrogatorio. O juiz examinava papeis, tomava notas. O acusado, a um canto, conversava calmamente com o seu advogado, parecendo achar até graça ao acaso que contra ele reunira tantos indícios veementes...

De repente, voltou-se para o magistrado:

— O senhor juiz permite que, por minha vez, lhe faça uma pergunta? Se o senhor mandou buscar esse homem, foi sem dúvida para o confrontar comigo, apurando assim a veracidade do alibi que eu apresento. Quer dizer: uma vez estabelecida a exatidão desse alibi, serei posto em liberdade — provisória, pelo menos?

— Terá ainda que explicar como e porque se encontrava, àquelas horas, num bairro onde as suas obrigações o não chamavam, a tão grande distancia do seu domicilio...

— Nada mais simples. Não tinha que fazer nessa tarde. Passeando simplesmente por passear, cheguei até à Praça de Itália. Agora, em Junho, anoitece tarde. Distraído como ia, enganei-me com a luz do dia. Foi o estômago que me preveniu de que eram horas de jantar. Vi-

vendo sózinho e ninguém, portanto, me esperando em casa, resolvi jantar onde estava. Entrei naquele restaurante como entraria noutra qualquer.

Voltou o guarda com o dono do restaurante.

— Aquí está do que se trata... disse o juiz — De-sejava saber se o senhor poderia reconhecer uma pessoa que diz ter jantado, há quinze dias, no seu estabelecimento. E' este senhor.

— Senhor juiz... Quizera bem dar-lhe uma informação exacta... mas é difficil. Assim, de momento, te-

nho a impressão de que nunca vi este senhor; mas daí a afirmar, garantir...

— No entanto, trata-se dum cavalheiro bem vestido, de maneiras educadas... Dado o bairro em que fica a Praça de Itália, a sua freguezia deve-se compôr, em regra, de operários que farão as refeições com a roupa de trabalho. E quando lá appareça, por acaso, um homem correcto, elegante, deve por força ser notado.

— Não é tanto assim, senhor juiz! Servimos habitualmente cem a cento e vinte jantares. Os nossos freguezes são, em geral, operários, não há dúvida. Há, porem, uma terça parte, pouco mais ou menos, formada por funcionários públicos, empregados do comércio, pequenos proprietários — e não se juntam nos cabides tantos chapéus-altos como bonés, mas sempre há alguns.

— E pode entrar alguém no restaurante sem que o senhor o veja?

— Isso, não. Sou eu que estou à caixa e só deixo o meu posto às dez horas, quando se fecha o estabelecimento.

— Está vendo? disse o juiz ao acusado.

— Vejo apenas que esse senhor me não reconhece. Mas ele mesmo acaba de dizer: isso não prova que eu não tenha estado lá no restaurante.

— E que prova me dá o senhor de lá ter estado?

— Nenhuma, reconheço. A não serem as indicações que já prestei, o detalhe do telefone... Essas coisas, não as inventei.

— Podia tê-las visto, antes ou depois, olhando do lado de fóra. A's vezes até estão inscritas para se lerem a distância, em espelhos, vitrinas...

— Justamente, como lá em casa! confirmou a testemunha.

O acusado deu de hombros:

— Bom, mas não foi do lado de fóra que eu vi. Estava na lista mesma. Além disso, reflitamos. Suponhamos que eu tinha realmente praticado esse crime e queria, para o caso de ser suspeitado, arranjar um alibi. Iria a um restaurante qualquer do bairro, para entrar, instalar-me a um canto, comer, pagar e sair sem ser notado? Está claro que não! Tomaria um carro, iria a um lugar onde fosse bem conhecido, falaria com uns e outros, e hoje dez ou vinte testemunhas viriam afirmar que, às 20 horas e um quarto eu ali estava jantando. Confirmando a minha primeira declaração: Faz hoje quinze dias entre 20 e 21 horas, jantei no restaurante Lacroix. Infelizmente não o posso provar; mas, também, ninguém poderá provar o contrário.

— Mas perdão, senhor juiz... interveio a testemunha. — Creio que haverá um meio. Se este senhor jantou no meu restaurante, talvez se lembre do que comeu. As minhas listas são compostas, uma para cada dia da semana, mas sempre as mesmas. Por exemplo, à segunda-feira, temos, além dos legumes, cosido, perna de carneiro, frango ensopado; à terça...

— E' uma idéia! aprovou o magistrado. — Não precisa de ir mais longe. — E voltando-se para o detido: — Ouviu o que ele disse? Que pratos mandou vir?

— Confesso que assim, de repente, não me lembro.

— Puxe pela memória.

— Creio que já não foi pouco lembrar-me, duas semanas depois, do lugar, do nome do estabelecimento...

— Faça um esforço. Hein? Não pode. E' pena. Seria incontestavelmente uma boa justificação para o seu alibi.

(Continúa na página 42)

**FRAQUEZA CEREBRAL, DISPEPSIA
NERVOSA, NEURASTENIA,
FALTA DE MEMORIA
E PERDA DE
APETITE.**

Neurobio

**O TONICO DO
CEREBRO**

**A' VENDA
EM TODO
O BRASIL**



T. TARQUINO

ROMANCISTAS, páginas de crítica, de Eloy Pontes — Rio de Janeiro, 1942.

O sr. Eloy Pontes é um crítico militante, sempre na estacada. Não existe outro assim. Nunca de certo houve no Brasil quem ao ofício da crítica — e quem já a considerou um ofício? — se entregasse com tal soma de esforço e tal fundo de convicção.

Escrever acerca dos livros alheios, analisar e julgar a obra doutrem... Toda a gente considera isso um mister incômodo, se não até perigoso. Basta dizer-se que moderar o elogio é passar por mesquinho e exagerá-lo ganhar fama de tolo. Conseguirá de algum Sainte-Beuve encontrar a apreciação justa, exata, incontestável? Mas a esse sucederia o pior de tudo: não agradar nem desagradar a ninguém.



Eis certamente porque certos críticos recorrem a rodeios e divagações, ao fim dos quais se não sabe ao certo se eles acharam o livro vigoroso ou debil, brilhante ou baço, moral ou imoral, em suma: bom ou mau. Os chorrilhos de erudição, as tiradas filosóficas, as dissertações de sociologia, etnografia, mesologia etc. ocuparam o espaço destinado pela direção da folha ao seu aristarco titular. Quanto à opinião pessoal deste pontífice sobre a obra propriamente em questão, ficamos sem a conhecer. E talvez seja melhor assim!

O sr. Eloy Pontes exerce a crítica sem pedantismo, sem hipocrisia, nenhum artifício, nenhuma convenção. E sem dúvida lhe dá — nas horas em que não está escrevendo os seus próprios livros — o melhor dos seus cuidados e da sua energia laboriosa. Todos os dias o vemos, nas suas colunas do *Globo*, com a pontualidade dum operário, o escrúpulo dum mestre, o ardor dum soldado. Em cada período, em cada frase se sente a sua extraordinária sinceridade. Expande os seus entusiasmos como as suas indignações e os seus despresos. E chega a parecer que, se um dia, por qualquer motivo, um caso de mera sensibilidade humana, ele quizesse atenuar o seu louvor ou agravar a sua censura, não poderia, não saberia.

Merecerá por isso o sr. Eloy Pontes a reputação de infalível? Quem no mundo das letras ou no mundo inteiro a merece ou já mereceu? Mas a uma inteligência superior e a uma rara ilustração alia ele, inconfundivelmente, a virtude entre todas preciosas, que é a probidade. O presente volume, que não vai além de cem páginas e não encerra a centésima parte dos seus trabalhos de crítica, bastaria, no entanto, para o impôr ao respeito de toda a sorte de leitores — e de autores também.

Og, contos de Adalgisa Nery — Rio de Janeiro 1943.

Og é o título do primeiro conto. E é o nome do protagonista dessa história de amor e desespero.

A rigor, Og não tinha pela esposa a afeição de marido, muito menos a de amante. Trabalhava o dia inteiro na terra, e, de volta a casa, comia com a satisfação da tarefa bem cumprida e da recompensa bem ganha a refeição que Josefa lhe servia silenciosamente e sem o olhar. Mas, um dia, labutando no amanho do torrão, entra Og a cismar que tem mulher mas não tem filhos; e estes se tornam necessários à sua natureza rústica, primitiva, tanto quanto a sopa e o pão que o esperam no lar. Nessa tarde, volta mais cedo, com a ansiedade de comunicar à companheira e debater com ela aquele problema súbito da sua vida. E' justamente quando um velho amigo de seu pai faz a Og a revelação de que a esposa o traiu com um visinho. E, interrogada, Josefa confessa. E' caso análogo ao do conto em verso de Artur Azevedo *Desejo de ser mãe*, mas tratado com a gravidade, a intensidade que, poeta-teatrologo lhe não quiz dar. A revolta de Og tragicamente se desencadeia não contra a esposa, o que seria muito pouco, mas contra toda a natureza. E ele aí vai campo fóra, chicoteando as árvores, derrubando e espezinhando as plantas, querendo exterminar à face da terra as flores e toda a beleza criada.



— Quem é Og? Onde se passa a história? A sra. Adalgisa Nery não a localiza. Como diriam os telegramas da guerra, o caso se dá "algures, no mundo". E, apesar do emprego de certas formas populares a que alguns novelistas modernos debalde tentarão dar fóros de boa linguagem, a sua eloquência se nos comunica e deveras nos impressiona.

A sra. Nery gloza em outras páginas o estado de espírito, de nervos ou de sentimento em que a gente deixa de saber o que seja a realidade ou a aparência das coisas, dos fatos, da vida. Assim Pirandello, em *Così è (se vi pare)*, coloca o personagem diante dum espelho, perguntando-se a si mesmo e à sua imagem qual é o ser vivo, pensante, sensível, e qual o que reflete passivamente o outro. No trabalho *Imaginação e realidade*, do presente volume, conta a autora... ou a sua heroína:

"Quando abri os olhos fiquei na dúvida se o que pensei aconteceu, ou se imaginei. Afinal, que é que não acontece? Às vezes o pensamento vem depois da ação, outras vezes ela chega antes. Então, a gente começa a dizer que apenas imaginou. Por que?"...

E na *Mulher na serra*:

"Ninguém tem certeza do que afirma. Se vemos uma cor verde não é conveniente que afirmemos que é verde porque um daltônico não a vê assim com este nome. Os oculistas explicam o fenômeno, mas eles também podem estar errados..."

O rariocínio parec-r-nos-á forçado... Mas o de Pirandello, em certas novelas e comédias, também. E é bastante que a sra. Adalgisa Nery dê interesse e brilho, como dá, às suas divagações paradoxais.

IDEÁRIO POLÍTICO DE GETÚLIO VARGAS, seleção e comentário de Raul Guastini, prefácio de Osvaldo Orico — São Paulo, 1943.

Diz-nos o sr. Raul Guastini que do "Ideário Político de Simon Bolívar" colheu a idéia de organizar o presente volume. O seu trabalho obedeceu, porém, a um critério independente, tanto quanto possível próprio.

Relendo e anotando os volumes que contêm os discursos proferidos em certas celebrações, certas solenidades, certos momentos de significação histórica, pelo sr. Getúlio Vargas, sobretudo procedeu o sr. Guastini com o cuidado do cronista para quem a nobreza dos conceitos e a correspondente propriedade da linguagem valem e merecem acima de tudo. Para intensificar o interesse do livro, evitou, está claro, até onde possível, as repetições de motivos, a aproximação das teses a apresentar ou a defender. Não há, porém, pode-se dizer, em todo o programa de combatente ou de governante do sr. Getúlio Vargas, problema, projeto ou cometimento que nestas páginas não venha suficientemente exposto e explicado. E certas orações ou trechos de oração aqui registados, como *O idioma de duas Pátrias*, *A imprensa e a cultura popular*, *Retorno à terra natal*, *Evocação do Brasil*, tantos outros que ficaram na memória de quem os ouviu ou leu, nunca serão demasiadamente repetidos nas antologias nem divulgados em excesso por qualquer genero de publicações.

O sr. Raul Guastini dá em "fins de página" a informação ou pormenor que cada discurso ou alocução possa requerer. E ainda aí a sua inteligência e o seu bom gosto se fazem notar.



MOVIMENTO

MENTIRA! romance de Bettina Diniz — Rio de Janeiro.

A sra. Bettina Diniz é uma romancista combatente. Não se limita, como em geral os autores do gênero, a observar e comentar — de fóra. Para ela, o entrecabo novelesco constitui principalmente um pretexto para analisar, discutir os aspectos sociais, apontando implacavelmente todos os erros, condenando sem piedade todos os vícios. Não se deixa ficar como espectadora dos conflitos entre a inteligência e o preconceito, o verdadeiro progresso e a tradição refalsada. Toma extremada e ostensivamente o seu partido. Entra na batalha de corpo e alma.

Tendo tomado um personagem em pleno prestígio, plena vitória intelectual e moral, enche com a sua individualidade atual o primeiro capítulo do livro; mas no segundo, vai buscar as causas e as razões, desde a primeira infância, que dele fizeram o homem de hoje. No desenvolver da sua história, não perde a sra. Diniz ensejo de agitar com denodo as questões da hereditariedade, da educação, do meio. Mete resolutamente a foice na seara freudiana. O seu protagonista vence as condições adversas, todas as contingências hostis à sua carreira, ao seu triunfo na vida. E', porém, infeliz no casamento, como pode ser o indivíduo mais vulgar. Depois, quando pensa em refazer a existência, com a esperança de conquistar a definitiva ventura, a força da lei e as exigências da sociedade o impedem de realizar o tão merecido ideal. E, interpretando então o pensamento da autora, o herói murmura, de punhos cerrados, e na linguagem ora fácil ora enfática, em que a obra se desenvolve: "Mentira! Mentira é esta sociedade hipócrita e perversa; Mentira é esta religião que não consola jamais e que luta contra as leis sagradas da natureza; Mentira é este mundo que maltrata, que espalha a dor e o sacrifício; Mentira é esta humanidade que não tem coragem para se libertar do guante pavoroso dos preconceitos; Mentira são todas as convenções sociais que tramam contra o homem — a eterna vítima!"

J. L.

SAMUEL CAMPELO — (1889-1939)

Para todos aqueles que se interessam pelo teatro nacional e sua gente, e para os que admiram, de um modo geral, a vida agitada dos idealistas, esta coletânea — *in memoriam* — bem merece as atenções de uma leitura.



Samuel Carneiro Rodrigues Campelo veio do engenho de Arimunã, de cujo proprietário era filho. Trazia assim, na massa do sangue, essas qualidades inconfundíveis da aristocracia rural nordestina que nem um curso inteiro de faculdade de direito nem o trato contínuo com o Estado, no desempenho de diversas comissões, conseguiram banir do seu espírito.

Orador, escritor, jornalista, homem de leituras e de programas, destacou-se nele, acima de tudo, um acendrado amor ao teatro. Seu sonho era ver o Recife transformado em um grande centro artístico, cheio de companhias que revelassem continuamente valores novos.

Consagrou o melhor de suas energias ao Teatro Santa Izabel onde, como administrador, tentou concretizar o seu velho projeto de uma *escola de teatro*, em Pernambuco, com o grupo *Gente Nossa*.

Reunindo o que disse a imprensa de todo o país sobre a personalidade de Samuel Campelo, a homenagem de seus amigos é perfeitamente justa. E' quasi um prêmio à memória daquele que, em vida, teve tantas decepções...

FAZENDO A AMERICA, de I. Serro Azul, Edição do Dr. Dicesar Plaisant.



O sr. I. Serro Azul, da Academia Paranaense de Letras, procurou fazer um pouco de crítica social nesta novela. A sociedade indígena mantém certos hábitos de conduta bastante condenáveis. Entre outros, o modo de tratar o estrangeiro. Acha que somos sistematicamente cortezes com os filhos de outras pátrias, costumes esse cujas consequências nos tem saído caras.

Põe êle em campo personagens-símbolos, brasileiros, alemães, italianos, com os quais manobra em longos diálogos, insípidos em alguns trechos mas, em conjunto, nunca despidos de uma certa originalidade.

Felizmente, nota o próprio autor que o povo brasileiro, "a melhor gente do mundo pela sua educação, pela sua lealdade, pelos seus sentimentos nobres e liberais", não se pode confundir de modo nenhum com esse grupo de *snobs* que desempenha consciente ou inconscientemente o papel quinta-coluna.

De 154 páginas, constitui uma leitura leve, destinada em particular àqueles que já adquiriram o hábito salutar de ler do Eixo.

MACAU, INFERNO DO JOGO, de Maurice Dekobra — (Editora Vecchi — Rio 1943) —



Quem admira os romances de aventuras, a crônica dessas vidas que se agitam nos grandes entrepostos cosmopolitas, num choque tremendo de tendências, numa competição violenta de desígnios, encontrará, nas 229 páginas deste livro, copioso manancial de emoções.

Macau, a colônia longínqua de Portugal, no Oriente, é um desses portos *ponto-de-encontro* de tipos dissemelhantes da fauna humana. Orientais e ocidentais, agentes rebeldes chineses e comerciante de material bélico, contrabandistas de ópio, espiões e piratas de toda espécie...

Esse atrito formidável de personalidades tão distintas, apresentará, certamente, aspectos curiosos, que, uma vez observados por um escritor inteligente, constituem um rico material de romance.

Macau, inferno do jogo escrito por um artista internacional, homem que se consagra a cruzar os mares a reproduzir romances que tenham por cenários as terras distantes do planeta, vem reafirmar o êxito de seus livros preceden-

LITERÁRIO

tes, *Poker de almas* e *A gôndola das quimeras*. Outrosim, a tradução do sr. Abelardo Romero e a apresentação material da edição, significam uma garantia de sucesso para a mesma.

TORMENTA SOBRE A CIDADE, de Máximo Gorki — Rio — 1943



Um dos povos mais extraordinários do mundo é o povo russo. Habitando regiões situadas entre a Europa e a Ásia, traz, por esta circunstância de ordem geográfica, o estigma de uma herança bicontinental. Daí a complexidade de suas atitudes, as crueldades, os regicídios, as revoluções, o misticismo quasi selvagem dos mujiks e a angústia de seus homens de espírito, cuja sensibilidade constitui um termômetro na procela que os rodeia.

Uma vez conhecidos no mundo ocidental, através das edições francesas, os escritores russos ganharam um enorme publico, em toda a Europa e na América.

Entre esses escritores destaca-se, em primeiro plano, Máximo Gorki. Sua projeção não decorre das idéias políticas que acidentalmente abraçou; é um artista em si mesmo, um artista russo no que esta palavra significa de mais forte e de mais amplo.

Publicando *Tormenta sobre a cidade*, numa tradução do sr. J. da Cunha Borges, a Casa Editora Vecchi Ltda., prestou mais um bom serviço àqueles que, no Brasil, admiram os belos romances. Os livros dos verdadeiros mestres.

ENSAIO SOBRE A TÁTICA ALEMÃ, do tenente-coronel Armand Mermet — (Biblioteca Militar — Vol. LXI — 1943).



Condenando embora o programa político-militar a que se consagrou a Alemanha não podemos deixar de reconhecer no seu povo as qualidades de disciplina e de trabalho que tornaram possível essa mobilização total de energias com que ele está fazendo a presente guerra.

O esforço germânico notabilizou-se, sobretudo, na parte militar, tendo seus exércitos, maravilhosamente equipados, promovido uma verdadeira revolução na arte bélica. A tática do exército alemão é uma adaptação ousada, à base de audácia e de rapidez, das concepções militares tradicionais e permanentes que lhe são próprias, aos progressos técnicos do armamento e do motor, e às necessidades tiradas da experiência da guerra no que concerne aos efeitos do fogo — escreveu o Autor no prefácio.

Traduzido pelo major Salm de Miranda e pondo ao alcance dos militares brasileiros o conhecimento dos particulares mais interessantes da técnica de guerra moderna, o volume constitui mais uma publicação útil da B. M.

MARTIM SOARES MORENO O "guerreiro branco" de "Iracema", por Heitor Marçal — Rio — 1943.

Martim Soares Moreno foi um desses plantadores de civilização, aventureiro que enfrentou o deserto, a terra virgem, lançando as bases primeiras do domínio militar e do povoamento.



Fundador do Ceará, não seria o mero acaso deste fato o motivo único de sua imortalidade histórica. Teve um valor pessoal inconfundível, uma capacidade de trabalho e de luta que bem evidenciam pertencer ele àquela família de heróis, àquele clan de gigantes, que construíram a glória de Portugal.

Passou uma existência bastante acidentada. Vencedor do gentio, guerreiro incansável frente ao estrangeiro invasor, à natureza — frente ao próprio mar — teve uma vida quasi romanesca, não lhe faltando nem mesmo a consagração lendária, pelas páginas poéticas do livro de Alencar.

Nas viagens marítimas, por exemplo, nunca se saiu, de todo, bem. Em uma delas chegou a cair prisioneiro de piratas franceses, que o conduziram à Metrópole, onde seria julgado e condenado à morte; uma interferência diplomática, porém, salvou-o, restituindo-o à Pátria.

Tudo isso basta para justificar uma biografia. Objetivo, esforçando-se, sobretudo, por atingir um máximo de verdade histórica, através dos 14 capítulos, o autor escreveu o seu trabalho, baseado nas melhores fontes sobre o assunto, narrando a vida material do guerreiro — humanizando-o aos olhos do leitor.

MADEIRAS DE CONSTRUÇÃO DE SANTA CATARINA, por Henrique Boiteux — Departamento Estadual de Estatística — Santa Catarina.

São famosas as madeiras do sul do Brasil. Famosas, desde priscas eras, pois, segundo a tradição, até mesmo antes da descoberta alguns navegantes vinham buscá-las em nosso litoral, para comerciar na Europa. Durante todo o tempo em que eram usados, em larga escala, navios de madeira, as florestas sulinas forneceram volumosa quantidade de material para a confecção dos bergantins e das galeras.

Depois, desprezada, em parte, nas construções navais, porém de largo emprego em numerosos outros setores, as madeiras continuam a constituir, por isso mesmo, uma grande riqueza nacional.

Precisamos zelar por ela. Tal coisa, entretanto, não poderemos fazer se não

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda, no interior ou na capital da República, constará na própria capa do número a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

tivermos um conhecimento positivo deste patrimônio. E não poderemos conhecê-lo senão estudando-o.

"Henrique Boiteux estudou as madeiras catarinenses sob o aspecto botânico e a sua imediata aplicação. Alinhou-as a jeito de dicionário, para apresentá-lo ao IX Congresso de Geografia, que o recomendou à publicidade, empós sanadas determinadas deficiências, a posteriori corrigidas".

A. M.

ANTOLOGIA BRASILEIRA, de Jonathas Serrano — S. Paulo. 1943

A bibliografia de Jonathas Serrano é copiosa, abrangendo literatura, didática, teses, opusculos e trabalhos outros de variada espécie. Recomenda-se ao escritor que não deixe passar dia sem linha, o autor da *Antologia Brasileira* vai sempre muito além do conselho.

Professor consagrado, ascendendo no magisterio com laboriosa honestidade, fazendo questão de muito estudar para bem ensinar, Jonathas Serrano com o seu recentíssimo livro volta-se de novo para a didática.

Tendo firmado claramente os intuítos da obra em vinte e oito páginas de introdução, reúne em seguida o Autor excertos de escritores brasileiros e portugueses, estes em menor numero. Precede os excertos de cada poeta ou prosador de notas biográficas de maior ou de reduzida indicação, e no final dos excertos deixa algumas observações tendentes a facilitar explanação a docentes e compreensão a discentes.

Na *Antologia Brasileira* confirma o Autor o método, a experiência pedagógica, a certeza de informações que distinguem os seus livros, por isso mesmo apreciados, procurados e guardados. Não é cousa para qualquer autor, mormente na didática, genero na qual ao proveito e ao apreço muitos são chamados e poucos escolhidos.

E. D.

TRABALHO E SEGURO SOCIAL

Recebemos o primeiro volume de *Trabalho e Seguro Social*, revista mensal especializada, que vem de ser lançada sob a direção dos srs. Silvestre Péries e Cavalcanti de Carvalho, aquele Presidente do Conselho Nacional do Trabalho, este advogado no Distrito Federal e autor das obras *Direito, Justiça e Processo de Trabalho* e *Consolidação das Leis do Trabalho*, editadas pela Cia. Editora Americana, com real sucesso.

O volume, com cerca de duzentas páginas, apresenta feição gráfica agradável e contém um índice rico: matéria variada, não apenas de doutrina, como legislação e jurisprudência. É digno, igualmente, de menção o número e qualidade dos colaboradores que figuram no frontispício da publicação em apreço.

A novel revista técnica auguramos vida longa e próspera.



Escragnolle Doria

FEIXE DE LEMBRANÇAS

COINCIDENCIAS CURIOSAS

Em 1863, subcrevendo-se C. da C., alguém deu á publicidade uma série de coincidencias curiosas relativas aos imperadores do Primeiro e do Segundo Reinado. Com paciência sobre verdade, o pesquisador de 1863 apontou coincidencias assinadoras dos reinados de Pedro I e Pedro II.

Pedro I nasceu numa sexta-feira em 1798, Pedro II numa sexta-feira em 1825. Pedro I privou-se do ministerio Andrada em 1823, Pedro II de outro ministerio Andrada, o da Maioridade, em 1840. Pedro I venceu em Pernambuco a Confederação do Equador em 1824, Pedro II viu dominadas revoltas em S. Paulo e Minas em 1832.

O primeiro ministerio de D. Pedro I teve por ministros do Imperio e da Fazenda José Bonifacio e Martim Francisco, por ministro da Justiça um brasileiro adotivo, o visconde da Praia Grande. O primeiro ministerio de D. Pedro II maiorisado teve Antonio Carlos e Martim Francisco por ministros do Imperio e da Fazenda, por ministro da Justiça o brasileiro adotivo Limpo de Abreu, futuro visconde de Abaeté.

Preceptor de D. Pedro I foi frei Antonio de Arrabida, bispo titular de Anemuria; preceptor de D. Pedro II frei Pedro de Santa Marianna, bispo titular da Crisopolis.

D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro, questionou por motivo da sagração de Pedro I; D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, outro bispo do Rio de Janeiro, contendeu com o arcebispo da Bahia por causa de ceremonial na sagração de D. Pedro II.

No reinado de Pedro I o brigadeiro Lima e Silva venceu revolta em Pernambuco; no reinado de Pedro II o barão de Caxias, filho do brigadeiro, derrotou as revoltas de S. Paulo e Minas.

No primeiro Reinado foram deportados para a Europa um ex-ministro, José Bonifacio, um advogado morador na rua da Ajuda, José Joaquim da Rocha, um conego, Belchior Pinheiro de Oliveira. No segundo foram deportados para a Europa um ex-ministro, Limpo de Abreu, um advogado morador na rua da Ajuda, França Leite, um conego, Geraldo Leite Bastos.

O brigadeiro Lima e Silva foi ajudante de campo de D. Pedro I, Caxias de D. Pedro II.

D. Pedro I perdeu primogenito, D. João Carlos; D. Pedro II perdeu primeiro filho, D. Afonso Pedro Cristino.

Em 1863 não podia prever o ajuntador das "Coincidencias Curiosas" que, tendo D. Pedro I abdicado por efeito de movimento revolucionario, D. Pedro II seria destronado por outro movimento tambem de carater militar "cedendo o destronado ao imperio das circunstancias", para se revelar silente patriota na grandeza e mudamente altivo no infortunio.

MATRICULAS VICE-REAIS

Instituições privativas de Portugal e do Brasil, as Santas Casas da Misericórdia tiveram por fundador o monge espanhol frei Miguel de Contreiras, por protetora primeira uma rainha, D. Leonor, mulher de D. João II e confessada de frei Miguel.

Na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, de tanta lembrança originaria em Anchieta, dous vice-reis foram provedores da irmandade a cujo cargo estava e está a manutenção da Misericórdia carioca ramificada em estabelecimentos pela cidade.

No livro de matriculas da Irmandade se lê, no desbotar dos documentos antigos, o seguinte assentamento.

"O Illmo Exmo Snr Conde de Rezende Vice Rey e Capm Gal deste Estado foy ademitido por Irmão desta Santa Casa e unanimemente Eleito Prvor em 5 de Julho de 1793 sendo Provedor o Irmão Pedro Cunha de Moraes do que mandou fazer este termo que assignou e Eu Domingos José Pereira Escrivam actual o escrevi e as signey — Pedro Carvalho de Moraes".

A circumstancia ocasional do conde de Rezende ser vice-rei no Rio de Janeiro no momento da ultima fase da Inconfidência Mineira lhe tem desfavorecido a memoria. Provedor da Misericórdia, o conde de Rezende brilhou por serviços, sobrelevada a dedicação especial do provedor á sorte dos expostos perfilhados pela caridade.

O livro de matricula dos irmãos da Misericórdia recebia em 1802 o assentamento seguinte:

"O Illmo Exmo Snr D. Fernando José de Portugal, Visse Rey deste Estado e filho do Illmo Exmo Snr Marquez de Valença, batisado na freguezia dos Reis do Campo Grande na cidade de Lisboa, foi admitido por Irmão a 30 de Junho de 1802 sendo provedor o Capam Francisco de Araujo Pereira que lhe deferio o juramento".

A' margem da matricula: Faleceo a 25 de Janeiro de 1817 e se fizerão os sufragios do costume.

Dada a qualidade do vice-rei irmão é de crêr que os sufragios da irmandade fossem alem de missa rezada de seis velas no altar e um padre a rezar baixinho.

D. Fernando José de Portugal exercera a provedoria da Santa Casa em 1802 e 1803, tendo por antecessores o conde de Bobadella, o marquês de Lavradio e o conde de Rezende, o primeiro da lista em vespas de vice-rei quando o colheu a morte em dia de Ano Bom.

Nem se encarem estas informações sem a de ter tido o Rio de Janeiro uma travessa do Provedor, parte da rua da Quitanda, tal nome em honra ao provedor da Santa Casa, dr. Francisco Cordovil de Siqueira e Mello, um dos fundadores da Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e dono de varios prédios na rua da Quitanda. Disse-o Vieira Fazenda, conservador-mór da cronica do Rio.

SEGUNDO REINADO

Exercendo funções majestaticas, por ele consideradas de simples primeiro funcionario da nação, vigiava D. Pedro II a causa publica, com incômodo ou irritação de fiscalizados; D. Pedro II, porem, prestava especial atenção a tres instituições nacionais e a uma instituição pia. O Senado do Imperio, o Conselho de Estado, o Colegio de Pedro Segundo eis as instituições ás quais D. Pedro 2.º dedicou zelo particular. Procurava para elas pessoas que correspondessem á natureza e constancia de um corpo legislativo inamovível, aos fins de um corpo consultivo esclarecido, ao proveito de um corpo docente seleto. A faculdade constitucional da escolha de senadores, a indicação dos conselheiros de Estado como chefe do poder executivo, a presença aos concursos para as cadeiras do Pedro Segundo, tudo isso concorria para que direta ou indiretamente o imperador vetasse sem prejuizo indicação redundando no desprestigio das tres instituições nacionais já apontadas.

Acompanhava D. Pedro II os trabalhos e as escolhas de socios do Instituto Historico ao qual reservou tantas tardes, presidindo sessões magnas ou ordinarias sob tecto do Paço da Cidade, D. Pedro II dando ás sessões magnas do Instituto não só augusta presença como a de membros de sua familia.

No tocante a escolhas senatoriais o imperador exercia uma especie de promoção e fiscalisação de servidores do paiz, por serviços de toda ordem. Honrava privilegiados de intelligencia ou colaboradores do progresso nacional, tanto senatorisando um Bom Retiro como um barão de Antonina.

Para ingresso no Senado, D. Pedro II, escolhendo nas listas eleitorais, não mostrava simpatia aos ministros de Estado candidatos á assembléa dos vitalícios. O exemplo mais conhecido da falta da simpatia imperial no caso, tiveram-o as impaciencias de José de Alencar, desejoso de cadeira onde a tivéra o pai, o padre Alencar.

Candidaturas senatoriais eram um como que mastro de Cocanha, para não dar ao mastro, em português, um nome por demais prosaico e de substancia escorregadia. Pela eleição o candidato que mais alto subia, por tanto mais proximo da cadeira cobiçada, era ás vezes o que mais depressa descia para o tombo da desilusão. Na Guerra dos Mascates de Alencar se encontra memoria das dôres das supinação.

Só a cabo de tres listas senatoriais conseguiu Zacarias ser senador. Abaeté, candidato a senador por Minas desde a Regencia, só em 1847 alcançou Senado, o mesmo acontecido a José Clemente até representar o Pará por escolha de 1842. Martinho Campos, candidato a senador por Minas desde 1863, se teve por tal em 1882 ao organizar ministerio. Ele proprio o qualificou de "carôa" na qual abriu espaço no panetão a tres sucessivos ministros da Marinha; Alfonso Penna, Paula Souza e Carneiro da Rocha.

MEM DE SÁ

Estivemos, ao que parece, em Março de 1943; ao que parece, pois o mundo vive na maior incerteza registrada pela Historia. Certo, porém, a 2 de Março de 1572 abrir-se sepultura para receber os restos mortais do terceiro governador geral do Brasil, Mem de Sá, da cidade do Salvador administrando o nosso paiz desde 1557.

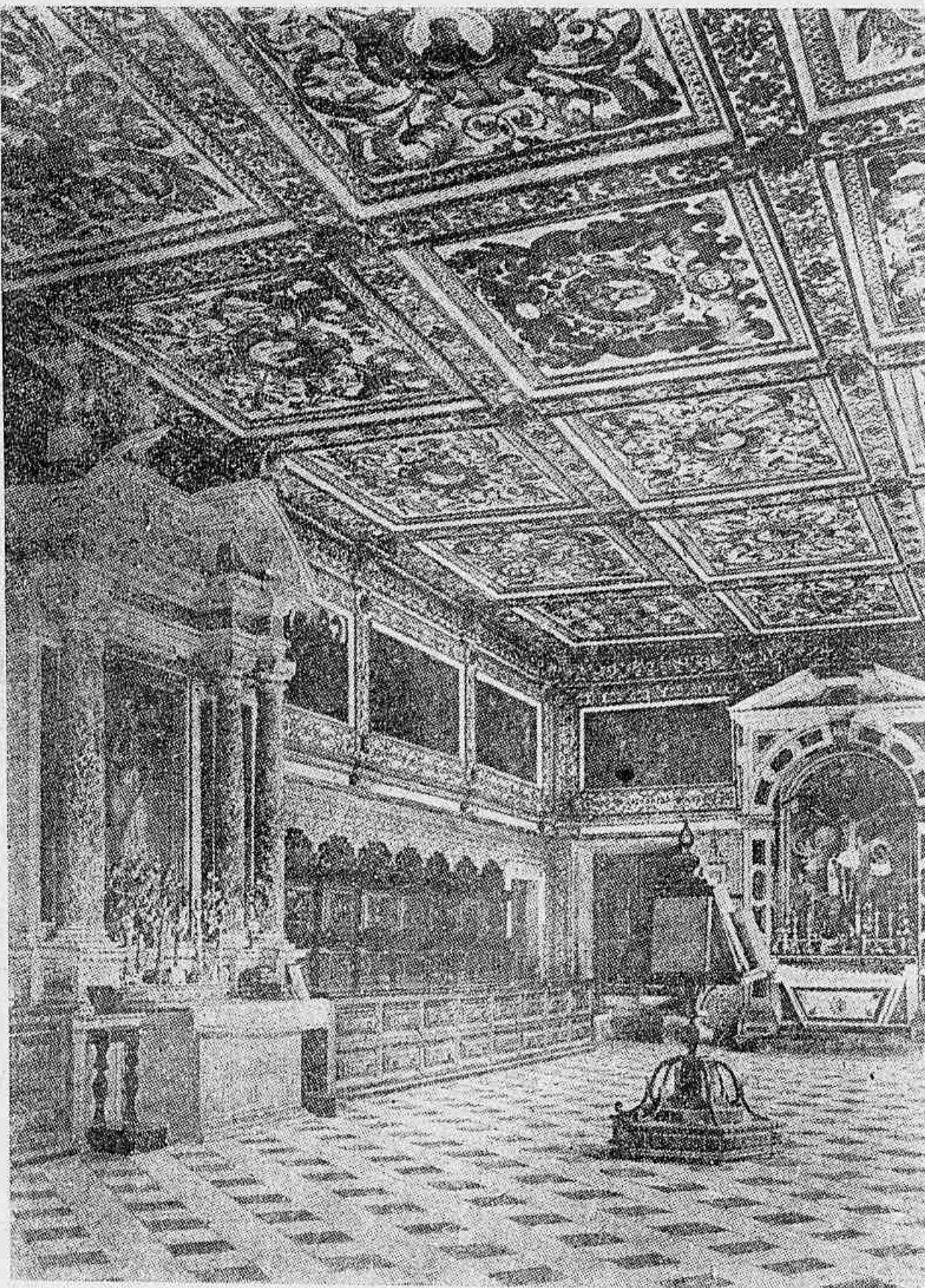
Vergado de anos, saudoso de lar, instava Mem de Sá por substituição, pois, no meado para servir cargo por triennio o desempenhava quasi havia tres quadrienios. Mal atendido pela corôa, Mem de Sá dirigia-lhe, desde 1560, urgente pedido de sucessão na governança, o Atlantico entre o desejo de Mem de Sá e a côrte de Lisboa, o Tejo muito longe da Bahia de Todos os Santos.

Aquele desejo Mem de Sá o exprimira nos seguinte termos. "Peço a Vossa Alteza que em paga de meus serviços me mande ir para o Reino e mande vir outro governador; porque afianço a Vossa Alteza que não sou para esta terra. Eu nella gasto mais do que tenho de ordenado, o que me pagam é em mercadorias, que me não servem. Eu vi sempre ter guerra e trabalhos onde hei de dar de comer aos homens que vão pelear e morrer, sem soldo, nem mantimentos, porque o não ha para lh'o dar. Sou velho, tenho filhos que andam desagasalhados; uma filha que estava no mosteiro de Santa Catharina de Evora, mandou frei Luiz de Granada que se sahisse. Não sei quanto serviço de Deus nem de Vossa Alteza foi deitar uma moça de um mosteiro na rua, sendo filha de quem o serve no Brasil".

A petição de Mem de Sá, de linguagem digna e altiva ante o trono, pôde admitir notas marginaes. Compreende-se o desgosto de quem procurando bem servir se via mal ajudado. Não só lhe faltava apoio como dinheiro, o ordenado de governador geral de trescentos mil réis annuos, o resto de proventos pagos á comunista, em mercadorias.

Doia-se Mem de Sá com a sorte dos soldados d'el-rei, pungia-o ausencia da familia desamparada por longo espaço de tempo, sabendo o pai, por sobrecarga de coração, do procedimento de frei Luiz de Granada, fóra das obras de misericórdia se de cercilho para constar e de burel para iludir.

Afinal chegou a suspirada ordem de regresso a favor de quem cumprira dever alem do dever, e só alcançara mercê dentro da cova. Isto não acontece só a Mem de Sá, lembre-se cada um dos casos que conhece.

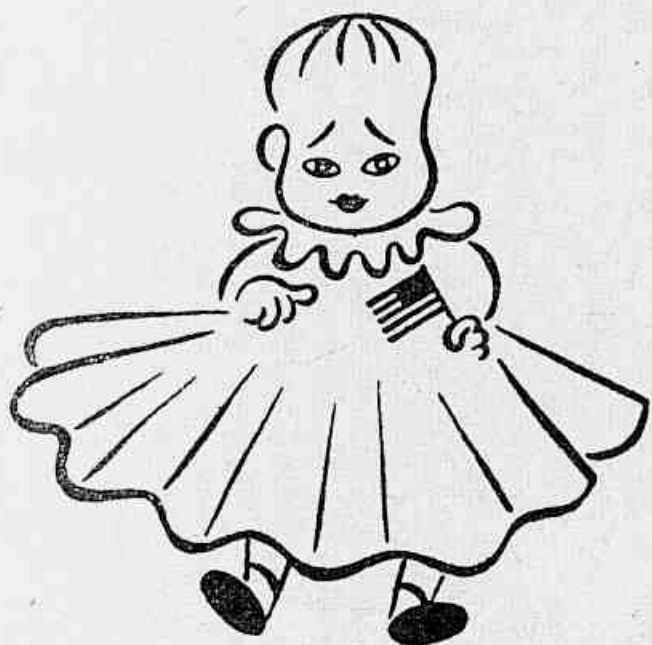


Bahia colonial. Parte da sacristia do Colegio dos Jesuitas.

UMA CURTA BIOGRAFIA DO PRESIDENTE ROOSEVELT

por OSCAR BERGER

Por ocasião do 61º aniversário do Presidente Roosevelt, "O The New York Times Magazine" publicou a deliciosa página abaixo, da autoria do famoso caricaturista americano Oscar Berger, a qual, data venia, aqui reproduzimos.



O bebê Franklin Delano Roosevelt, nascido em Hyde Park a 30 de janeiro (1882).



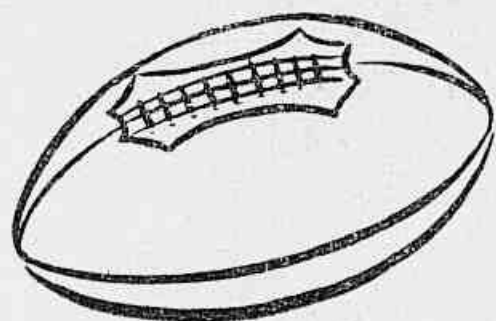
Um menino levado, aos seis anos.



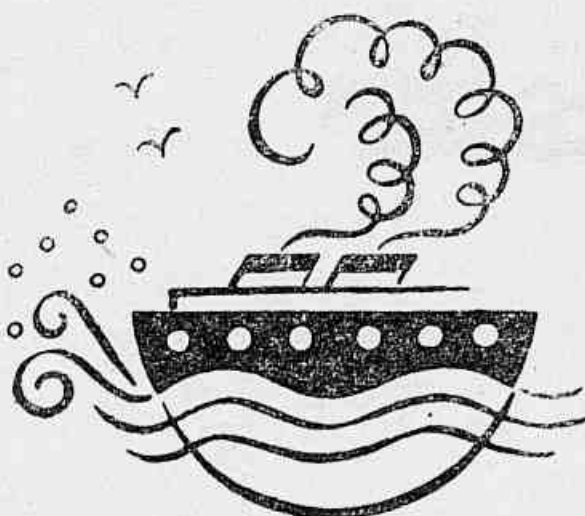
Casado com a prima Eleonor (1905).



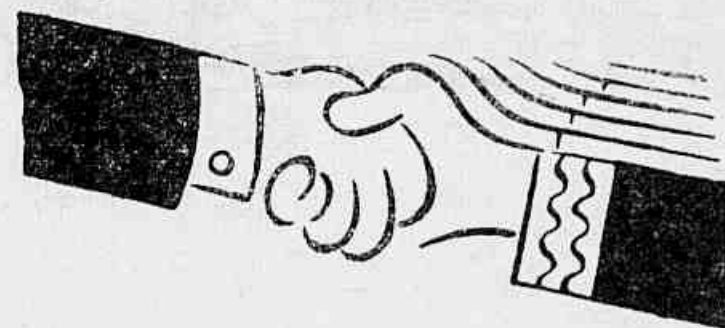
Eleito Presidente dos Estados Unidos (1932).



Franklin na Escola de Groton (1896-1900).



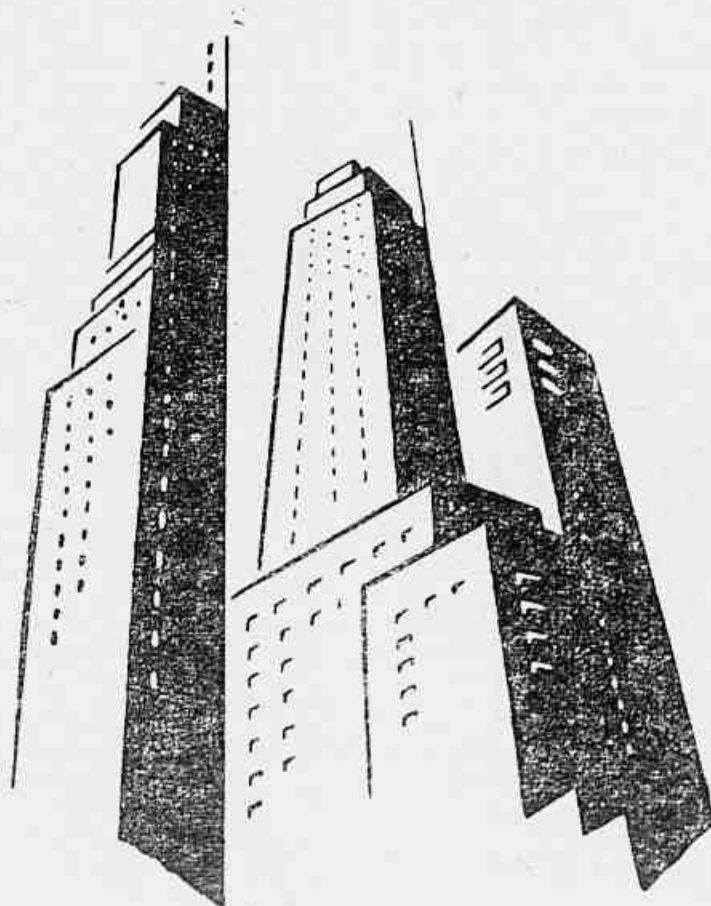
Aos 32 anos, escolhido para Secretário Assistente da Marinha, durante a Guerra Mundial n. 1 (1913-1920).



Continua a retribuir apertos de mão... Presidente pelo segundo período (1937).



Treinando para jurisconsulto, nas Universidades de Harvard e da Colúmbia (1906-1907).

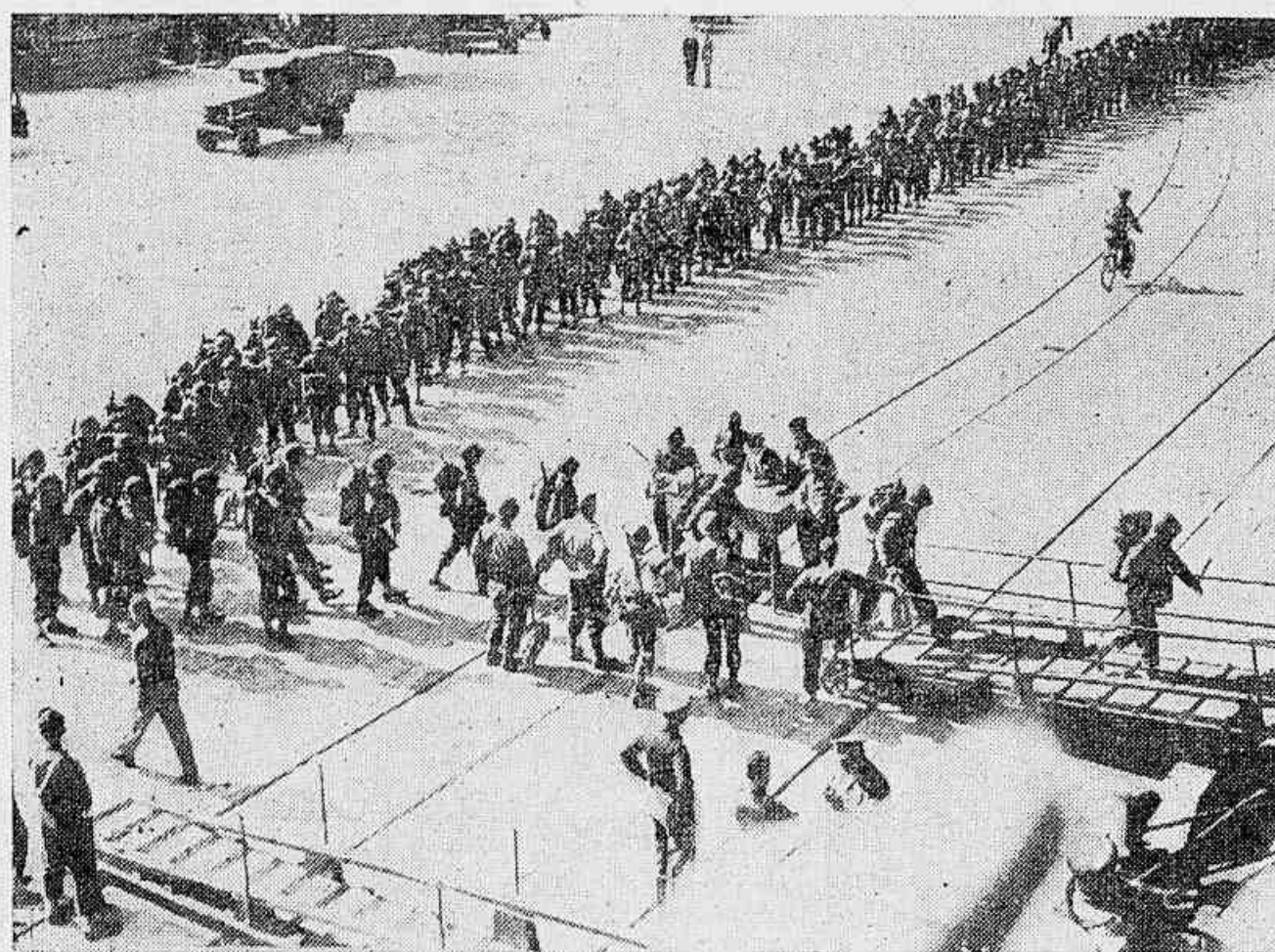
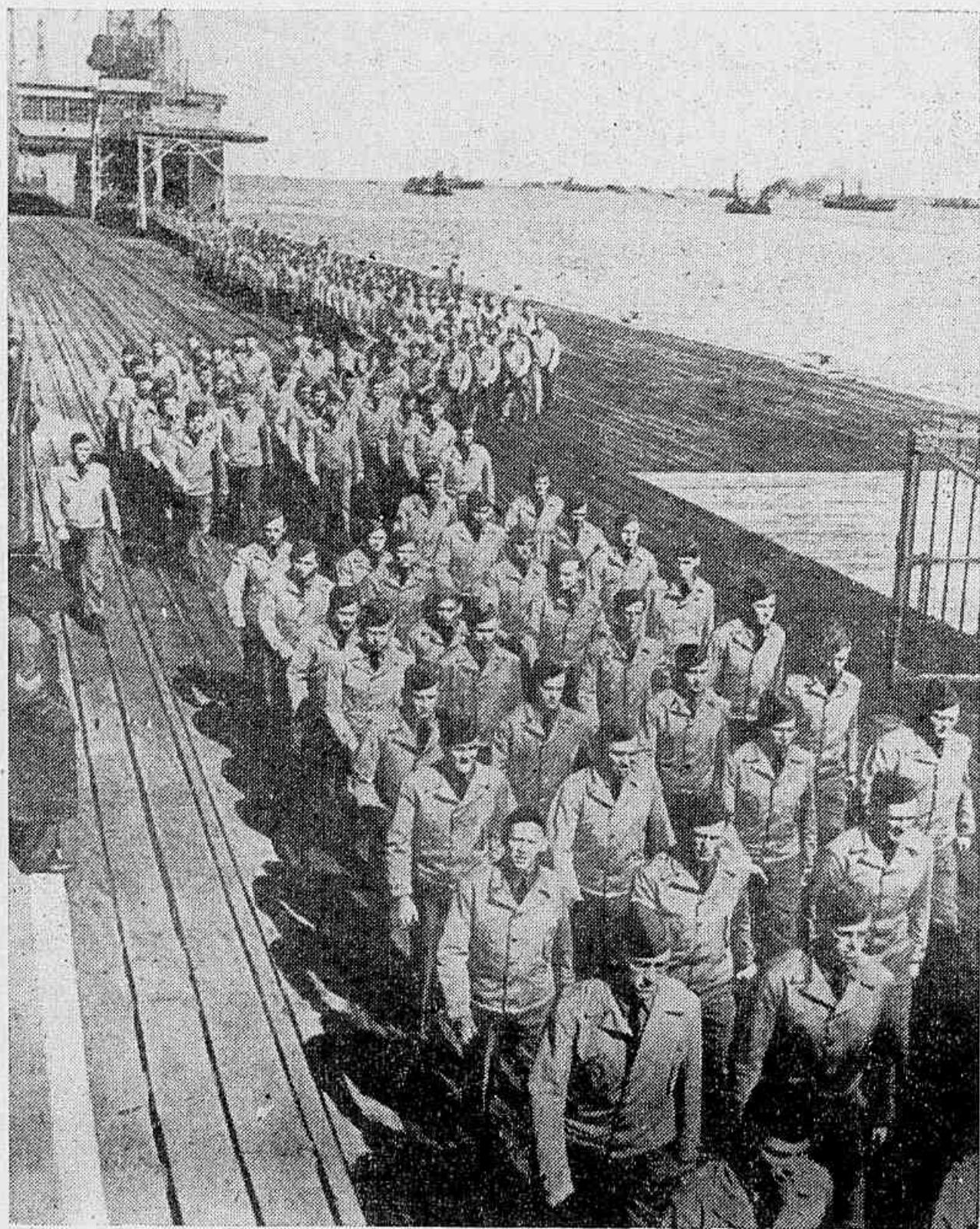


Restabelecido milagrosamente de longa enfermidade. Eleito Governador do Estado de New York (1928).



Presidente pela terceira vez. Assina a Carta do Atlântico (1941).

SOLDADOS DE TIO SAM



Ninguém viaja mais nestes dias. São os maiores turistas do momento. Turistas, não munidos dum "Baedeker", com estátuas, pinturas e monumentos marcados a estrelinhas, mas com o seu fusil metralhadora, o seu paraquedas amarrado às costas, a sua mochila grauda para as grandes jornadas.

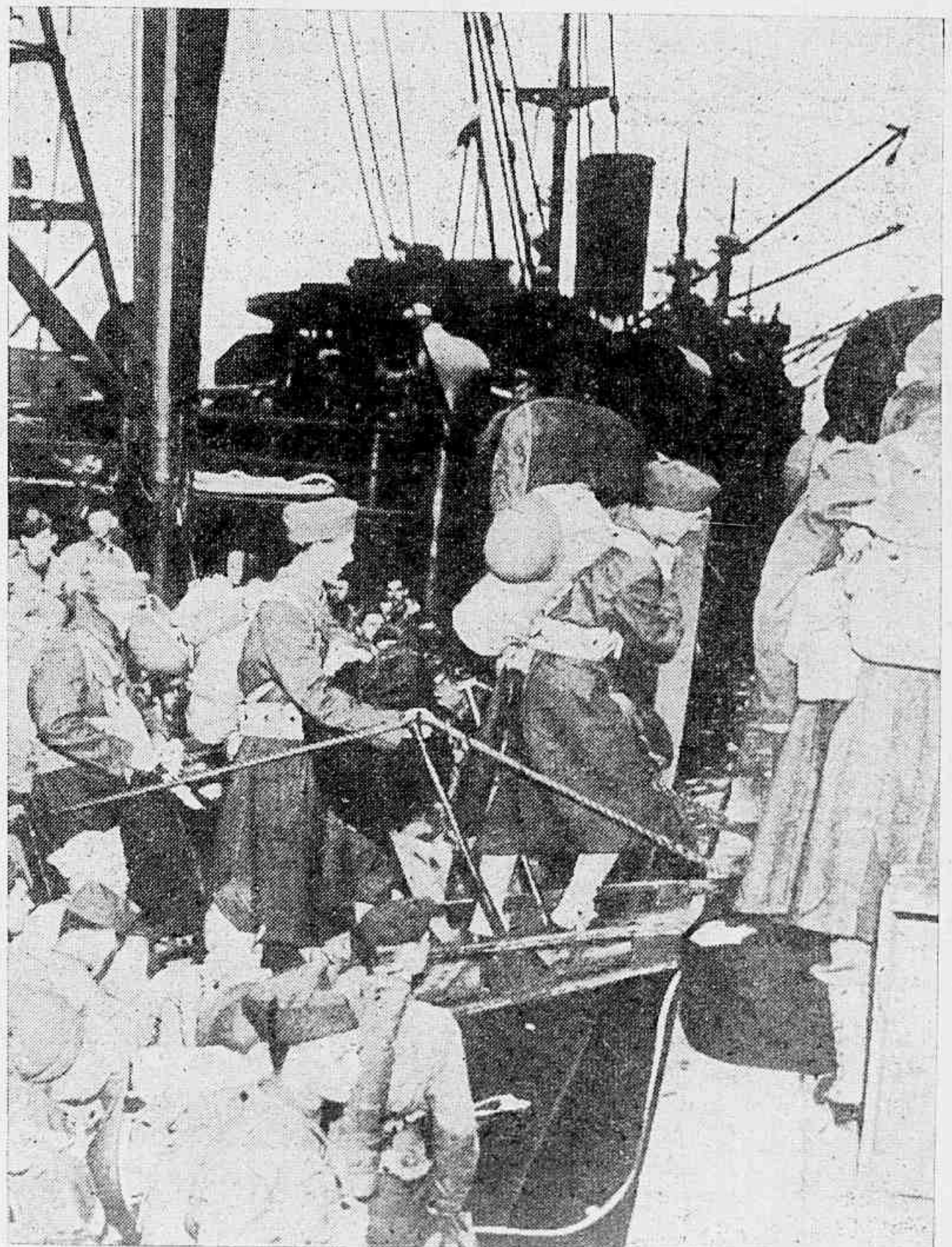
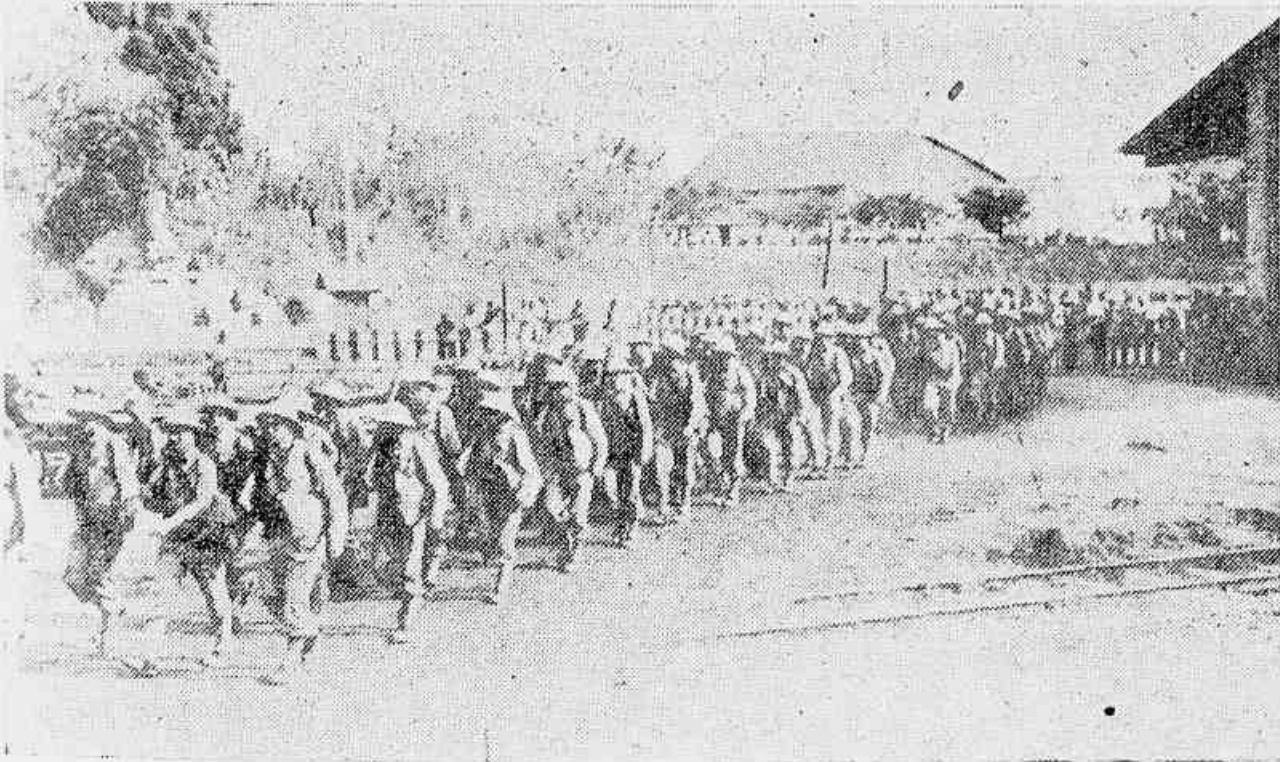
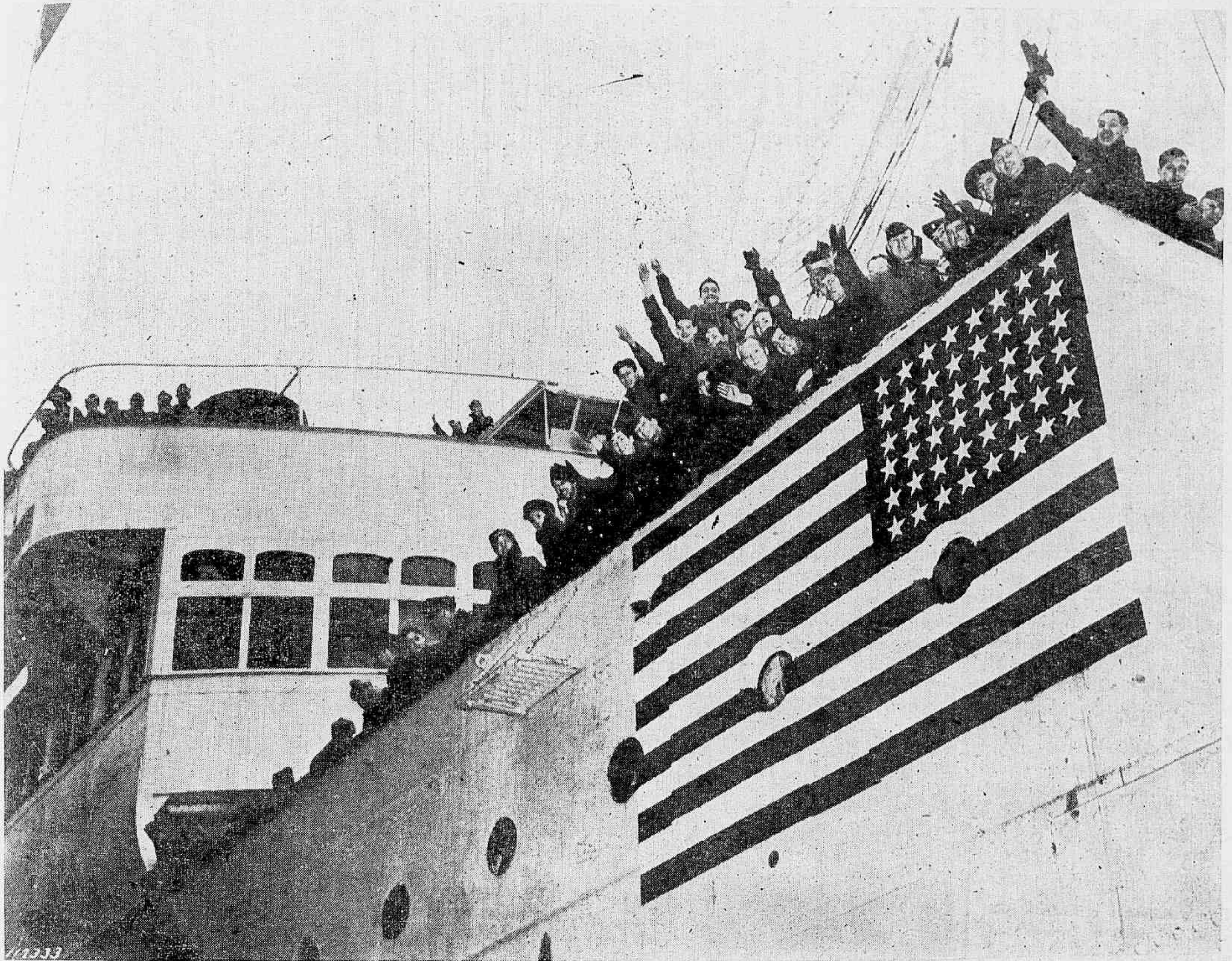
Para o norte, para o sul, a leste, a oeste, aí vão eles, aos milhares, às centenas de milhares, com o seu jeitão desportivo, o seu "chikler" ruminado, o seu bom humor de povo adolescente, a sua coragem fácil diante dos perigos desta guerra, a que os forçaram a insanias e a felonias do Eixo.

Nestas duas páginas, vemos batalhões e batalhões de americanos, embarcando nos navios de tio Sam ou nas estradas de ferro de quase todo o mundo, para os rumos mais diversos. Um, dois, um, dois, lá se atiram no roteiro das montanhas geladas do Alaska. Meia volta à direita — e eis-os no caminho das desoladas charnecas da Irlanda, onde chove durante dois terços do ano, sem variar. Outra manobra mais e aqui estão saltando inesperadamente no outro hemisfério, em plenos areais ardentes da Africa, entre o estupor dos nativos de pele de pixe que logo se põem do seu lado, camaradamente. Uns dias ainda e desta vez é nos cantões da China milenária, para a luta lado a lado com os netos de Confúcio. Depois, uma hora enfiam-se no bojo duma fortaleza industrial voadora, em qualquer parte da Inglaterra e vão arrasar o coração industrial da Alemanha ou tomam vôo de qualquer canto do mundo e partem para soltar suas bombas sobre Toquio.

Para toda parte, um pedaço de seu céu os acompanha, nas cores da sua bandeira, no punhado de estrelas que a Pátria espalhou sobre suas cabeças, como uma benção luminosa.

H. L.

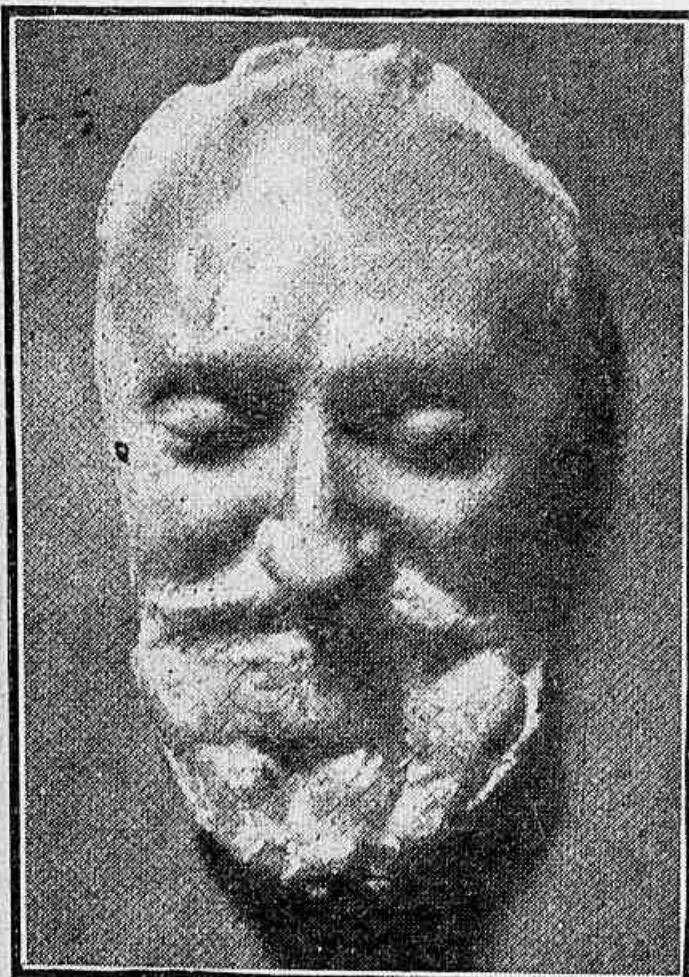




CALEIDOSCOPIO

A expressão da morte

Por PELAYO VIZUETE



Henrique IV de França.

A côr e o movimento denunciam a vida; vêm a ser sua expressão externa. A vida material está definida pelo movimento organico; a vida espiritual pela atividade da consciência, tipo de movimento mais complexo na sua estrutura.

A quietude é apanágio da morte. Por isso, entre criaturas humanas, morrer é paralisar o coração, deixar de respirar; a morte é o repouso absoluto do centro de que depende a função respiratória.

Esta paralisação repentina não significa, em rigor, a "morte" do nosso corpo. O organismo compõe-se de uma infinidade de elementos vivos microscópicos, intactos ainda, quando o coração deixa de bater, conservando a vida por algum tempo, depois de findo o ciclo organico. O que nos revela, inequivocamente, que o organismo não morre em um instante mas, pelo contrário, a vida persiste nele, até a decomposição total dos elementos celulares.

A placidez ou a tragédia espiritual, nesse instante prodigioso de passagem da vida á morte, esculpem na fisionomia carnal o ultimo reflexo, calmo ou tormentoso, de uma alma que se desvincula e voa, definitivamente livre da matéria.

E que derradeiro sentimento se agita na alma do moribundo? Sempre será para nós a incógnita suprema, o enigma-esfinge; mas é certo que nunca deciframos o mistério dessas idéias advindas na hora crucial, nem mesmo poderemos saber de que natureza elas são.

As idéias escapam, com o sopro final; o movimento ultimo do animo emerge, vindo congelar-se no rosto, deixando ali um traço de serenidade, prazer, dor ou ironia.

As máscaras, que perpetuam a expressão desse misterioso mo-



Thorwaldsen.

vimento, naqueles varões que alcançaram seus ombros de gigante sobre o nível médio da humanidade, ou daquelas personalidades que adquiriram fama pelos méritos de sua linhagem, ou pelos vai-vens da fortuna — nos revelam uma interessantíssima expressão da morte.

Observa-se grande contraste entre as almas sorridentes de Henrique IV de França e de Béranger, resumbrando na fisionomia moribunda um ligeiro matiz ironico, ou as de Pedro, "o Grande" da Russia, do escultor Thorwaldsen, Cromwell e Mendelsson-Bartholdy, ou, especialmente, as de Wédekind e a da linda e desconhecida mulher do Sena, que reflete um admirável e tranquilo sorriso, e a da alma de Wagner, cujo rosto retrata uma ligeira contração dolorosa.



Pedro "o grande" da Russia.

Maiores contrastes oferecem as máscaras destes personagens como Brunelleschi, Lorenzo de Médicis, Henrique II de França, Newton, Swift, Frederico II da Prussia, Schiller, Thackeray, Tolstoi, Brentano e tantos outros, nas quais se adivinha a luta tormentosa dos ultimos instantes.

A resignação vê-se claramente refletida nas fisionomias de Napoleão, Beethoven e Lenau, e a serenidade de um sono tranquilo nas de Pascal, Léssing, Mirabeau, Haydn, Jean Victor Moreau, Canova, Bjornson e Saint-Beuve; mas particularmente na expressão suave do rosto lindissimo da rainha Luisa da Prussia se observa, com emoção, a maravilhosa quietude de uma alma que recebe, imóvel, a visita da morte.

E a desconhecida do Sena, não identificada ainda, cuja máscara



A "desconhecida do Sena".



T. TARQUINO

A CUTIS DELICADA DO SEU BÉBÉ EXIGE UM PRODUTO DE PUREZA ABSOLUTA!

TALCO

Lady

medicinal e perfumado

A' VENDA EM TODO O BRASIL

sorri como se a infelizmente dona do rosto original, no momento de morrer, houvesse tido uma visão celeste?

Do notavel livro de Benkard, "Das ewige Antilitz", reproduzimos algumas máscaras de personagens que morreram com o sorriso nos lábios; daqueles que, ao que supomos, não experimentaram dor abandonando, para sempre, as delicias deste mundo.

PENSAMENTO

Onde os meninos camparem de sabos, os sabios não passarão de meninos.

RUY BARBOSA

TAPETE MAGICO

PARECE ter saído duma página da Bíblia, na sua roupagem humilde, como as rainhas e as santas que se disfarçavam outrora, pelos caminhos do mundo.

Na doçura do rosto, na deliciosa atitude que é integralmente a mesma da Samaritana, esta linda caboclinha do Piauí vale pelo melhor poema nativo, á moda daqueles de Catulo Cearense, destinados a perpetuar a graça, o dengue, a teimosa pureza de costumes de suas irmãs humildes:

“Trazia dentro dos óio,
Estrepe e mé, como a abeia...”

O vestidinho de chita barata, que mal lhe vela o contorno gentil do corpo alheio aos arrebitos da moda, conta, iniludivelmente, no recato da gola alta e na pureza da linha simples, toda a história de seus pudores virginais. E' airosa, fresquinha, natural como as árvores jovens da beira do rio, onde vai encher o pote de barro. Muita vez o viajante, escaldado do sol das estradas sertanejas, irá pedir-lhe, á porta, um gole da água fresca. Ai dele, porém, que a frescura da linfa poderá sorver também o germe duma saudade sem remédio, para as suas horas de solidão futura...

NOS velhos e eternos contos das “Mil e uma Noites”, os palácios são sempre de tal riqueza e esplendor que a imaginação, despertada pela sua colorida evocação, parece pairar em pleno reino da fantasia. No entanto, muitos desses palácios permaneceram até os dias que correm e podemos vêr que as maravilhas descritas pelo estupendo narrador anónimo, em muitos casos, eram pura e fabulosa realidade.

Nessa categoria está o salão do trono do palácio Gulistan, do Shah da Persia.

No meio de suntuosos espelhos, parêdes lavoradas, sob tetos resplendentes, domina a cadeira real. Dois pavões esculpidos espraíam as caudas cintilantes, cravejadas de rubis, esmeraldas e pérolas. Um grande sol de diamantes coroa o espaldar. Dragões de esmalte verde suportam dois degraus, pelos quais os antigos monarcas subiam a plataforma, para se sentar no trono, de pernas cruzadas, á moda oriental.

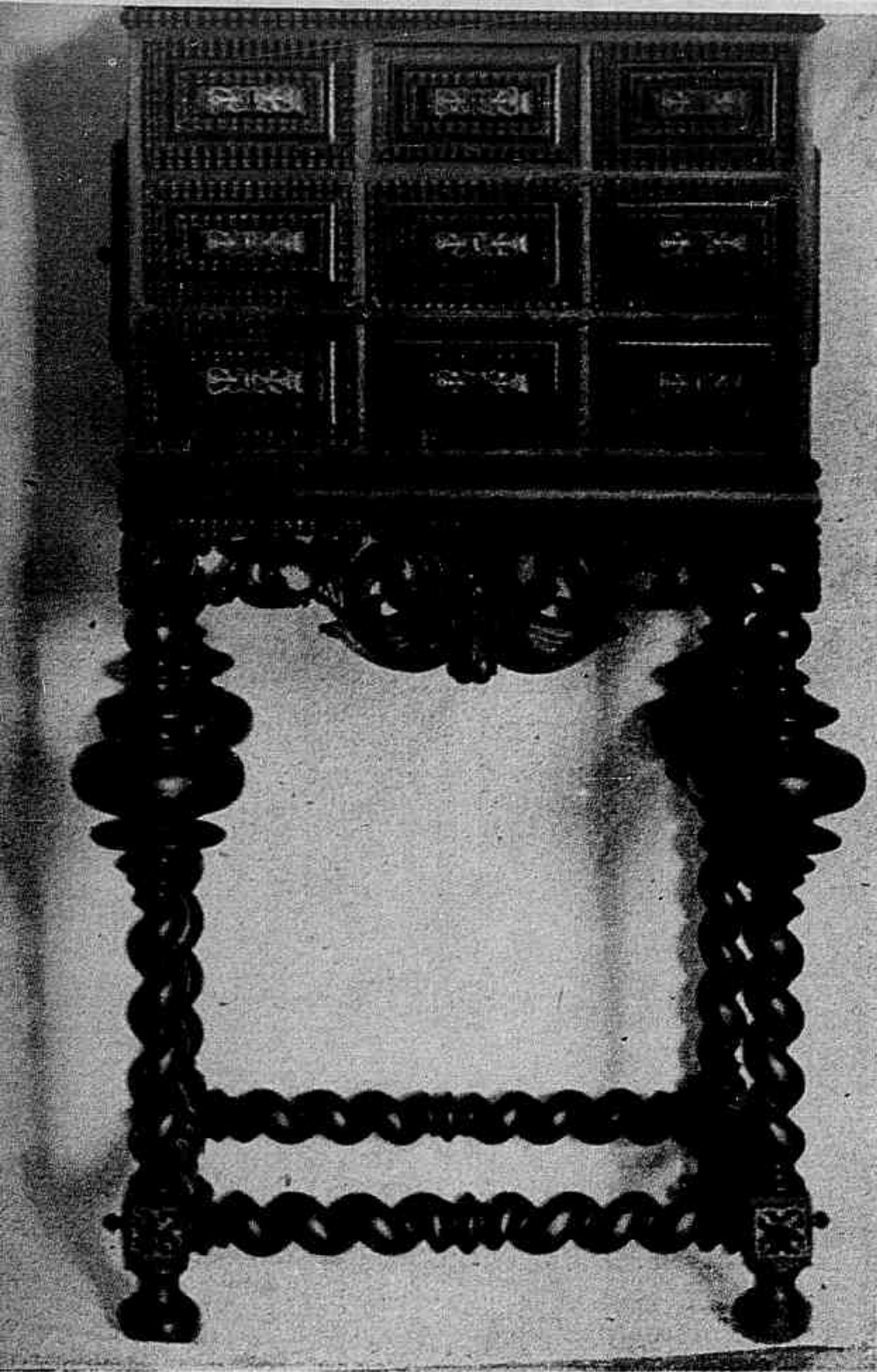
São coisas dessas, de tanto exotismo e de tão magnificas sugestões, que a guerra, mesmo em paragens tão remotas, continua a ameaçar, até que passe o flagelo nazista.



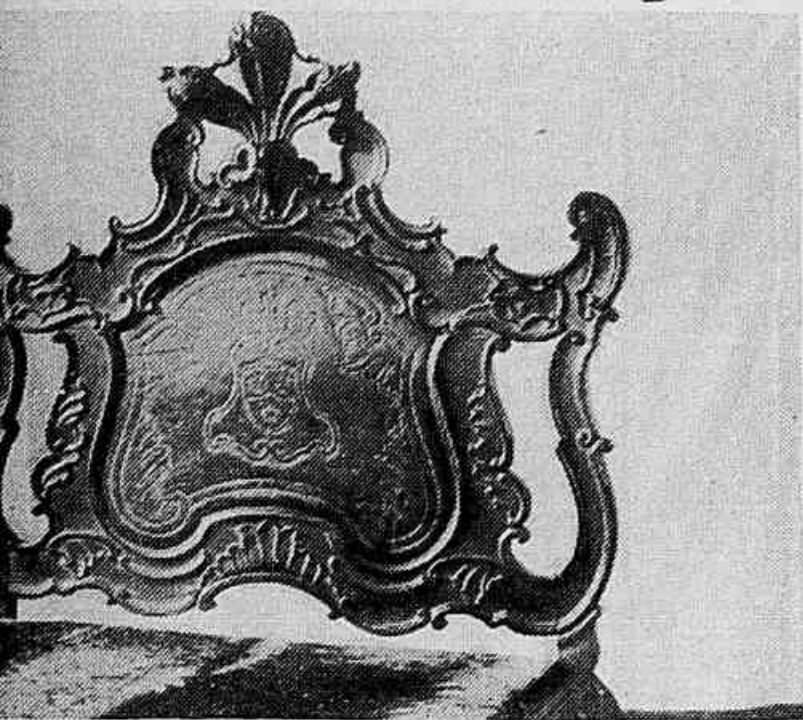
TODO o mundo se lembra daquele grande filme inglês de Charles Laughton, revivendo os amores e as maneiras brutais de Henrique VIII. O rei Barba-Azul aqui volta, em imagem serena e tranquilizadora, tal como o pintou Holbein, há mais de dois séculos. Este é um dos muitos figurantes reais imortalizados pelo pincel do excelso artista. Sua obra prima porém é ainda outro Henrique VIII, que está na Galeria Nacional de Roma, muito parecido com este, porém frisando mais incisivamente a natureza violenta e desmanteante do matador de rainhas.

(Foto da PANAIR)

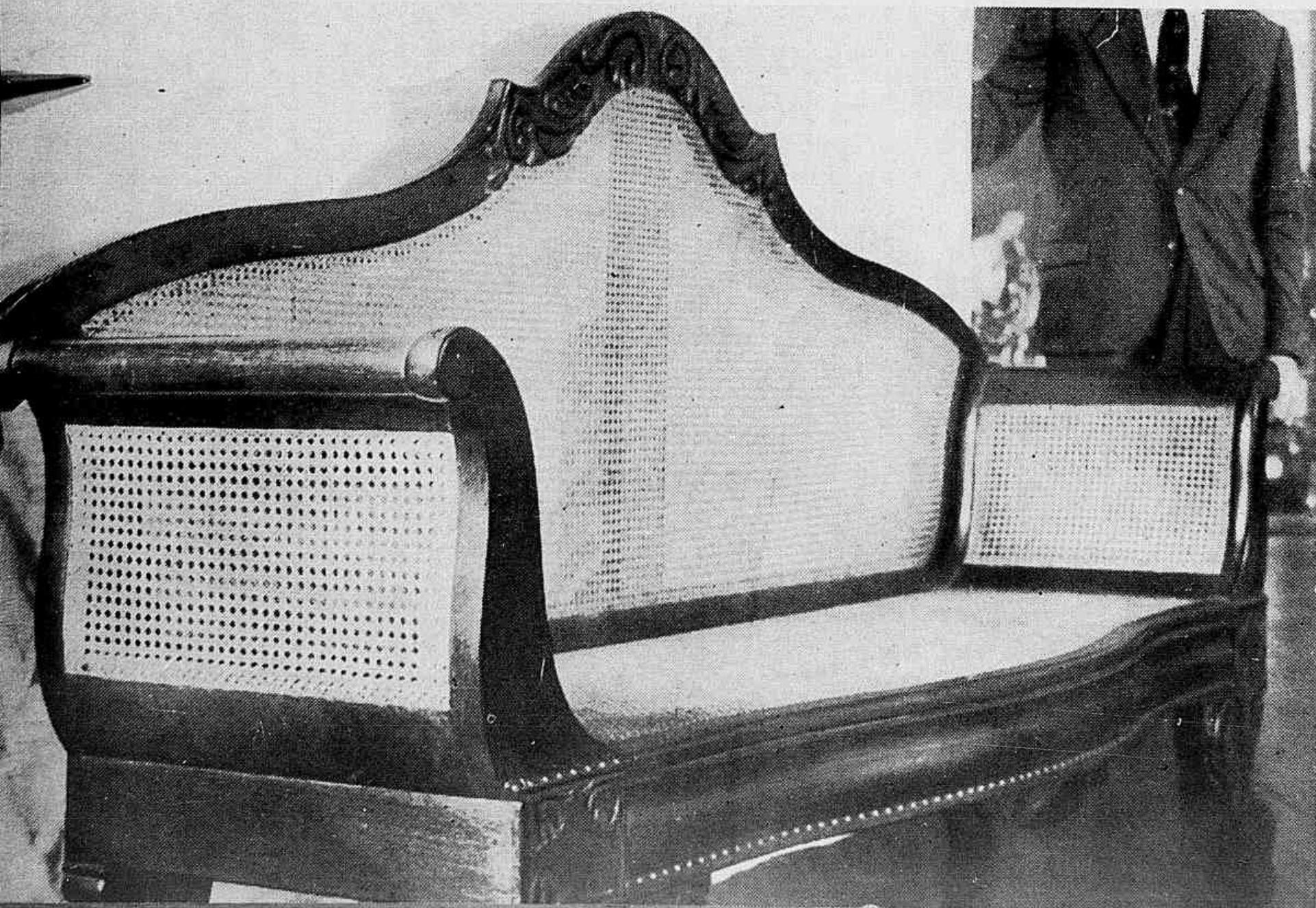




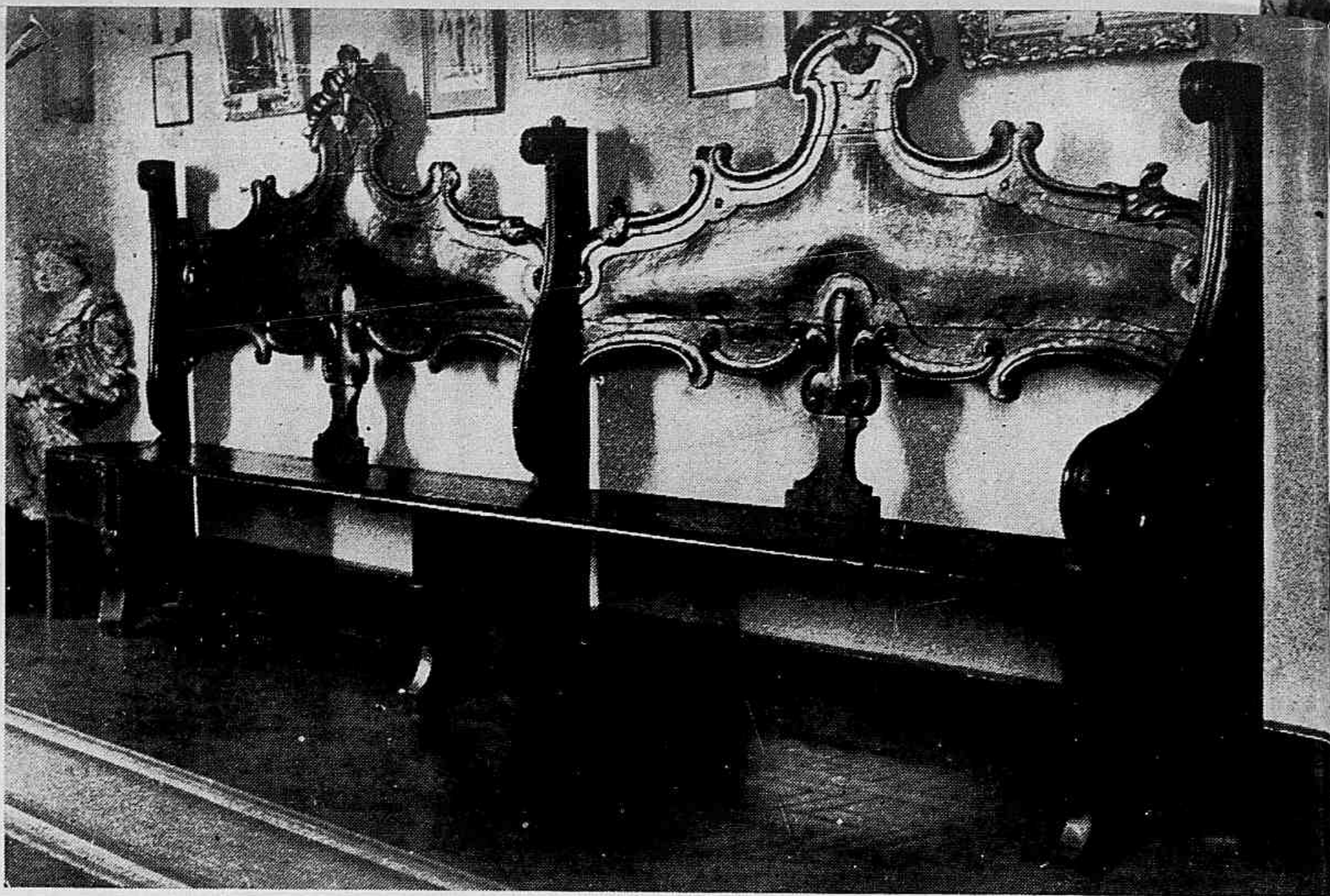
CONTADOR— Movel distinto, com fechaduras, pinos e guarnições de metal dourado, pés torcidos, é um trabalho colonial do século XVIII, em jacarandá, estilo filipino. Ignoramos a finalidade exata a que se destinava; entretanto, tudo nos leva a crer que desempenha o papel de um classificador, de um arquivo para os nossos complicados avós.



ENCOSTO DE CATRE— Dotado de mobilidade, podendo ser inclinado, é uma maravilha autêntica ao estilo D. João V; na almofada de couro destaca-se um brasão estampado sob uma coroa. Destinava-se à exposição do Senhor Morto, durante as cerimônias da Semana Santa.



DEPOIS DOS FRANGOS...— Este sofá, de um tipo conhecido vulgarmente, no Interior, pela denominação de "marqueza", pertenceu à residência de verão do Rei D. João, em Paquetá. Nesta palha convidativa, por certo, muitas e muitas vezes dormiu a sua sêta, após o devoramento habitual dos frangos, o senhor D. João VI.



DE OURO PRETO— Banco de sucupira, em estilo D. João V, obra de marcenaria mineira de linhas puras e feitura grosseira. Este banco formava angulo com outro igual e guarnecia a sala da Casa dos Contos, em Ouro Preto, onde foram interrogados os inconfidentes. A outra parte encontra-se em Ouro Preto, no Musêu da Inconfidência.

Moveis do Brasil Antigo

ESTILOS FAMOSOS DA VELHA EUROPA, NUM CENARIO TROPICAL — "O MOVEL E' A ARQUITETURA INTERIOR DO IMOVEL" — A ARTE MAGNIFICA DOS ENTAHADORES — SALVAGUARDANDO AS TRADIÇÕES DE UMA NACIONALIDADE

Mostrando hoje aos leitores da REVISTA o que o Musêu Histórico possui de melhor, em matéria de moveis antigos do Brasil, queremos também acentuar, em rápidas palavras, o que significam essas peças negras, onde os dedos ágeis do entalhador deixaram o mágico vestigio de sua arte.

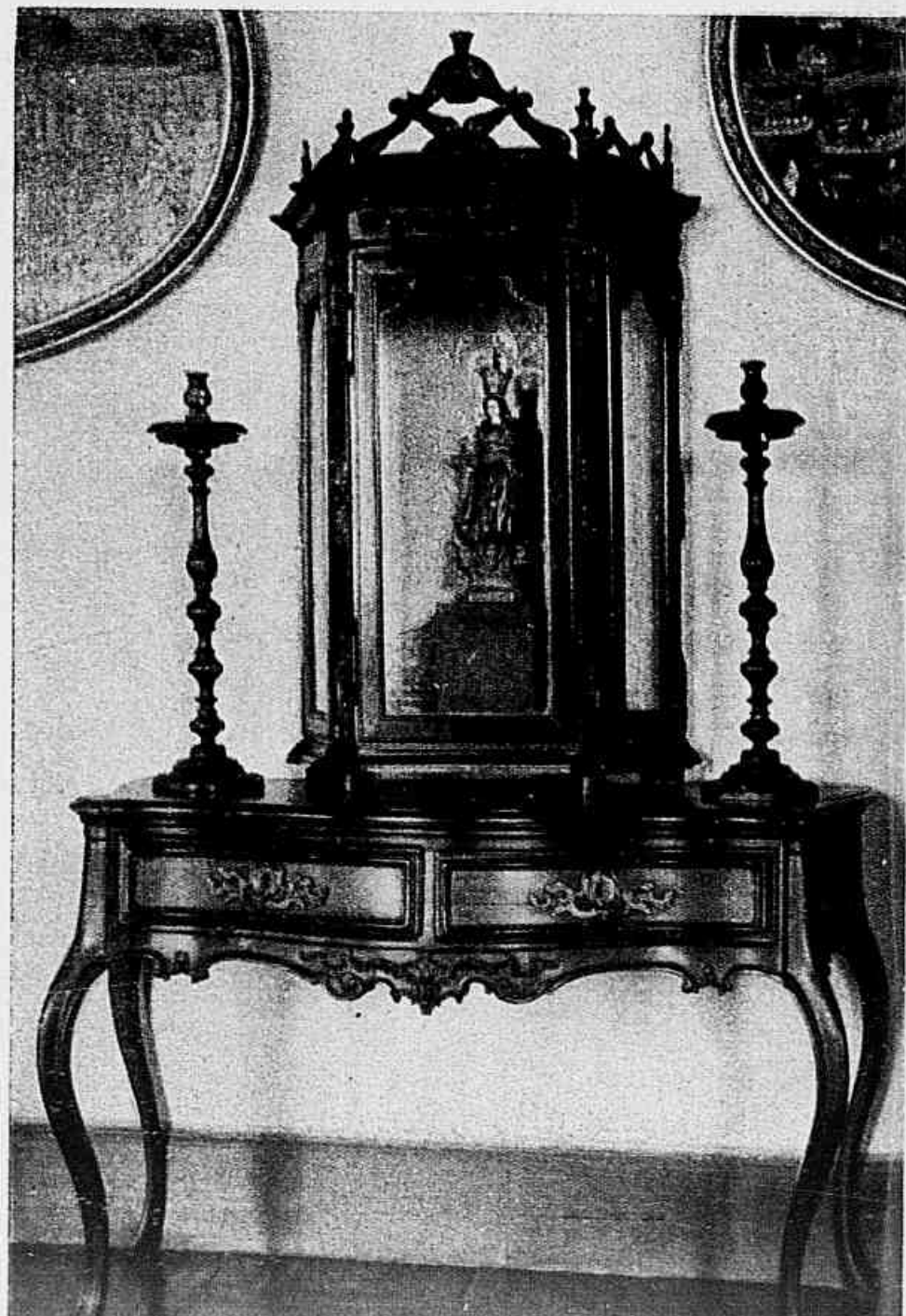
Duas funções desempenha aquele mostruário belíssimo. A primeira é despertar nas gerações novas esse respeito, esse amor pelas cousas do nosso passado, clima necessário ao patriotismo que exalta, ao nacionalismo que constrói. A segunda é fornecer aos estudiosos uma fonte inesgotável de observações, através das quais poderemos reconstituir um ambiente e compreender o espirito da sociedade brasileira da colonia e do império.

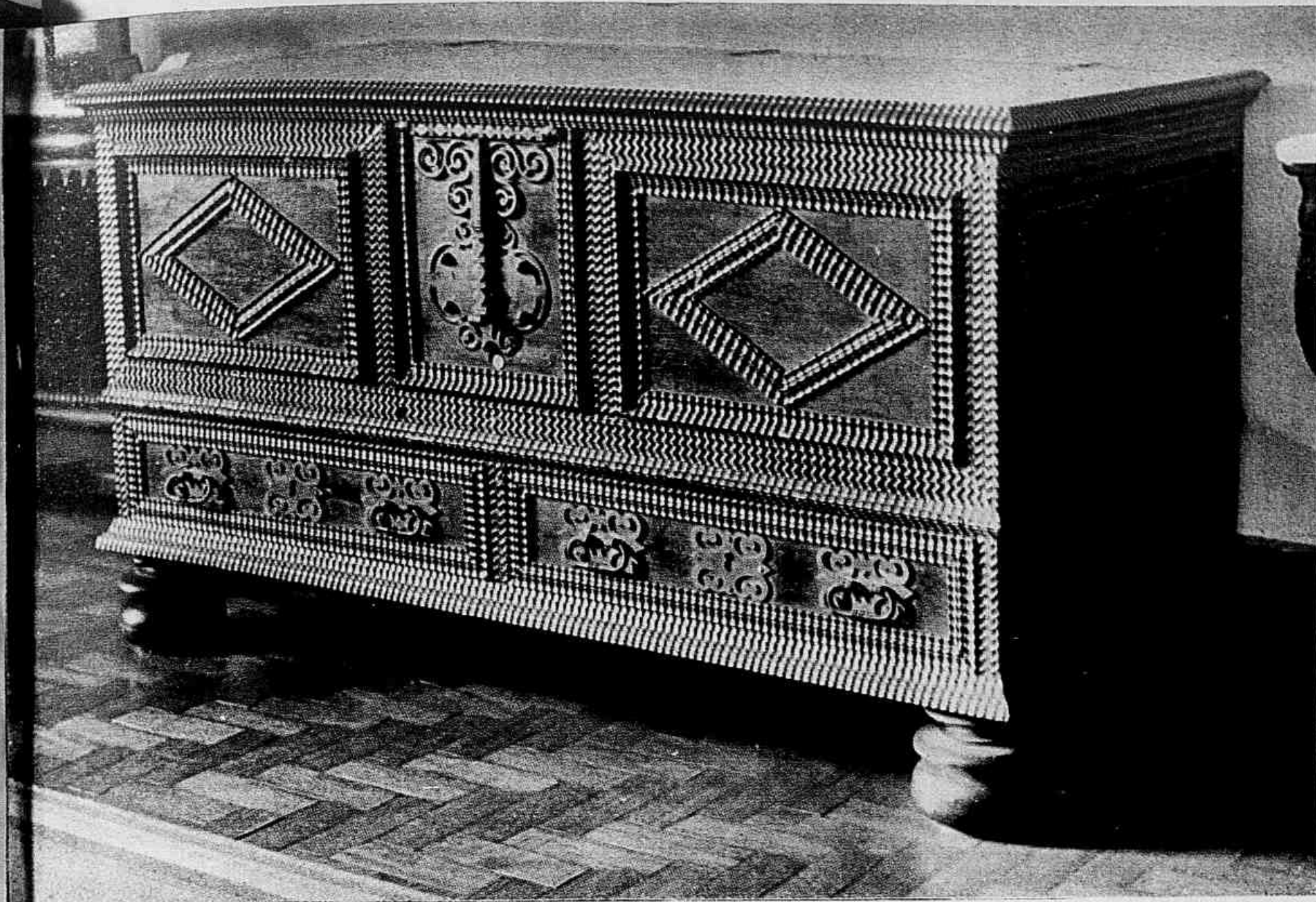
Os moveis constituem elementos de valor incalculavel na cultura material de um país; pela arquitetura, quase que se pôde definir uma civilização: o que não diremos

sobre os moveis, com os quais o homem convive muito mais intimamente, podendo portanto impingir-lhes o sinete de sua personalidade? Considerando que essa personalidade denuncia um acervo de idéas, de tendências peculiares ao próprio século, compreenderemos que os estilos sejam altamente expressivos; nas feminilidades do "Rococó", nas formas achaparradas do "Barocó" ou na leveza, na elegancia do "Luiz XV" — encontramos o retrato mais ou menos fiel de uma sociedade e de uma época.

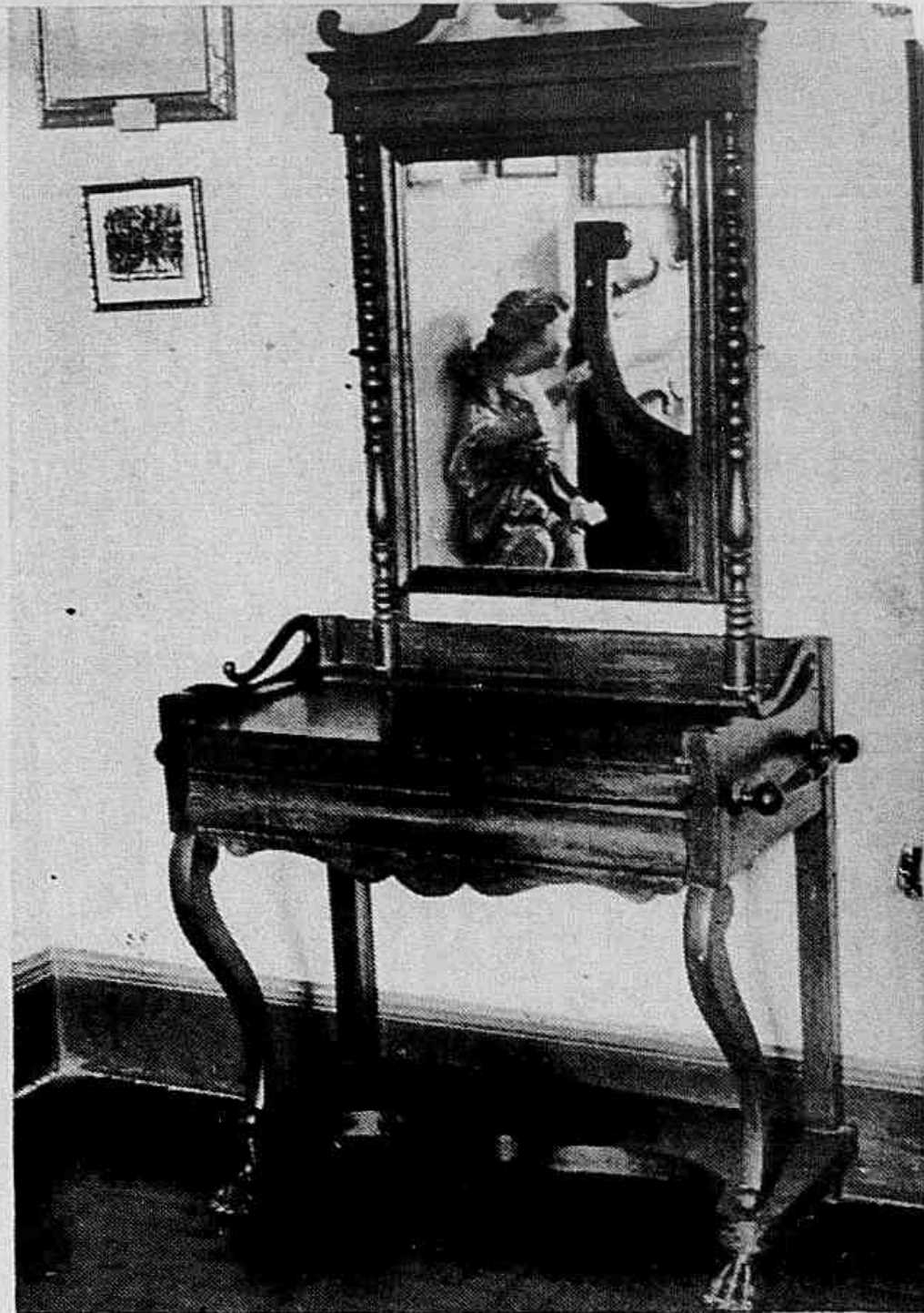
Nossos moveis não obedecem, nas suas linhas, a um "estilo nacional". A simples existência de um ou outro ornato, aproveitando temas teluricos, não basta para caracterizar um estilo. Segundo o sr. Gustavo Barroso, a "arte verdadeiramente nacional sai das entranhas dum povo; é, por inspiração coletiva, a expressão dum gênio próprio e retrata as idéas, os sentimentos, as instituições e os costumes duma época, duma nação, duma civilização. Quando a arte resulta de empréstimos, de juxtaposições mais ou menos felizes ou harmoniosas, provenientes de inspirações não mais coletivas, porém simplesmente individuais, sob o patrocínio de soberanos iustres, faustos ou amantes do belo, deixa de ser "nacional" para ser simplesmente "real". E, quando a inspi-

DESPERTANDO RECORDAÇÕES— O conjunto revelado nesta fotografia é um dos mais sugestivos que encontramos no Musêu. Porque ele recorda outros oratórios entrevistados nas sacristias tranquilas, nas capelas claras de casa-grande, em qualquer recanto de provincia deste nosso Brasil. A imagem é uma Nossa Senhora trazida das antigas missões do Uruguai, pelo famoso guerrilheiro Rafael Pinto Bandeira. O oratório, os castiçais e a mesa são de jacarandá, revelando os extraordinários requintes da arte peninsular do século XVIII.

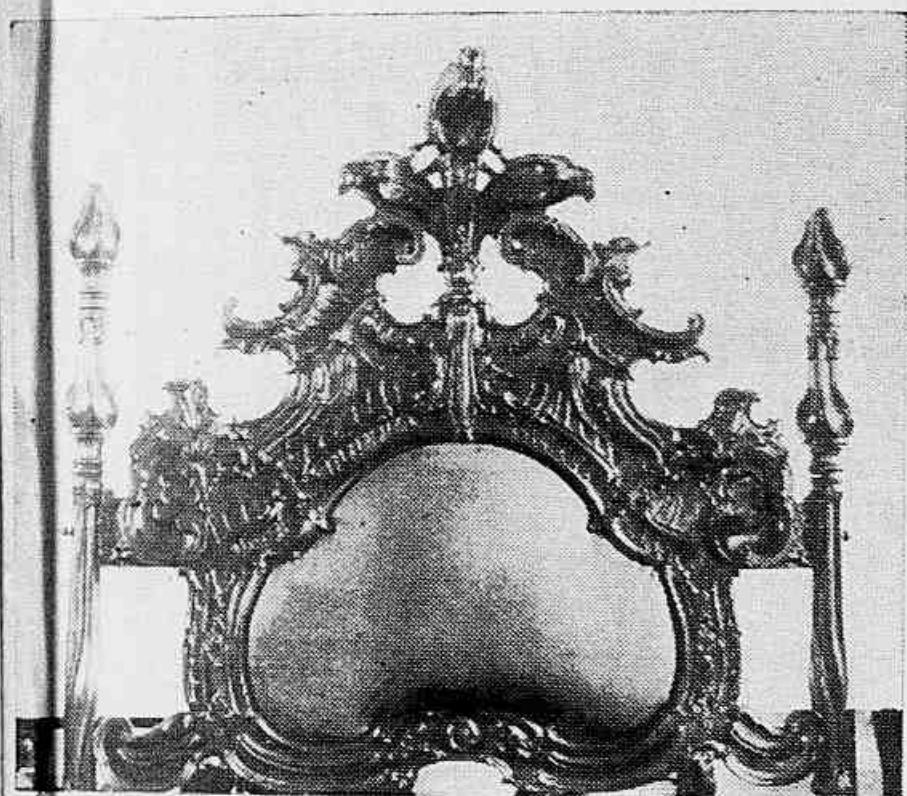




UMA PEÇA PRECIOSA — Cômoda de origem mineira, confeccionada a mão, no estilo filipino. Os puxadores e a enorme fechadura são de ferro batido. Suas linhas demonstram bem a solidez e o minucioso acabamento das peças antigas.



PARA A "TOILETTE" DAS SINHASINHAS — Nos velhos casarões de fazenda e mesmo nas casas antigas das cidades, são bastante encontradas as peças desta natureza. É um lavatório com espelho, estilo Império. Hoje, em vez da figurinha graciosa da filha do barão, refletem-se uma imagem grosseira, os outros móveis e objetos, o passado enfim que na sala tudo isso representa...



ENCOSTO DE CAMA — Obra de talha verdadeira-mente primorosa, em jacarandá escuro, esta cama destoa por completo dessas outras modernas, baixas e lisas; é um móvel admirável, bem digno do repouso de soberanos e fidalgos.

DA PARAIBA — Esta peça sugere, no primeiro instante, uma infinidade de hipóteses. Imponente nas suas linhas barocas, é uma confecção magistral em jacarandá rosa, tendo servido no Convento de São Francisco, na Paraíba, como estante de côro. Apesar de seu peso, a parte superior gira com extrema facilidade sobre o eixo. Época de D. João V.



ração individual não encontra a proteção desses Mecenas para lhe dar um cunho soberano, a arte é mera adaptação dum estilo".

No Brasil o que se vê com maior frequência são "adaptações" do "Estilo Império". As origens desse estilo datam do período intermediário entre o fim da Revolução e a época napoleônica. Apresentando como traço fundamental a preocupação de retorno ao clássico, teve seu creador intelectual na pessoa do pintor Luiz David.

Transmutado para a Inglaterra e daí para Portugal o Estilo Império sofreu as transformações inevitáveis ditadas pelas circunstâncias ecológicas peninsulares; despiu-se, por exemplo, dos enfeites metálicos em geral, substituindo-os pelos entalhados de madeira representando caneluras, colos de cisne, rosáceas, etc. Nota-se, também, um ou outro traço mozarabe, uma ou outra influência indú.

"O que ha de fato nos móveis feitos no Brasil durante o período colonial, do século XVIII ao XIX, é um certo sabor brasileiro, leve manifestação que não perturba o ritmo das linhas fundamentais: frutos da terra nos móveis pernambucanos; garras altas sobre esferas nas da Bahia, traído o gosto inglês; decoração losangular nas arcas de ximbó, em Minas, o que não passa da simplificação das almofadas".

FALTAM OS PERSONAGENS — Mesa de jacarandá, estilo Luiz Felipe, século XIX, cercada de cadeiras também de jacarandá e couro estampado e pregueado, à moda D. João V, século XVIII. Diante deste grupo, imaginamos uma reunião de ministros discutindo os graves problemas do Império. Ou então secretários pálidos redigindo, ao tremor das penas de ganso, o texto frio dos tratados internacionais.

(Fotografias de ARNALDO VIEIRA)
(Texto de ANSELMO MACIEIRA)



O CONTO BRASILEIRO

DIÁRIO DE AMOR DE UM MOÇO DELICADO

De Ribeiro Couto

3 DE MAIO

Ah! desde ontem sou feliz: encontrei a criatura com que eu sonhava.

Meu ideal, em amor, era uma costureira romanesca. Eu aspirei sempre a viver um pedaço da vida boêmia como nos livros. Entretanto, que animalzinhos sem poesia as costureiras que apareciam no meu caminho! Desde estudante que procuro essa mulher ideal. Tudo inútil. Durante anos a fio passei pelas ruas desta grande cidade a melancolia do meu coração ermo.

E ontem...Um delicioso acaso!

Eu passava, às sete horas da noite, pelo "Grande Armazem de Modas", áquela hora a fechar-se, quando uma mulher apressada, saindo de uma porta entrecaberta, pisou-me os pés. Amparei-a, porque ia caíndo, com o tropeço inesperado. Ela voltou-se pedindo-me desculpas e agradecendo-me, a mostrar os dentes brancos.

— Eu é que lhe peço desculpas, senhorita.

— Ao contrário, eu — respondeu com vivacidade.

— Eu, ao contrário — insisti.

— Eu, sim senhor. Se não fosse a minha pressa!

E fomos andando. Ela achou-me natural. Não fez o gesto impertinente de palear, esperando que eu seguisse, como tantas outras de quem tenho procurado aproximar a minha inquietação sentimental. Disse-me até, sorrindo:

— O senhor é um moço delicado.

Simpatizou comigo. Então avancei:

— É solteira?

— Não.

— Casada?

— Não.

Só podia ser viúva, portanto. E estupidamente considerei:

— Nesse caso é viúva.

— Também não.

Parei, surpreso. Creio que ela me achou um pouco ingenuo, porque perguntou:

— De que se admira?

E soltou uma gargalhada. Pessoas que iam em nossa frente voltaram-se, felizes de ouvir um riso tão cristalino áquela hora suarenta em que iam, apressadas, tomar o bonde que as recolhesse ao lar longínquo.

Então, comovido, fi-la parar.

Estávamos em frente a uma vitrina de joias. Tomei-lhe das mãos, que ela abandonou nas minhas, e murmurei:

— Encontrei a felicidade.

4 DE MAIO

Desde as primeiras horas da manhã puz-me a rondar as largas portas do "Grande Armazem de Modas", ainda fechadas. Vi chegarem os primeiros empregados, que as abriram. Vi chegarem as caixeiros. Um pouco atrasada — foi a última — chegou a mulher que eu amo, amo porque em torno da sua cabeça construí o romance da felicidade boêmia.

— Bom dia.

— Bom dia.

Sorriu-me, dizendo esse bom dia. E passou rápida. Deixou no ar um aroma de carne moça que se esquivava...

8 DE MAIO

Venho de acompanhar Olimpia até casa.

A's sete horas eu já a esperava, de há muito, na calçada do "Grande Armazem de Modas". Ela apareceu:

— Bela surpresa!

— Obrigada.

— Sabe que não penso senão na senhora?

— Si.

Espantei-me. Ela sorriu de alto. Iamos caminhando lado a lado, apertou-me as pontas dos dedos, como se quisesse magoar-me. E essa pressão transmitiu-me um calor confortante, nunca sentido.

— Posso acompanhá-la até em casa?

— Moro numa rua muito feia, no suburbio.

No suburbio! Era exatamente no suburbio que eu sonhava um romance. Foi a minha vez de apertar-lhe as pontas dos dedos, com força...

Um bonde levou-nos á Central. No meio do atropelo do embarque tomámos o trem que devia deixar-nos no Sampaio. E, lado a lado, os meus olhos nos dela, eu repleto de uma felicidade muda, ela com um leve sorriso distraído, deixámos que o trem corresse pela planície poeirenta.

No Sampaio saltámos. Ela disse apenas:

— Aqui o senhor fica esperando o trem que passa para a cidade. Não quero que vá até perto de casa.

Desejei ser delicado e não insisti. Ao despedir-se, cravou os olhos negros nos meus e murmurou:

— Não sei porque o encontrei!

Ama-me.

19 DE MAIO

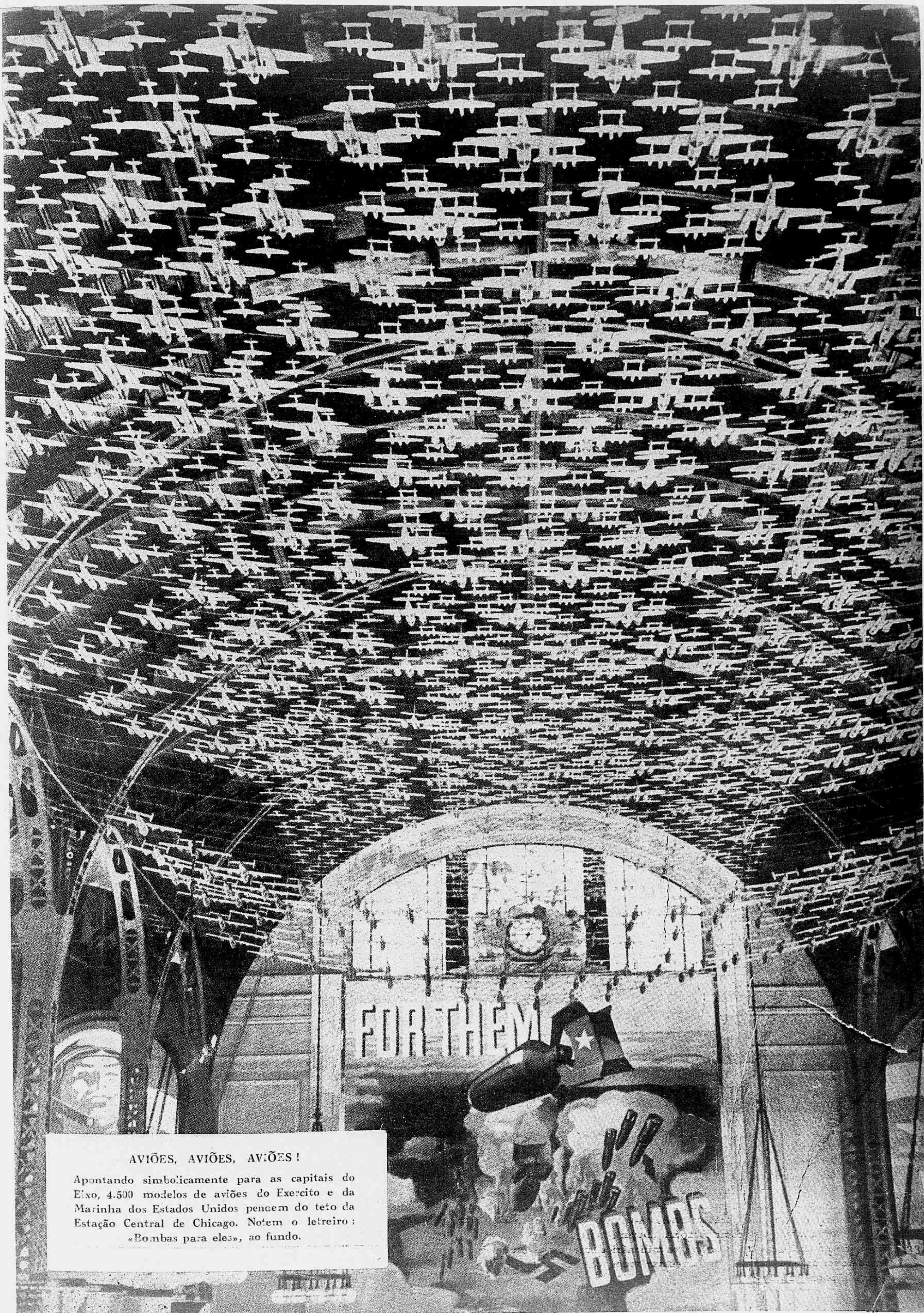
Já agora, quando ela deixa o trabalho, á noitinha, damos uma volta pela cidade, á bisbilhotar vitrinas. Estamos organizando o futuro ninho. Nossos projetos são lindos: habitaremos um chalé no suburbio, talvez mais longe ainda, lá para o Engenho Novo. O que cobicamos muito são certas mobílias de vime, para a sala de visitas e o terraço. Porque em nosso ninho tudo será leve e claro, entre as trepadeiras que se enredarão pelos caramanchões floridos, aromando a noite tropical.

10 DE JUNHO

Venho da casa do meu amigo Viriato Vieira. Venho dos seus braços, entre os quais chorei. Ele me aconselhou os cabarés e as mulheres para entorpecer a imensa dor. Bem sei como são inúteis esses remédios!

...Olimpia tinha-me permitido acompanhá-la, esta noite, até a porta de casa. Eu não sabia com quem ela morava, nem se tinha família, nem, que espe-

(Continúa na página 42)



AVIÕES, AVIÕES, AVIÕES!

Apontando simbolicamente para as capitais do Eixo, 4.500 modelos de aviões do Exército e da Marinha dos Estados Unidos pencem do teto da Estação Central de Chicago. Notem o letreiro: «Bombar para eles», ao fundo.



Dossena no seu laboratório, trabalhando nas suas fantásticas réplicas de velhas obras.

O extraordinário progresso da técnica dos falsificadores em matéria de arte antiga é, certamente, um fato que os colecionadores vão reconhecendo não sem uma certa angústia. A verdade é que, depois da guerra, a necessidade de decuplicar o número das obras primas para satisfazer a ambição de certos "nouveaux-riches" fez que se criassem verdadeiras fábricas de antiguidades. Instalaram-se fornos para patinar os quadros donde saíram porções fabulosas de "Rembrandts desconhecidos" e de Monticellis. Noutras oficinas, de uma cadeira autêntica cuidadosamente desmanchada faz-se meia dúzia, uma meia dúzia em que todas as cadeiras têm "qualquer coisa" ainda de autêntico. Mas muito raramente os falsificadores chegam à mestria do escultor italiano Alceo Dossena, especializado na criação de obras-primas do Renascimento Toscano e da Antiguidade clássica e que, por mediação de antiquários, distribuiu pelo mundo inteiro mais de 40 milhões de liras de Donatellos, de Verocchio, de cabeças gregas e romanas... Inspirando-se nos mestres com surpreendente habilidade, realizou novas obras de arte que foram disputadas a peso de ouro, pelos amadores confiados.

Cita-se o caso de um milionário americano que comprou por 30.000 liras uma magnífica "Via Dolorosa" de Pidoni, cuja autenticidade os críticos celebraram... a pesar de que o original estava no Palácio Municipal de Roma. Diz-se mesmo, neste momento, com singular insistência, que nalguns museus famosos existem obras de idêntica "fabricação" no valor de mais de dois milhões de dólares. Entre estas obras duvidosas está, por exemplo, um tumulto atribuído a Mina da Fiesole. Foi, de resto, no momento de comprar uma Virgem de Donatello que o conservador do Museu de Nova York concebeu suspeitas e entrou nas investigações que levaram à descoberta desta gigantesca burla "sui generis".

E', de fato, de estranhar que os compradores de tamanhas maravilhas não se tivessem preocupado nunca em indagar a proveniência delas, mas já está o mistério desvendado por um jornalista italiano que se ocupou do caso retumbante de Dossena. Os intermediários tinham urdido um embuste que consistia em fazer acreditar, confidenciando-se ao comprador, que tinham encontrado no monte Amiata os restos de uma abadia soterrada nos fins do século XVII por um terremoto e que, por fortuna, estavam também de posse dum plano do mosteiro bem como da lista ou inventário das estátuas e outras obras de arte ali existentes. Não tornavam público o achado, diziam, para que o Estado, pelo ministério das Belas Artes, não viesse a apoderar-se daqueles tesouros. E, claro, um colecionador inveterado está sempre disposto a ser cúmplice de todos os ardis contanto que satisfaça a sua paixão. De forma que... acreditava como um ingênuo.

O mais curioso é que o verdadeiro criador destas magníficas falsificações, o escultor Dossena, apesar do seu talento indiscutível, viveu quase sempre na miséria; por isso acusa agora os antiquários a quem vendia suas obras a preço vil. Para se defender do retumbante processo, alega a sua paixão pela arte antiga que o levava a patinar e fazer velhas todas as suas obras. O seu ódio ao moderno é tal, diz ele, que evitava sair à rua só para não se ver obrigado a passar em alguma rua nova de Roma!

Só os juizes poderão avaliar da culpabilidade de Dossena, que jura não saber das fraudes cometidas pelos mercadores que o matavam de trabalho e fome. Mas a todo observador imparcial assalta a tristeza de ver que um talento como o do escultor italiano o não levasse a criar, para glória dos nossos tempos, poderosas obras originais. A pesar de que talvez, nesse caso, tivesse já morrido de fome também... Daqui se tira uma lição ou, melhor, devem tirar uma lição os sôfregos milionários americanos, que verão moderados os seus ardores de arrebatrar todos os tesouros de arte à velha e pobre Europa.

FALSIFICADORES DE ARTE

As fraudes de Dossena e as "memórias" de Icilio Joni --- Raridades em série --- "Primitivos" em grosso --- Serão verdadeiras as joias dos Museus?

Por PEDRO AFORTUNADO

No entanto, apesar do escândalo Dossena, outros se avisinham. O alto preço das obras de arte antigas tenta os fracos. Acaba assim de se descobrir um outro caso, em Itália também. Desta vez é um pintor o acusado.

E' natural de Siena e chama-se Icilio Frederico Joni — e era já conhecido mundialmente como restaurador de quadros antigos. Pois este grande artista acaba de declarar-se publicamente mistificador e falsário, autor de muitos quadros famosíssimos atribuídos a mestres de Siena dos séculos XIV e XV, e a infinidade de outros artistas de todas as épocas e escolas.

Com toda a simplicidade, Joni revela quem lhe encomendou esses quadros, a quem os vendeu, em que museu ou coleção se encontram. No entanto, estas confissões publicadas num livro, "Recordações de um pintor de quadros velhos", editado em Florença, não produziram tanto escândalo como no caso de Dossena e outros em que tudo se descobriu conta a vontade dos seus autores. E o livro não teve o êxito de esperar, ainda que



Um desenho do grande Gustave Doré... feito por Icilio Joni.



Uma maravilha de Jan Vermeer de Delft, duma coleção particular americana... que foi fabricada por Joni.



A famosa cabeça do Imperador Caracala (ano III antes de J. C.) que está no Muséu de Berlim será autêntica? Porque na América do Norte há outra igual... e uma é da autoria de Dossena...



Um Multscher de 1465... pintado por Joni em 1932.

seja um magnífico e eloquente documento humano. Eis a traços largos a história do autor.

Joni era filho ilegítimo de uma pobre rapariga com quem o noivo não pôde cumprir a palavra de casamento. Por tal fato, este homem, considerando-se vil e indigno, suicidou-se. Joni criou-se na maior miséria, aumentada ainda com a morte da mãe. Joni entrou de aprendiz num "atelier" de pintor, tal como os mestres que depois falsificou. Pintava por devoção, por gosto, em cima de tábuas velhas, conforme a técnica antiga, seguindo sempre também o estilo e a inspiração dos primitivos de Siena que o seu mestre restaurava medianamente.

Este estudo, que consome os primeiros anos da sua juventude, põe em suas mãos todos os segredos dos velhos mestres. Então assina as suas composições como originais ou como cópias, ou francamente como imitações, e vende-as a preços que oscilam entre 100 e 400 liras. Os mercadores, por sua vez, vendiam-nos como legítimos e a altos preços. Depois, apertado pela miséria, aceitou de um mercador florentino a encomenda de falsificar quadros de certos mestres do século XV. E num capítulo do livro expõe curiosas cenas de incompetência dos "peritos", alguns de fama mundial.

Uma vez — conta Joni — encontrou em casa do gran-

de crítico de arte Berenson uma Madona que este comprara por autêntica, quando era obra das mãos do próprio Joni. Este desenganou-o e ficaram grandes amigos.

Berenson aconselhou-o a que assinasse as suas obras em vez de permitir as burlas dos negociantes que enriqueciam com elas. Joni seguiu-lhe o conselho mas o seu fracasso foi completo. Só lhe compravam os seus quadros com assinaturas falsas. Era falsário e teria que continuar a ser falsário.

Continuou também a restaurar e a sua fama foi enorme. Mas havia concorrentes também célebres. Teve que voltar à mistificação.

Quantas obras suas foram celebradas como obras-primas e autenticadas pelos melhores críticos de arte! Por exemplo, a Madona atribuída a Bernardo Fugai e que está numa célebre coleção americana. Que alegria para Joni e que tristeza ao mesmo tempo!

Como poderiam passar por grandes obras de arte os seus trabalhos se se tratasse apenas de um hábil copista, restaurador ou falsificador? Não Joni é um grande artista, um gênio que bebeu em Siena — cidade que conserva intacto o seu rosto medieval — o mesmo espírito poético que os velhos mestres, que viveu com eles, no "atelier" de pintor, restaurando retábulos de igrejas vetustas, praticando enfim a mesma aprendizagem, até que, formado já, leva em Roma uma existência própria de um artista do Renascimento, com aventuras dignas da pena de um Boccaccio.

Joni é um primitivo sienês autêntico que reincarnou no nosso tempo, que nasceu demasiado tarde e terá que falsificar-se a si mesmo pondo assinaturas alheias nos seus quadros, disfarçando, mistificando a sua própria obra, mais ainda que as dos outros...

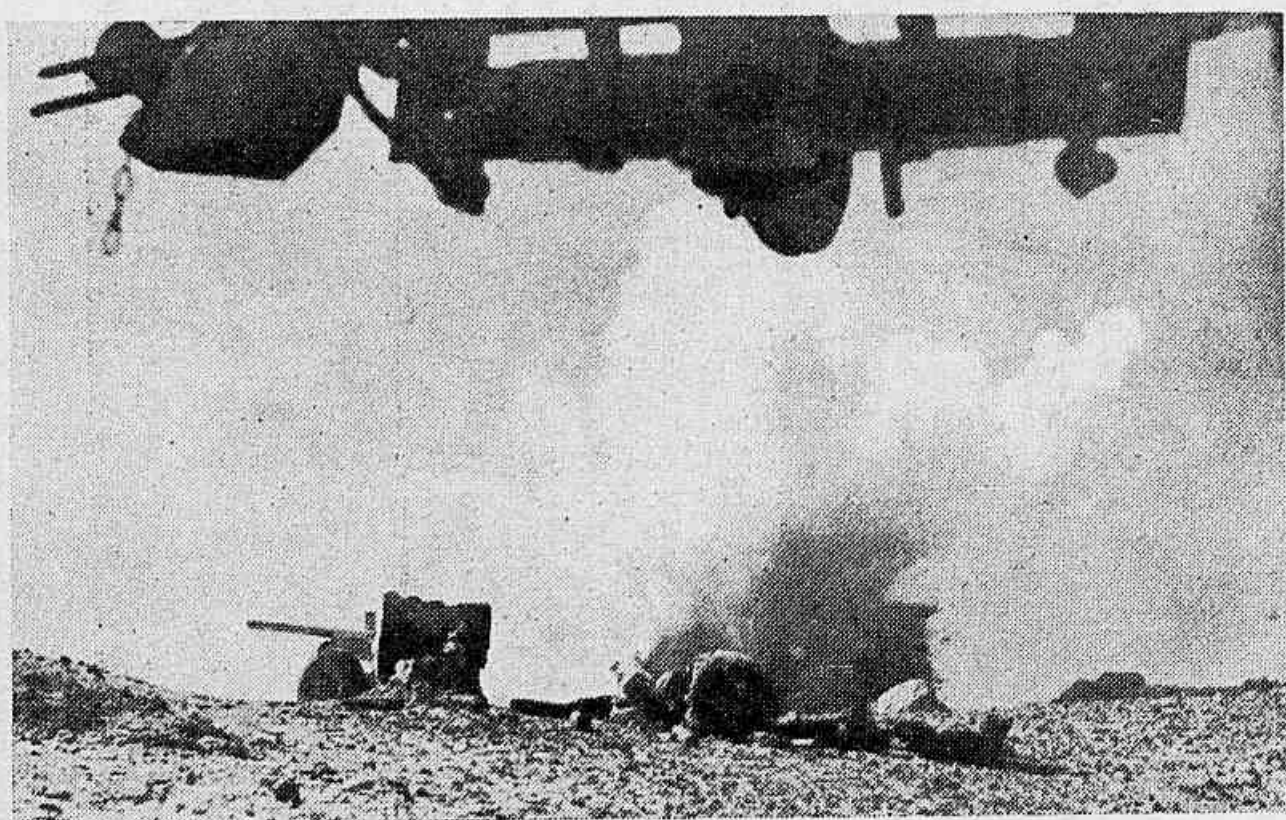


Um Donatello? Não. Uma mistificação de Dossena, o gênio da falsificação.



O Apolo de Olímpia, famosa escultura grêga... vendida por Dossena a um milionário americano.

A GUERRA EM TO



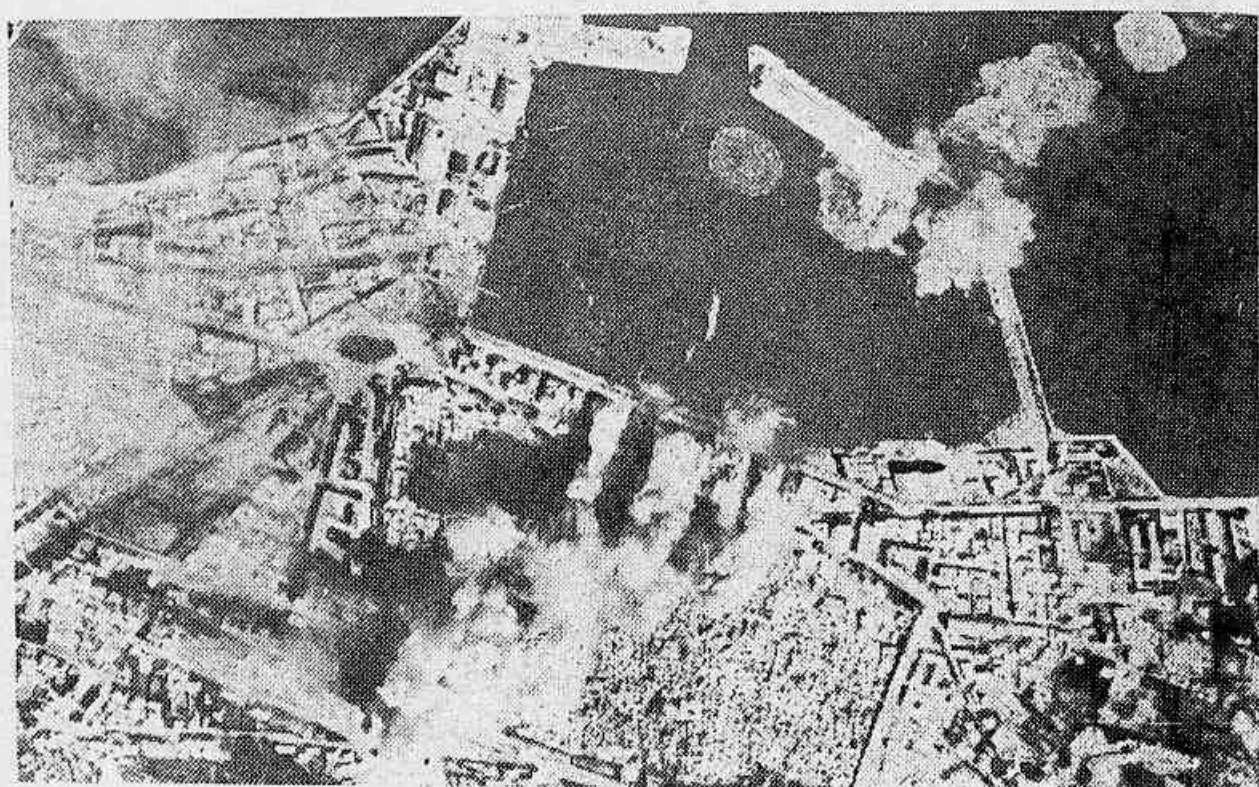
TRIPOLITANIA — Um obús explode perigosamente junto a um canhão inglês anti-tank, durante a recente luta na Tripolitania. Estes canhões anti-tanks têm sido usados em larga escala na campanha do deserto, tendo dado os melhores resultados.

A Liberdade é uma conquista



Houve tempo em que os homens acreditaram que a liberdade era alguma coisa entregue á sua guarda em usufruto. Pensava-se nela como num precioso tesouro conservado, pela historia e que no devido tempo era passado ás mãos do futuro. Nada mais longe da verdade. Não se herda a liberdade, como não se herda uma virtude de carater. Sim, a liberdade não é uma herança, mas uma conquista, que se obtém através da luta, do esforço e do sofrimento. Não é alguma coisa que vem como um brinde do passado. E' alguma coisa que cada geração tem de experimentar e adaptar a uma nova realidade. Póde-se herdar a sua técnica política, mas não o seu sentido e seu poder. Eis o que o povo dos Estados Unidos de hoje, empenhado a fundo na luta pela liberdade não somente para si mesmo mas para todo o mundo, demonstrou compreender profundamente. Ele alia assim a sua tradição ao seu anseio de progresso. E' o que simboliza a bela fotografia acima, em termos de arquitetura: uma igreja dos tempos da Independencia destacando-se contra um fundo de majestosos arranha-céus. Uma civilização que se continua e se projeta irresistivelmente para o futuro, sempre baseada na liberdade, sempre inspirada na conquista de todos os dias.

(Foto da Inter-Americana)



TUNISIA — Fotografia que acaba de ser divulgada nos E. U., mostrando a fumaça que sobe dos armazens e das instalações portuárias de Sousse. Observem os navios danificados á beira do cais. Um exame mais detido mostrará também que quasi todos os edificios foram atingidos pelo bombardeio aéreo.

A ofensiva dos submarinos americanos co

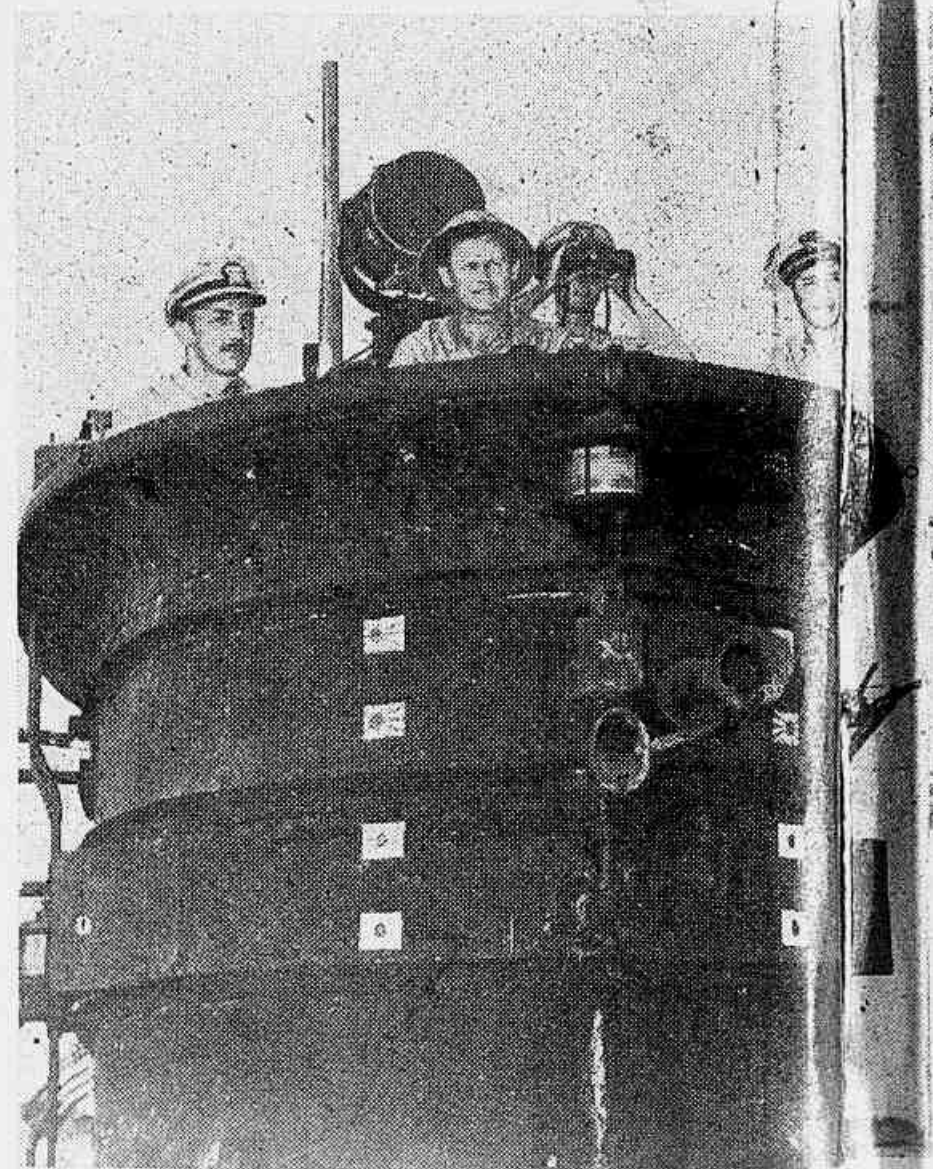


Concluída com brilhante êxito sua missão, os oficiais e tripulantes do U-boat americano se preparam para revê-lo canhão do convés, afim de deixá-lo em condições de entrar em ação imediatamente.

Ao entrar numa base naval americana do Pacífico, um submarino americano apresentava um aspecto pouco comum. Amarrado á torre do barco, via-se um cabo no qual estavam hasteadas varias bandeiras. Cada uma daquelas flamulas representava um êxito do submarino americano contra a navegação niponica.

No curso de suas operações ofensivas, ao largo de uma base naval japonesa no Sudoeste do Pacífico, o submarino em questão encontrou um "destróier" niponico e imediatamente o afundou. No dia seguinte, numa curta batalha naval, três outros navios mer-

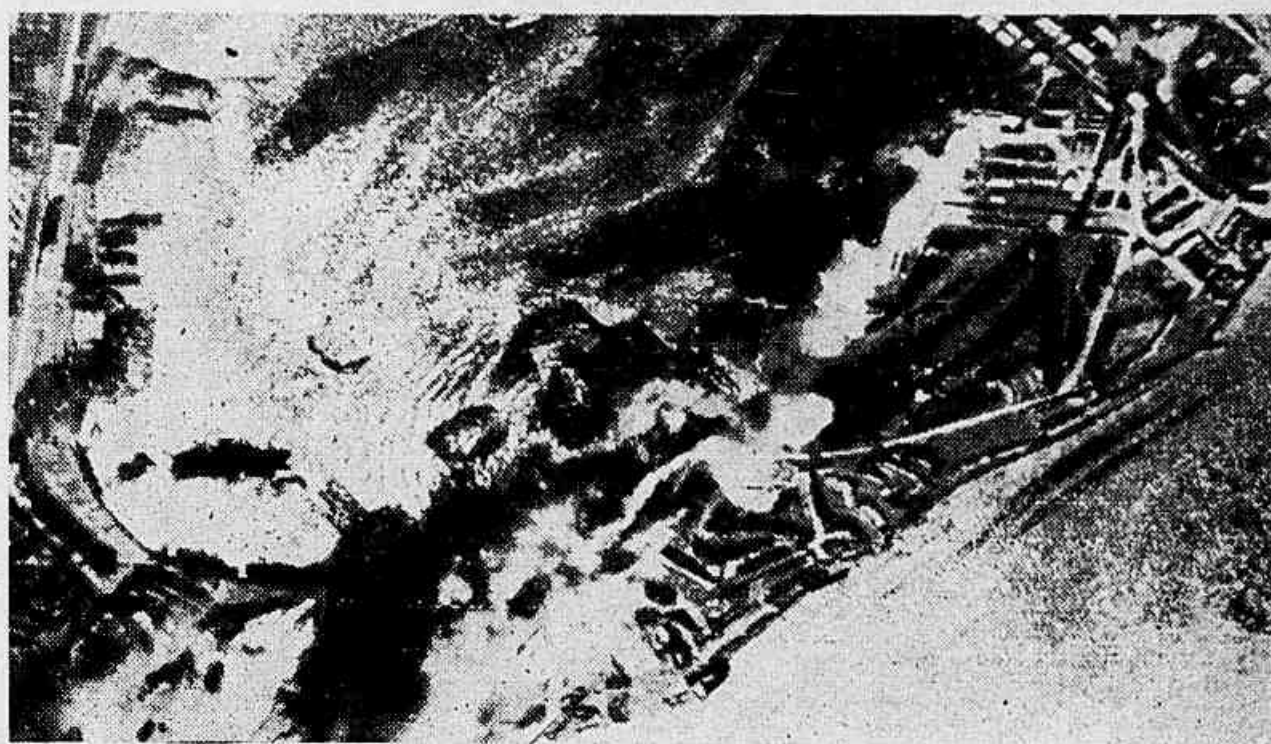
As oito bandeiras niponicas que vemos na torre deste submarino americano indicam outros tantos barcos niponicos destruídos, inclusive duas belonaves.



ODAS AS FRENTES

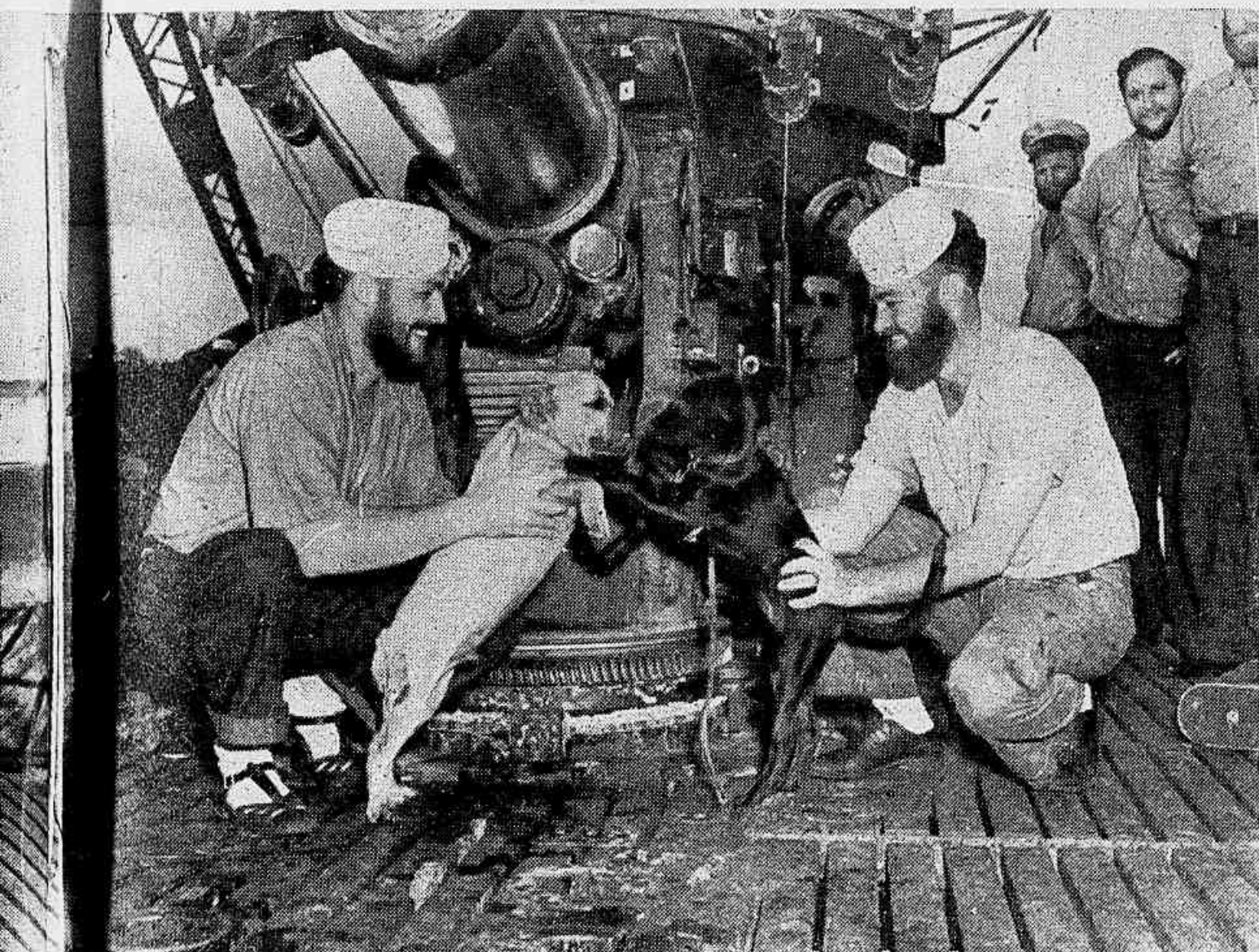


TOBRUK — O emir Abdul Ilah, regente do Irak (à direita) com o seu "premier" (2.º a partir da direita) inspeciona um avião alemão destruído, junto a outros aprisionados e mais material de guerra apreendido em Tobruk. O emir e sua comitiva fizeram um circuito aéreo pelas fortalezas do deserto capturadas pelos ingleses durante a derrota de Rommel.



CAIRO — Esta foto, apanhada dum dos aviões atacantes, mostra bombas explodindo na área do ponto terminal da via férrea de Messina, na Sicília, durante o raid das forças americanas. A via férrea é um importante ponto de ligação da Sicília com a Itália.

no contra a navegação japonesa no Pacífico



Regressando dos mares infestados pelo inimigo, onde notáveis êxitos foram alcançados, o mascote do submarino americano recebe os cumprimentos do mascote de outra unidade naval ianque.



cantes inimigos foram metidos a pique, enquanto outro ficou danificado. O barco ianque emergiu e, a tiros de canhão, destruiu o mercante inimigo danificado. Nas suas atividades de patrulha, outros barcos nipônicos foram igualmente metidos a pique e, assim, as oito bandeiras do Sol Nascente que se viam na sua torre indicavam outros tantos navios amarelos afundados, inclusive duas belonaves. As fotografias que aqui estampamos nos mostram a heróica guarnição desse submarino, no momento em que o mesmo regressava à sua base.

Satisfeito por ter eliminado 8 navios amarelos, no curso das operações realizadas pelo seu submarino no Pacífico Sul, este marinheiro prepara-se para um merecido repouso em terra.

"O tank simbolo" (Do B. N. S. — para a REVISTA DA SEMANA



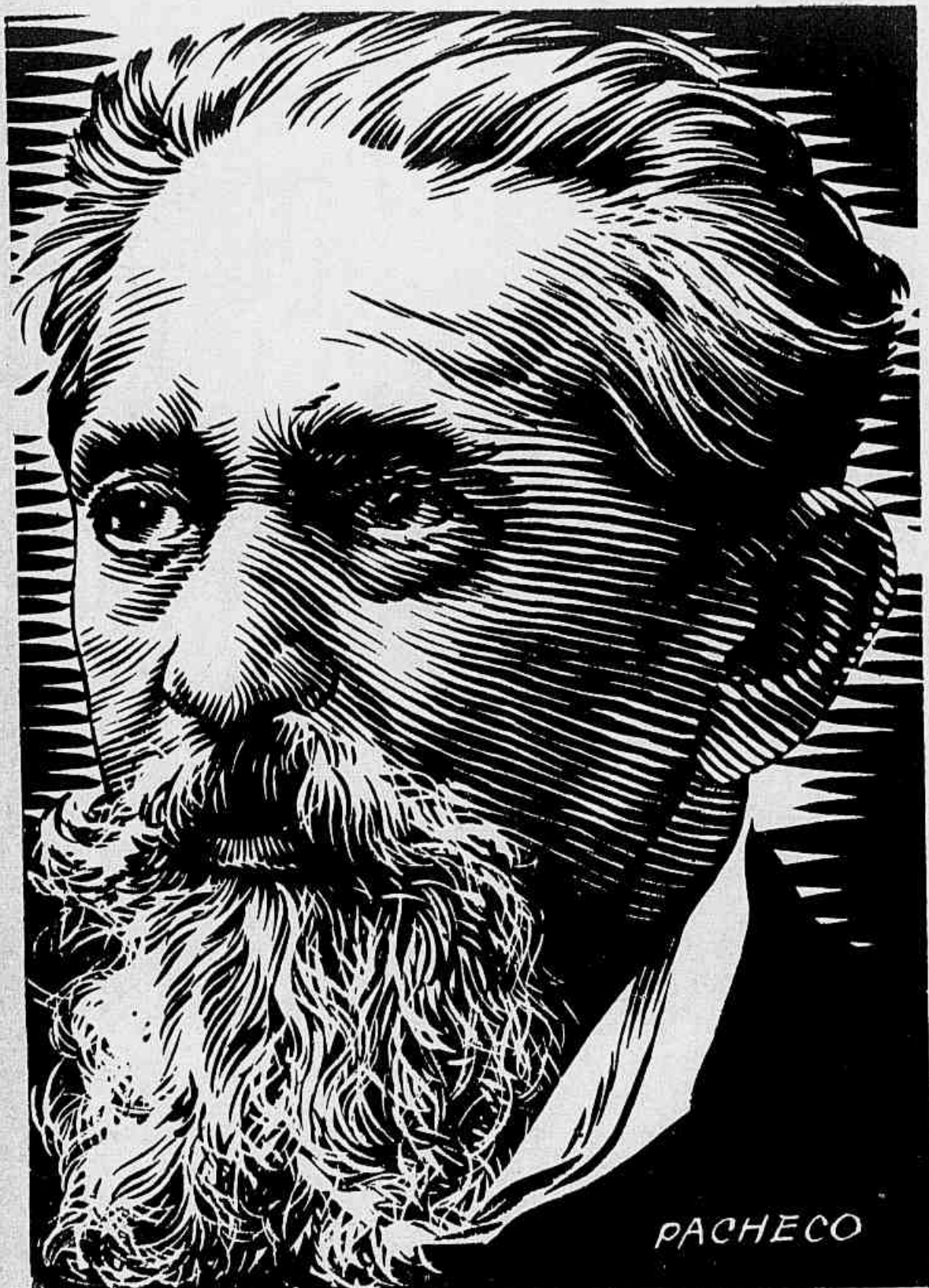
Há um tank britânico, o "A22", conhecido também pelo nome de "Churchill", que tem um grande significado simbólico. Este tank se destinara, em 1940, à defesa das ilhas britânicas quando a invasão da Grã-Bretanha se anunciava como plano fixo.

Nesses dias enigmáticos o exército britânico dispunha unicamente de um número reduzido de tanks. O "A22" foi projetado em dezembro de 1940, e em maio de 1941 se iniciou a sua produção. Como ficou dito, o "Churchill" havia sido concebido como arma defensiva perante uma invasão da ilha, e para esse fim começou sua produção em massa. Em outubro do mesmo ano, havia disponíveis uns 400.

A Alemanha foi porém batida nos ares pela R. A. F. e a invasão se adiou... Hitler, mudando de plano, havia resolvido atacar a Rússia, pretendendo voltar ao assalto à ilha britânica quando se visse livre da ameaça a leste. Que fazer com o "A22", se o perigo de invasão iminente fôra afastado? Sem perda de tempo, o tank projetado para a defesa da ilha foi remodelado e convertido em tank para a "ofensiva".

Todo o inverno de 1941-42 foi dedicado a intensificar a sua produção, depois de haver sido aperfeiçoado até se tornar uma das mais possantes armas ofensivas. A arma idealizada para "defesa" estava agora convertida em poderosa arma de ataque. Os dias tenebrosos de 1940 em que pairava sobre o Reino Unido a ameaça da invasão nazista já se foram há muito. Agora existem alguns milhares dos melhores tanks dispostos a assaltar as posições de Hitler. A produção do "A22" é cada dia mais intensificada.

Esse tank simboliza a história da Inglaterra nesta segunda guerra mundial. A falta de preparo militar, primeiro. A serenidade a a inteireza perante o maior perigo, depois. A resolução de se preparar para a guerra até vencer ou morrer, mais tarde.



O grande caricaturista, num retrato de Armando Pacheco.

ANGELO AGOSTINI

A 8 de abril de 1843 (portanto ha um século justo, embora alguns autores citem a data de 1842), num cantinho do Piemonte, Vercelle, nascia Angelo Agostini, que uma boa estrela traria adolescente ainda para o Brasil, onde estreou como caricaturista em 1864, no "Diabo coxo", revistinha de São Paulo, á qual se seguiu logo "O Cabrião". Vindo em 1866 para o Rio, a fugir a perseguições dos escravocratas locais, fustigados pelo seu lapis veemente, entrou para a "Semana Ilustrada" de Henrique Fleiuss, fundando depois o "Mosquito", no qual foi substituído pelo grande Bordallo Pinheiro, a "Revista Ilustrada", que foi, segundo Joaquim Nabuco, "a Bíblia abolicionista do povo que não sabe ler" e onde figura a parte mais importante de sua obra artística de 1876-96 — e por fim o "Dom Quichote". Trabalhou ainda no "Malho", onde publicou seus ultimos desenhos, até 1905, falecendo no Rio a 23 de janeiro de 1910, depois dum alto e nobre labor de quarenta anos.

Foi Angelo Agostini o verdadeiro precursor da legitima caricatura brasileira, destacando-se pela influencia do seu traço destro e elegante, dum carater marcadamente nosso, tanto o grande artista se identificou com o nosso meio, a nossa gente e as nossas coisas. Entregando-se de corpo e al-

ma á defesa dos ideais que abraçara denodadamente no Brasil, o que ele fez pela abolição da escravatura tem tamanha importancia histórica que basta lembrar as palavras do mesmo Nabuco, quando lhe evocava as lutas pela imprensa em prol das vítimas do cativeiro: "...esse jornalista intrépido, guiado pelo seu coração e seu carater, desde o primeiro dia tomou a si a defesa da causa do escravo, publicando na "Revista Ilustrada" páginas que ficaram históricas e produziram o efeito de ferro em brasa. Ninguém como ele viu rugir sobre sua cabeça mais coleras, mais odios, mais ameaças. Outrosim, ninguém mostrou por esses desabafos um mais soberano desprezo".

Por sua vez, José do Patrocínio, que o tinha também na mais alta conta, a ele se referiu, certa hora, com estas palavras: "O seu coração é pátria para todos os que sofrem. Não conhece lei nenhuma que possa preterir a da solidariedade humana. Vive fóra de todos os partidos para poder castigar ou servir a todos. Pratica o bem pelo bem".

No imenso acervo de sua obra artística, abrangendo perto de meio século de nobre atividade, ha páginas sem conta que bastariam para fiimar o nome de qualquer grande artista universal. Não é preciso escolher muito para uma seleção como a desta duzia de reproduções do "Dom Quichote", da "Vida Fluminense" e da "Revista Ilustrada". A parte menos representativa, sob o ponto de vista artistico, é a das caricaturas propriamente politicas, pois, segundo os moldes em vigor na época, predominava o estilo de retrato, com pequena deformação da figura visada. O que é grande, na sua arte, é a ciência e o dom do desenho, a sinceridade com que fixava cenas e tipos populares. Se o ambiente da época fosse outro, teriamos em Angelo Agostini, seguramente, um admiravel continuador das glorias de Debrét e Rugendas, para o conhecimento mais exato da vida brasileira no fim do segundo imperio. Mas, acima de tudo, ele ficará como o incomparavel vergastador dos males da escravidão, cujos lapis tanto fez pela causa dos negros, equiparando-se á palavra de Patrocínio e Nabuco, e á ação de José Marianno, João Cordeiro, Antonio Bezerra, José do Amaral e tantos mais heróis da boa causa.



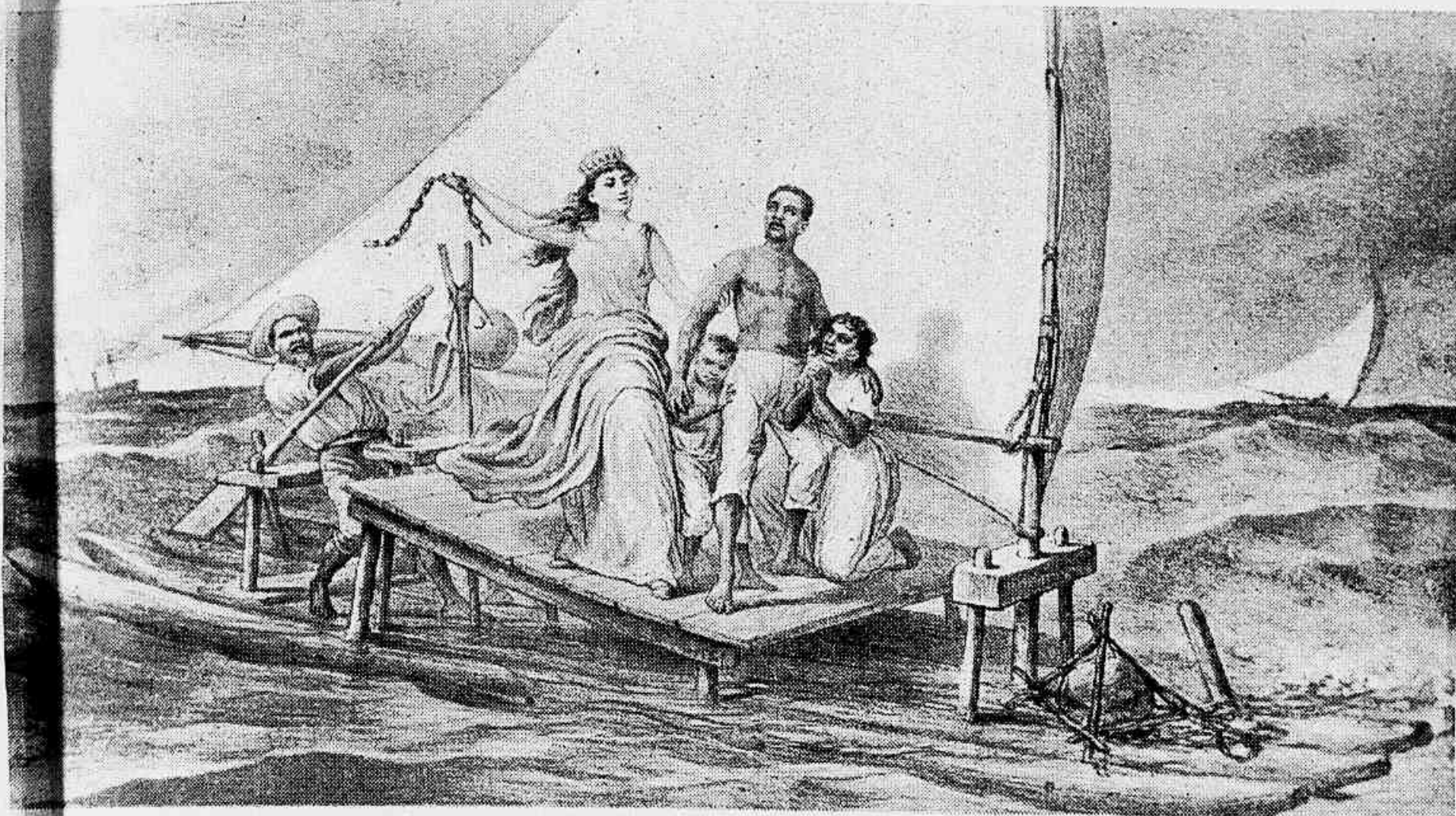
Tipos de candidatos eleitorais. ("D. Quixote", de 19.12.1896). Esta série de cabeças de desconhecidos, vagabundos e capadócios mostra magnificamente os dotes reais de caricaturista de costumes que possuía Angelo Agostini.

"Tipos do Rio de Janeiro" ("Vida Fluminense") — Caixeiro a passeio no domingo, depois do fechamento das portas (3.12.1870)

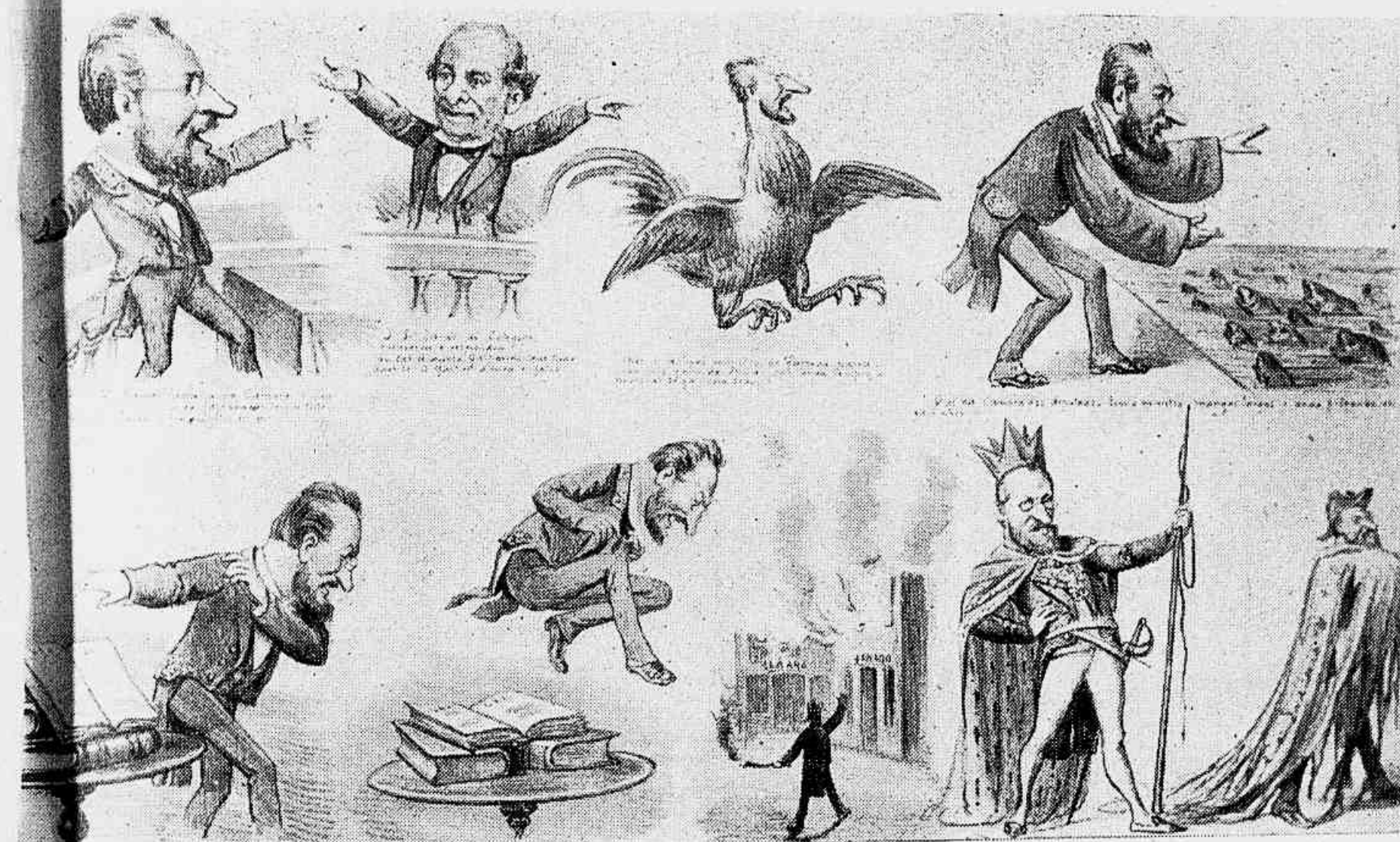
"A Mucama" — Sinhá, lá vem ele. — Qual, o da barba preta? — Não, Sinhá, o de bigodinho louro (22.10.1870).

Esmola para o Santissimo, para Santo Antonio e para as almas (6.8.1870).





Belíssima alegoria ao Ceará livre, pela abolição da escravatura, quando o jangadeiro Francisco Nascimento, à frente de seus companheiros, impediu o tráfico de escravos da província, vendidos para o sul. ("Revista Ilustrada", 3 de Março de 1884).



Uma página de caricaturas de Gaspar Silveira Martins, falando na Câmara, como Ministro da Fazenda. Também figura o barão de Cotegipe, apartando o orador. (Revista Ilustrada", 18-1-1879).



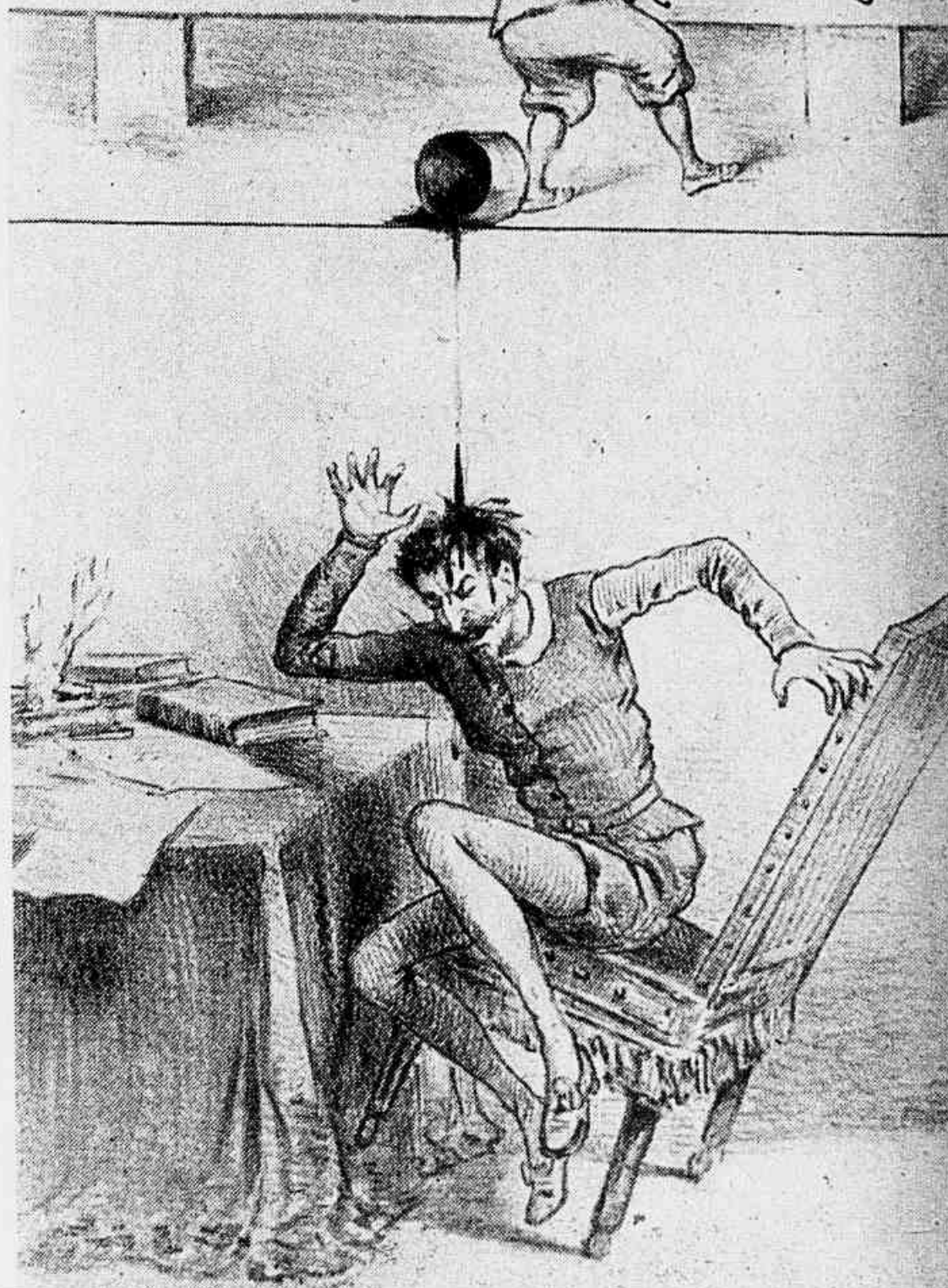
"Jogo-Zoologia". Charge à primeira campanha contra o jogo do bicho, no "D. Quixote", de 20-4-1895.



O famoso desenho de Agostini, que deu margem a tanta celeuma em todo o país. Publicado na "Vida fluminense" de 11-6-1870, com esta legenda: "Cheio de glórias, coberto de louros, depois de ter derramado seu sangue em defesa da pátria e libertado um povo da escravidão, o voluntário volta ao seu país natal, para ver sua mãe amarrada a um tronco. Horrível realidade".

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO ANGELO AGOSTINI
R. OUVIDOR, 109



Capa de "D. Quixote", de 18.5.1895. Neste gênero, Angelo Agostini fez algumas capas de sua revista, variando sempre o cavaleiro, que são admiráveis de originalidade e beleza de traço, como esta.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

Dia 3:
Senhores: dr. Carlos Ferreira de Almeida, consul Aldo de Castro Menezes; dr. Francisco de Sá Filho; dr. Faustino Furquim Werneck.

Dia 4:
Senhorita Carmen Casali, filha do prof. Vicente Casali. Senhores: dr. Agenor de Carvoliva, nosso colega de imprensa; Vicente Gomes da Costa, industrial; dr. Helvécio Xavier Lopes; general Galdino Esteves.

Dia 5:
Senhoras: d. Gilka Suckow da Fonseca, viúva do dr. Luiz Carlos da Fonseca. Senhores: dr. João de Assis Lopes Martins; capitão Cesar Ribeiro; secretário do legação Jaime Sloan Chermont.

Dia 6:
Senhoras: d. Maria Aparecida de Gois, esposa do dr. Coriolano de Gois. Menina Nadir, filha do sr. Teófilo Rosa de Oliveira. Senhores: dr. Henrique Paulo de Frontin; tenente-coronel Manoel da Rocha Silveira; general Estevão Leitão de Carvalho.

Dia 7:
Senhores: dr. Fernando Dicks; dr. Hugo Batista; dr. Pereira Viana, médico nesta capital; Raimundo Maia.

Dia 8:
Senhores: dr. Artur Ferreira da Costa, ex-senador federal; Comandante Washington Perry de Almeida; coronel Felicíssimo Cardoso; Alberto Hardy Alves.



Grupo de senhoritas da elite paraibana, num dos bailes de Carnaval do Esporte Clube Cabo Branco.

Dia 9:
Senhora Olga Viana de Matos, funcionária dos Correios e Telégrafos desta capital.

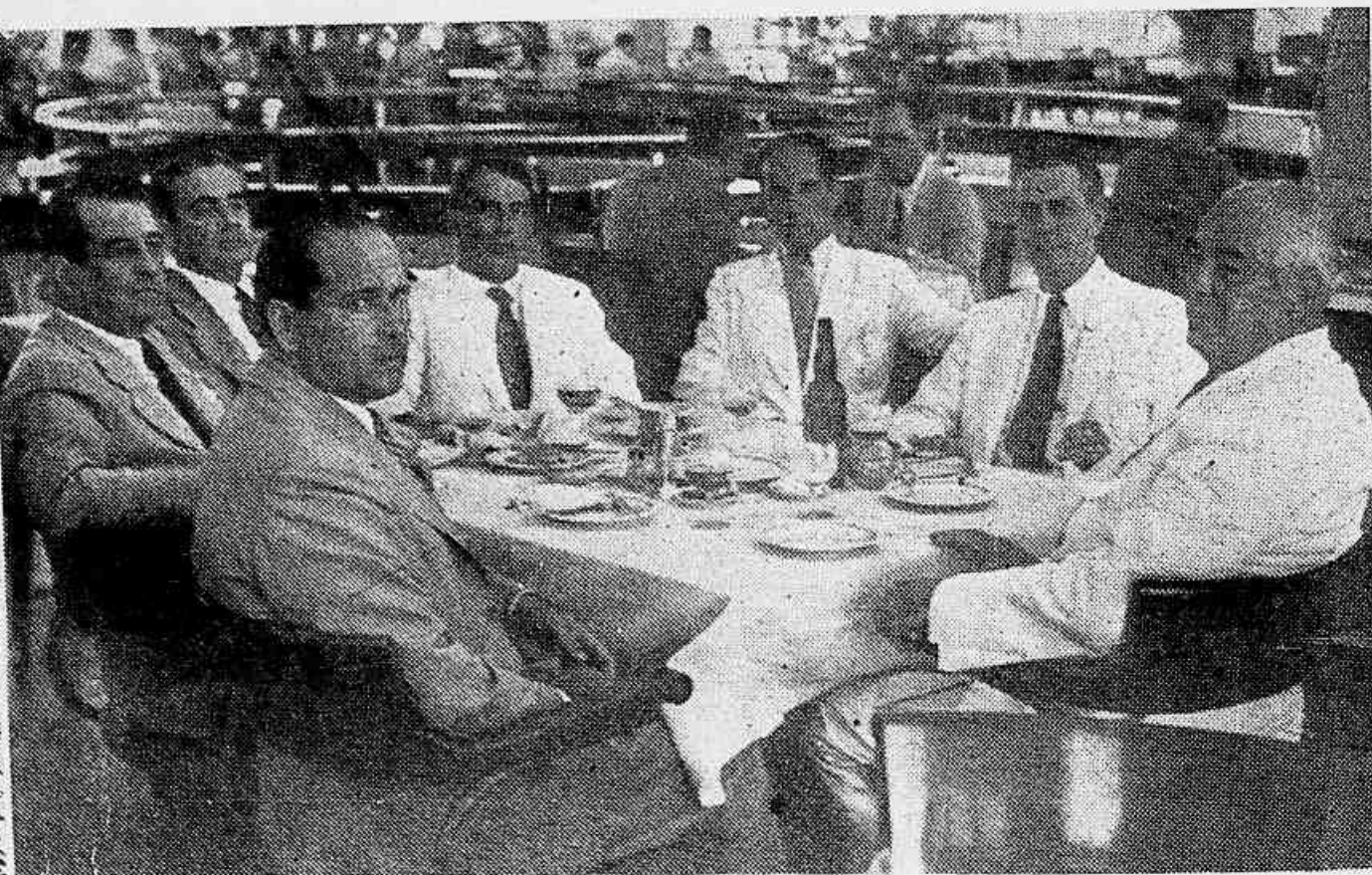
Senhores: Antenor Macieira, residente na cidade de Campos, pai do nosso companheiro de redação Anselmo Macieira; Ariosto Cunha;

Faustino Passarelli, jornalista e funcionário publico; dr. Francisco Telles de Miranda; Mário Oscar de Carvalho Santana.

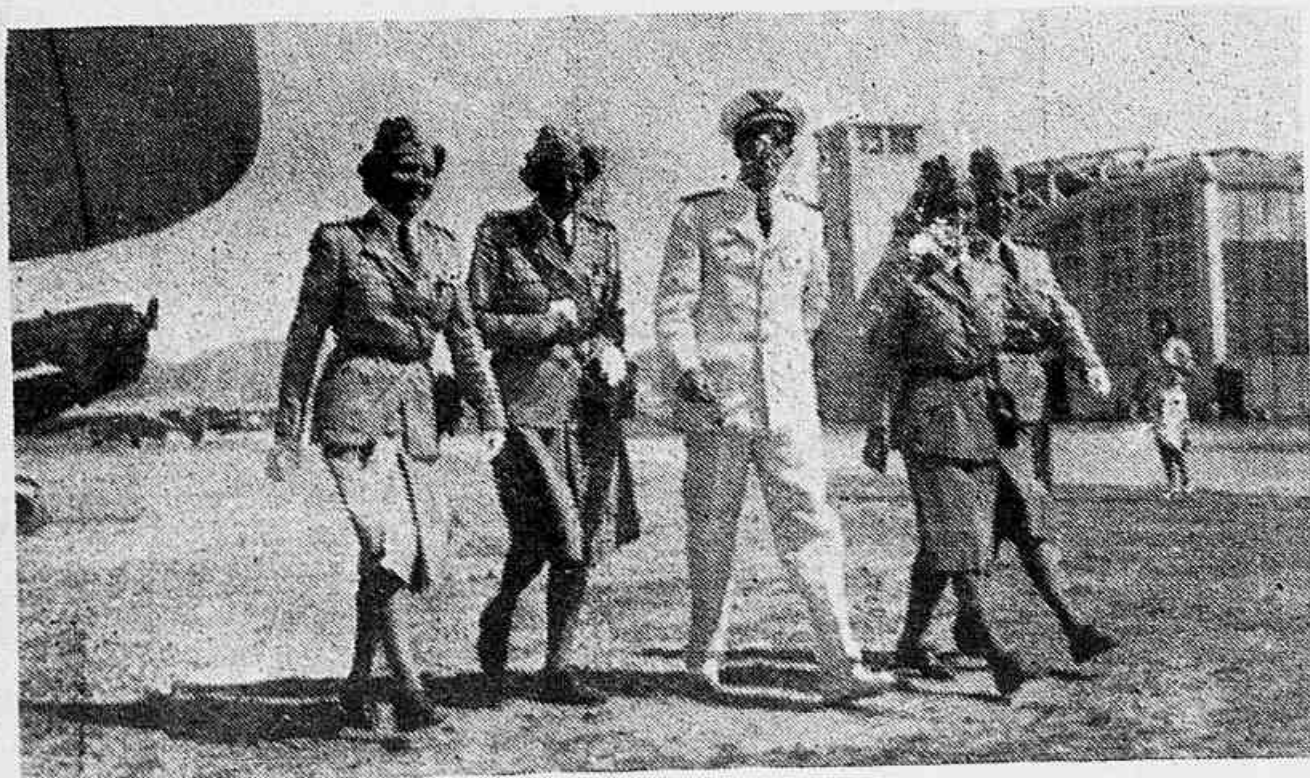
FIGURAS E FATOS



ROTARY CLUB — Apresentamos acima um flagrante do almoço semanal do Rotary Club, quando discursava o superintendente da Organização Henrique Lage, sr. Pedro Brando, sobre a obra e a personalidade do ilustre industrial desaparecido. A' direita do sr. Pedro Brando vemos o comandante Aragão, presidente do Rotary Club.



Almoço oferecido pelos amigos do sr. J. Brum, no dia de seu aniversário, no restaurante do Aeroporto. O aniversariante é o que se encontra à direita do sr. A. S. Macêdo, operoso representante no Brasil, dos mais famosos vinhos portugueses.



Flagrantes colhidos durante o embarque para São Paulo do major Alcides Neiva, diretor militar da Defesa Passiva Anti-aérea, acompanhado por 4 voluntárias da Defesa Passiva Anti-aérea da Legião Brasileira de Assistência.



CLUB DOS DIRETORES E PRINCIPAIS REDATORES DE JORNAIS DO RIO DE JANEIRO — Almoço no dia 22 de Março, oferecido ao Club pelo consocio dr. Paulo Filho, diretor do "Correio da Manhã". O Club tem como presidente de honra o embaixador da Inglaterra, Sir Noel Charles.

Elegancia americana



1— Vestido de setim cor de pedra da lua. A blusa é bordada com sequins. Modelo "Hattie Carnegie".

2— Vestido em setim cor de ouro espanhol enfeitado com bordado de sequins. Rico enfeite de penas de galo guarnecem o penteado e servem de regalo para trazer nas mãos. Modelo para teatro. Sapatos de "lame" ou do mesmo tecido de ouro. Modelo "Macy".

3— Vestido para "cocktail". Saia preta e casaco branco trabalhado. Modelo de "Saks".

4— Vestido original. Gênero russo. Bordado em cores nacionais, modelo de "Fira Beneson".

MODELOS PARA O VERÃO

1 — Vestido em "shantung" "sable" com bordados "marron" e verde de dois tons.

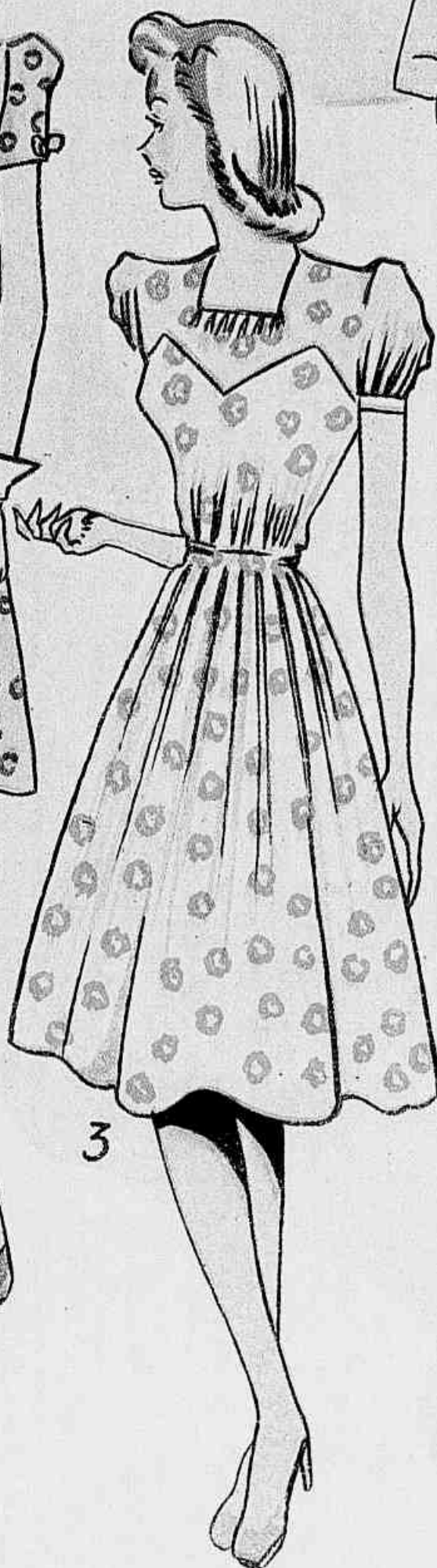
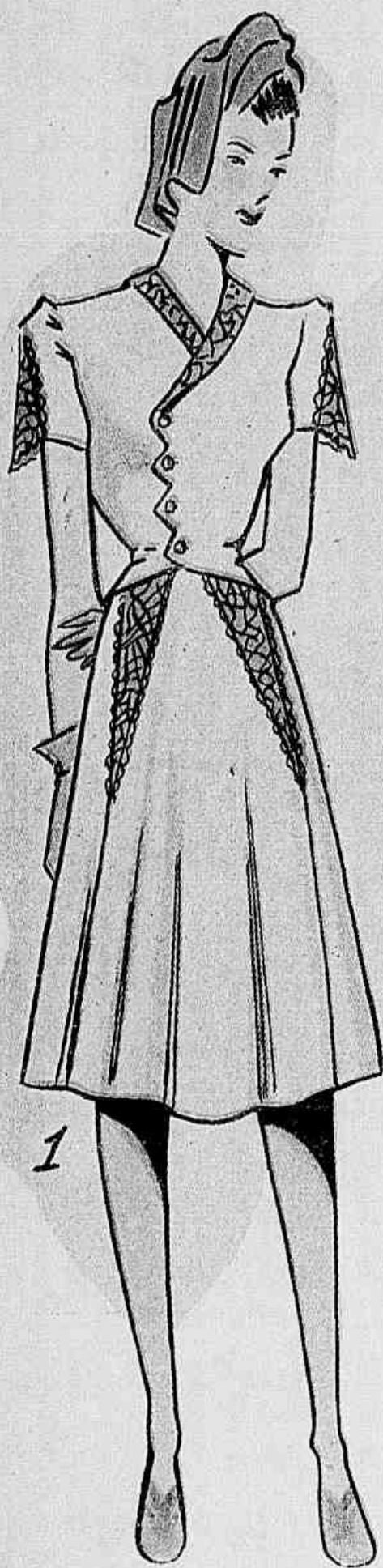
2 — Vestido em "rayon" branco com estampados azuis. Gola de piqué azul com cinto e laços do mesmo.

3 — Vestido em trolalco estampado com flores silvestres vermelhas. Modelo para mocinha.

4 — Vestido de linho verde e "marron" nas guarnições. Tem uma préga na frente.

5 — Vestido em "foulard" de vários tons. Note-se os enfeites que partem do cinto.

6 — Vestido em "rayon" rosa e azul. Corte na blusa. Gola do mesmo ou de renda.



A MODA

A Moda caprichosa, versátil possui, em todas as circunstâncias meios e recursos para ser diferente e com isso agradar às suas "fans". Em plena guerra aclimou-se em New York, onde continua a ser árbitra de elegâncias. Ali se encontram também instalados os grandes costureiros que criam modelos, idealizam inovações e, com isso, movimentam a indústria da costura.

Em tecidos predominam o "rayon" ou seda artificial em jersey, lisos e estampados porquanto o "rayon" é suscetível de todos os matizes e texturas; linhos estampados, bordados ingleses em todas as cores, rendas magníficas, "matelassés", cambráias de cores com desenhos adoráveis, desenhos em que aparecem estrelas, listras, V em todos os tamanhos e cores; bandeiras de países americanos...

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
 Cerejas ao
 Marrasquino
OS MAIS CAROS
 Incontestavelmente os
 melhores.



7 — Vestido em crepe pesado branco enfeitado em três cores predominantes da bandeira americana — branco, azul e vermelho — que bem pôdem ser invertidas para as da bandeira francesa.

8 — Vestido de linho com aplicações de bordado inglês em vermelho.

9 — Vestido azul com "pois" brancos. Cinto "cors.let" em tom contrastante, por exemplo morango, o que reaparece na gola.

10 — Vestido em linho com xadrês listrado. O linho poderá ser azul alfazema.

11 — Vestido em mongol branco, enfeitado de vermelho em "soutache". A blusa é "drapée" na cintura, o que lhe dá forma de blusão.

12 — Vestido de "tussor" roxo com bordados azuis em "pois". Gênero "sport".

13 — Vestido em crepe preto leve, servindo para verão, visto o verão carioca ser variável. Cinto fantasia. "Jabot" de renda creme.

A Moda é influenciada pelo movimento social e político. Assim tem sido em todos os tempos... Quem desconhecerá os chapéus à Maria Stuart, os fichus e crinolines à Maria Antonietta, os vestidos Imperio?... Como ficaram marcando o gosto desse passado!... Também daqui a um século, verão as elegantes com um sorriso o despido dos — "shorts", o "dégagé" dos "slacks"; esses estampados nacionalistas que proclamam a influência decisiva dos aliados...

E que dizer das cores americanas que lembram aquilo em que certos países se afirmam na balança econômica? E temos a cor do café de Porto Rico, do mate paraguaio, do milho americano, do moreno brasileiro, que tanto pôde ser do açúcar escuro, do melado, como dos naturais do país...

Quanto a modelos temos como novidade (ainda) as duas peças; as prégas em "plissés", em grupos; os franzidos extravagantes apanhados para a frente, os bolsos de variados feitios e até simulados, cortados apenas...

Entre as notas interessantes vemos — boleros com os cintos fechados á guisa das faixas dos toreros.

Os enfeites de três cores aplicados nas mangas como pulseiras, no corpo dos vestidos (veja fig. VI) e em muitas outras combinações.

As carteiras e sapatos também tricolores estão em voga. Os colares que faziam complemento das "toilettes" há dois anos passados voltaram triunfantes. Vemos em vitrines — imitação de coral, de madrepérola, trabalhos feitos em coco, etc., etc. São em geral combinados com pulseiras condizentes, lindíssimas.

E aí tem as leitoras quanto me é possível dizer-lhes por hoje...



ESCRITORIO

E' por demais sabido que são os pequenos "nadas", convenientemente aproveitados, ou dirigidos para certos fins, que produzem as grandes coisas. Verdade tão evidente, que dispensa demonstração, obriga todavia a algumas reflexões acerca do que "é" e do que "não é" aconselhável aproveitar-se, afim de não sobrecarregar a vida com inutilidades.

A côr de uma gravata, que combine com a roupa de corte apurado, é um detalhe aparentemente insignificante, mas de valor decisivo e inestimável no sucesso e no prestígio do homem de negócios que, assim, dá logo à primeira vista uma demonstração de equilíbrio e bom-gosto.

Mas é pena ver como alguns desses homens de negócios, que possuem em tão alto grau o sentido da compreensão e o domínio absoluto, não só de si mesmos mas também de tudo o que os rodeia ou fica sob a sua esfera de influência, trabalham em escritórios que são quase uma contradição daqueles predicados magníficos de ordem e disciplina, que lhes engrandece o valor e o prestígio.

Para alguém, que não se conformou com a "standardização" niveladora, é que um decorador inteligente executou o gabinete de trabalho que ilustra esta página, o qual, sem excluir originalidade e graça, possui um traço inconfundível de "personalidade", resultante de pequenos "nadas" habilmente combinados.

Afinal, qualquer leigo no assunto poderia sugerir cortinas de "voile", reposteiros de pelúcia, grupos estofados, um "bureau" e uma cadeira, porém só um técnico competente conseguirá obter, com estes elementos, uma combinação assim equilibrada e harmoniosa.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

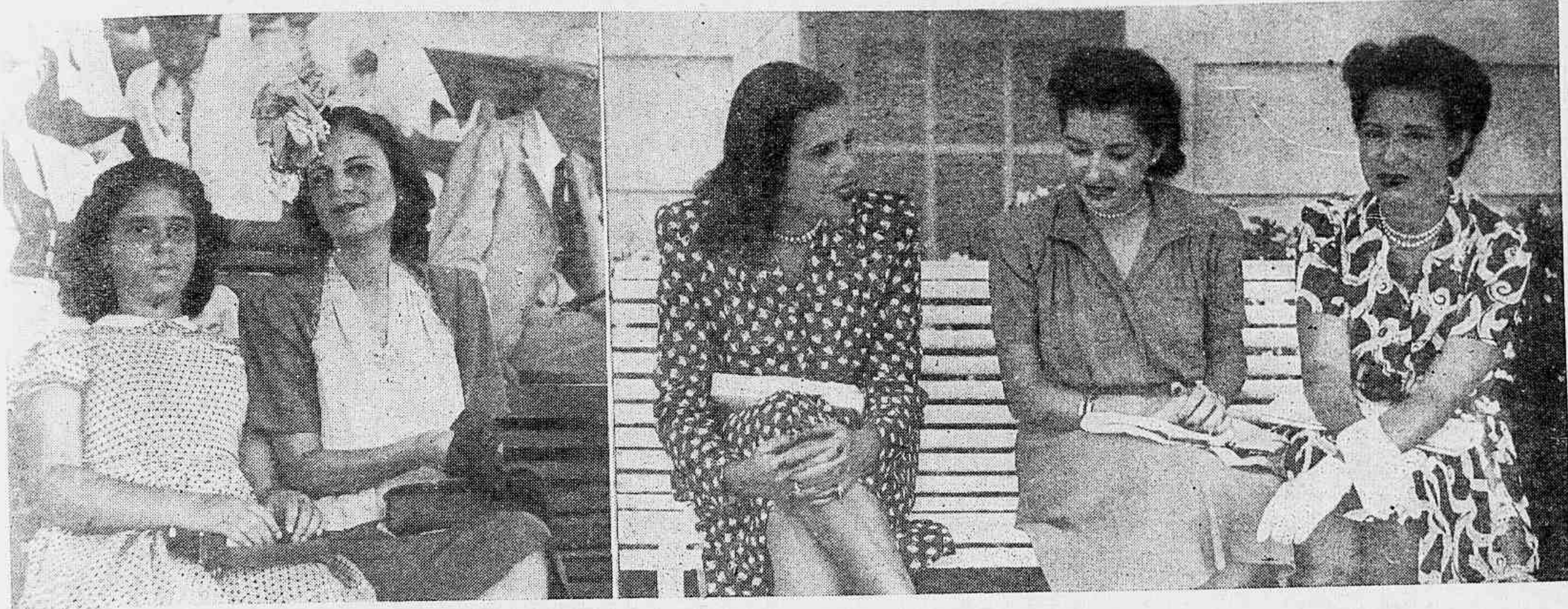
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



JOCKEY CLUB MUNDANO

As corridas de Domingo no Hipódromo da Gavea encerraram de maneira brilhantíssima a temporada de Verão deste ano. A afluência esteve fora do comum e o movimento de apostas bastante animado. Ever Ready venceu a prova principal do programa. São da tarde esportiva de domingo os flagrantes que temos o prazer de apresentar nesta — página. —



Nuvens

deram tempo em copiar essa nova invenção bélica. Aperfeiçoaram-na para que se adaptasse às suas próprias concepções estratégicas, tornando-se assim donos de um exército do ar que não tardou a demonstrar a sua espantosa eficiência.

A guerra atual ainda não completara um ano quando foram anunciadas aterrisagens de paraquedistas na Holanda, na Bélgica e na França, desembarques esses de proporções amplas e perigosas. Tão perigosos se revelaram eles que, depois da queda da França, quando a Grã-Bretanha se viu ameaçada de invasão, foi apressadamente organizada uma força armada, denominada "Voluntários da Defesa Local" (hoje a famosa e esplendida "Home Guard"). A função desse exército de civis consistia em repelir as tropas paraquedistas inimigas, cujo ataque era esperado a qualquer momento. Dai por diante, já registou a história páginas inteiras sobre a atividade desses ativos soldados do ar. No princípio de 1941, foram destruídas por grandes contingentes de paraquedistas britânicos, no sul da Itália, importantes obras de defesa de depósitos do exército de Mussolini. Em Maio de 1941, Creta foi

arrebataada aos britânicos, em grande parte graças aos esforços dos paraquedistas germanicos. E depois de Junho de 1941, por trás das linhas nazistas na Rússia, os paraquedistas soviéticos realizaram centenas de descidas noturnas, destruindo instalações e estabelecendo contâto com os inflexíveis guerrilheiros que operam nos territórios conquistados á Rússia pelos exércitos invasores de Hitler. Na Africa do Norte, no mês de Novembro de 1942, foram realizadas operações em grande escala pelas forças paraquedistas norte-

Paraquedistas britânicos e norte-americanos, como os que aparecem nesta fotografia, desempenharam um papel de importância vital para o êxito da ofensiva aliada na Africa do Norte.

O primeiro dia do mês de Maio de 1936 amanheceu lindo e brilhante sobre Moscou. Durante todo o decorrer do dia o céu se manteve azul. E quasi até o anoitecer foi festejado na capital russa o Dia do Trabalho, enquanto os diplomatas de numerosos países, perturbados por sentimentos de admiração e de duvida, presenciavam a gigantesca parada militar que desfilou pelas ruas da cidade. Durante horas a fio, tanks pesados, enormes canhões, carros blindados e caminhões do exército passaram, em colunas sem fim, no meio do alarido ensurdecedor dos seus milhares de motores. No céu, inumeras esquadrilhas dos mais variados tipos de aviões de combate voavam ininterruptamente, enchendo os ares de zumbidos estrepitosos.

Subito, houve um momento de intensa sensação. Desenrolou-se uma cena imprevista que a todos emocionou profundamente. Foi um espetáculo inédito que depois se repetiu dezenas de vezes, em outros céus, mas em circunstâncias bem diversas, provocando não a simples admi-

ração, mas sim o terror e a morte. Em poucos segundos, o azul do céu ficara salpicado de minúsculas nuvens brancas. Eram paraquedas. Aos milhares, foram descendo lentamente. Batalhões e mais batalhões de paraquedistas soviéticos. Surgira uma nova arma. Soldados completamente equipados, que chovem das nuvens, e se lançam imediatamente ao ataque, ameaçando a retaguarda dos exércitos.

O mundo limitou-se a sorrir. "Puro exibicionismo" foi a voz corrente.

"São alvos que qualquer menino não poderia deixar de acertar".

Antes de haverem tocado o solo, todos seriam exterminados. Trata-se decerto de um projeto espalhafatoso, mas inteiramente impraticavel".

Mas os fatos, dentro em breve, vieram demonstrar o contrário. Os nazistas não per-



Um destacamento de paraquedistas dirige-se para bordo dos aviões.



Paraquedistas britânicos em treino.

Humanas

Os paraquedistas são soldados atléticos e poderosamente equipados. O rigoroso treinamento a que são submetidos permite-lhes vibrar tremendos golpes em pontos vitais do inimigo, a centenas de quilômetros por trás da linha de frente.

Do B. N. S. especial para a REVISTA DA SEMANA

americanas. Lançando mão do mesmo recurso, tentaram os nazistas reforçar as suas posições na Tunísia.

E ao ser finalmente desfechada a fulminante ofensiva das Nações Unidas contra a própria Europa, inúmeras e eficientíssimas serão, sem dúvida, as ações empreendidas pela nova arma posta em prática nesta Segunda Guerra Mundial.

Em inúmeros centros de treinamento localizados do norte ao sul da Grã Bretanha, e através dos Estados Unidos da América, dezenas de milhares desses intrépidos e resistentes soldados do ar estão sendo submetidos a um rigoroso preparo físico e técnico, afim de se tornarem aptos a vibrarem os mais violentos golpes contra o inimigo.

Aprende o paraquedista a agir com completa independência e a se abastecer a si próprio. Se bem que a maioria das ordens de combate que recebe sejam precisas e detalhadas é necessário que o paraquedista possa estar em condições de operar em circunstâncias imprevistas, e que, ao empregar a sua própria iniciativa, demonstre uma grande presença de espírito. O treinamento a que é submetido não é absolutamente ortodoxo. Por exemplo, recebe instruções para se dirigir a uma cidade situada a 150 quilômetros do seu acampamento, devendo logo em seguida regressar, dentro de um prazo curtíssimo. Leva consigo rações de campanha para três dias, mas nem dinheiro nem passes de transporte. Durante meses a fio, mesmo durante a época mais severa do inverno, mora numa simples barraca de lona. Alimenta-se de caça. Torna-se perito no manejo de todas as armas — inclusive daquelas que talvez tome das mãos do inimigo. Adquire destreza no boxe, na luta-livre e no "jiu-jitsu". É obrigado a nadar grandes distancias, inteiramente equipado, conservando sempre enxutas as suas armas de fo-

go. Habitua-se a viver dias seguidos sem água e sem alimentos, muitas vezes marchando 90 quilômetros num só dia. Maneja pequenos botes, escala montanhas, decifra mapas, atravessa território de qualquer natureza, dinamita pontes e incendeia depósitos.

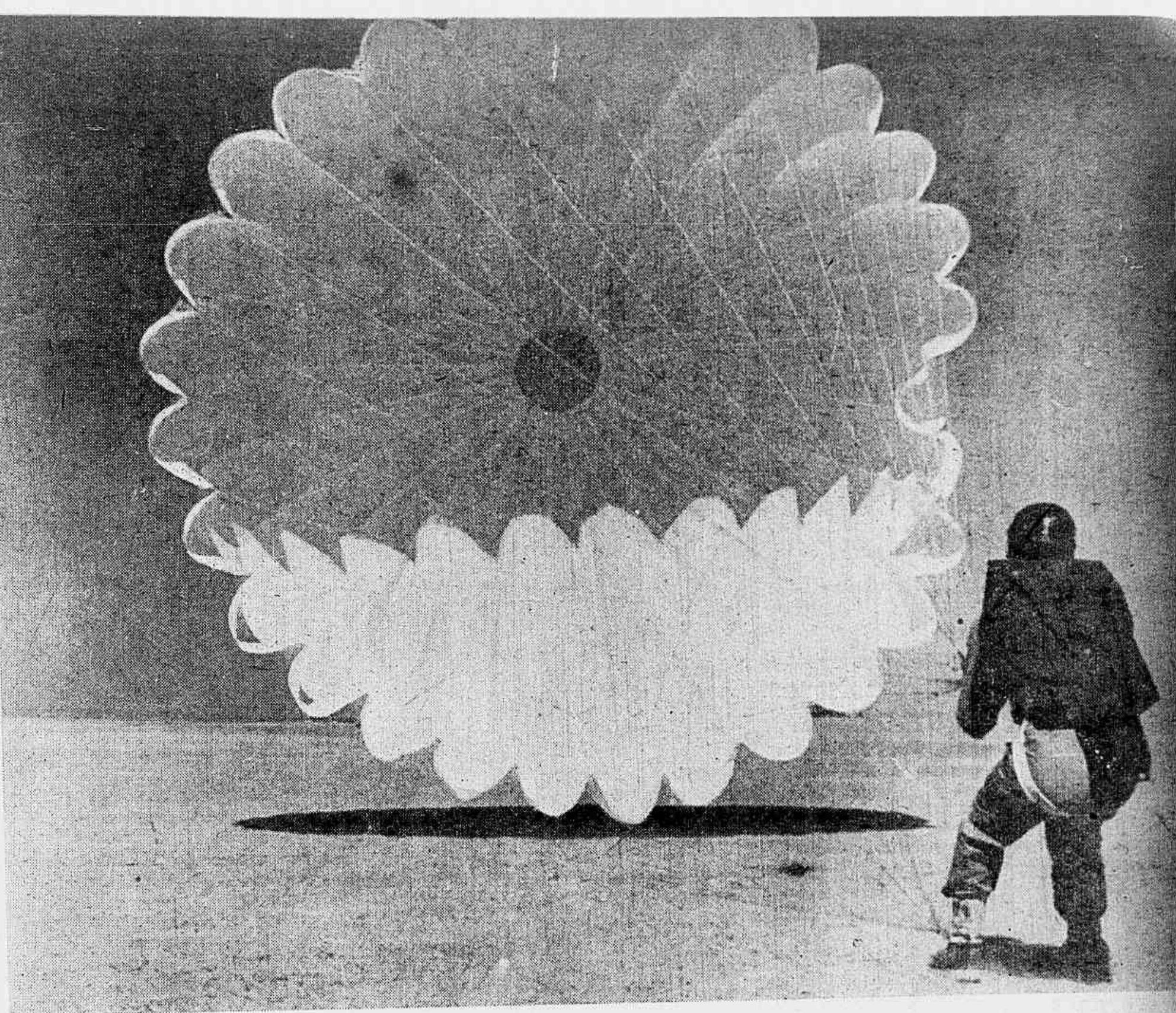
E, acima de tudo, tem de conhecer todos os segredos do seu paraquedas. Essa parte do treinamento é dirigida pela Real Força Aérea. Passa longas e duras horas aprendendo a saltar com facilidade, tornando-se habil nas aterrissagens e aperfeiçoando-se na técnica do manejo do paraquedas depois de se achar em terra firme. Saltar fica sendo para o soldado do ar quasi que uma segunda natureza.

O treino de salto em paraquedas é progressivo. A principio, o candidato aprende a se balançar, pendurado de pouca altura. Depois passa a saltar de torres onde o paraquedas ainda se acha

ligado a cabos controlados. Em seguida, salta de balões estáticos, e finalmente de aviões em movimento. Uma vez tocado o solo deverá saber desvencilhar-se rapidamente do paraquedas, para que com a menor perda de tempo, de um simples ponto branco que desce lentamente do céu possa transformar-se no mais arrojado, mais temido e mais perigoso de todos os atacantes das forças armadas de qualquer nação.

O seu preparo final é geralmente realizado em estreita colaboração com as tropas transportadas por via aérea e com as forças mecanizadas dos exércitos principais. No Exército Britânico, o paraquedista é sempre um voluntário, selecionado após uma série de provas as mais rigorosas.

Quando a história da Segunda Guerra Mundial for finalmente escrita, o papel dos paraquedistas, cujos feitos tiveram pouca publicidade, há certamente de fornecer alguns dos mais sensacionais capítulos dentre toda a imensa série de façanhas repletas de heroísmo e audácia, desenvolvidas nos teatros da guerra dos cinco continentes.



Familiarizando-se com os segredos do paraquedas.



Um paraquedista britânico com a sua arma automática.



Exercícios de assalto realizados na Inglaterra, durante manobras do exército.

MODELOS INFANTIS



1 — Casaquinho de flanela branca com bordados de sêda branca.

2 — Conjunto feito de "organdi" branco com bordado.

3 — Vestidinho de cambraia branca com prégas finas e bordados.

4 — "Moisés" — armado em vime com acolchoado de crepe rosa pálido e a armação com babados bordados.

5 — Vestido de "linon" branco com

pala trabalhada em aplicações. Casaquinho igual.

6 — Vestido para batizado, em "linon" rosa pálido, Todo o corpo e barra intercalados de rendas e bordados feitos a mão.

7 — Simples conjunto de opala e renda.

8 — Conjunto de crepe de algodão com vivos contrastes.

9 — Vestido de flanela com bordado.



LINGERIE ELEGANTE

1 — "Liseuse" em crepe setim "pêche", com pespontos. 2 — "Déshabillé" de setim branco em "matelassé" e pespontos. 3 — Quimono de flanela azul vivo com bordado branco. Guarnição de flanela branca. 4 — Quimono de crepe "biscuit" forrado de flanela vermelha, com vista da mesma. 5 — Quimono de lã "ciclamen". Bordado em "soutache".



PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

BLUSAS E SAIAS



1 — Blusa de linon com valenciennes franzidos, formando frente, laço na gola.

2 — Blusa de mousseline de seda branca, pregueada, formando com as regas, apenas o corpo. Cinto al.o. Laços de satim. Botões de perola.

3 — Saia de crepe mate. Pala sustento plissé completo.

4 — Saia alfaiate em lanzinha muito fina. Cortes formando bolsos.

5 — Saia calça de lan, com pespontos. Fecho eclair.

GRANDE HOTEL

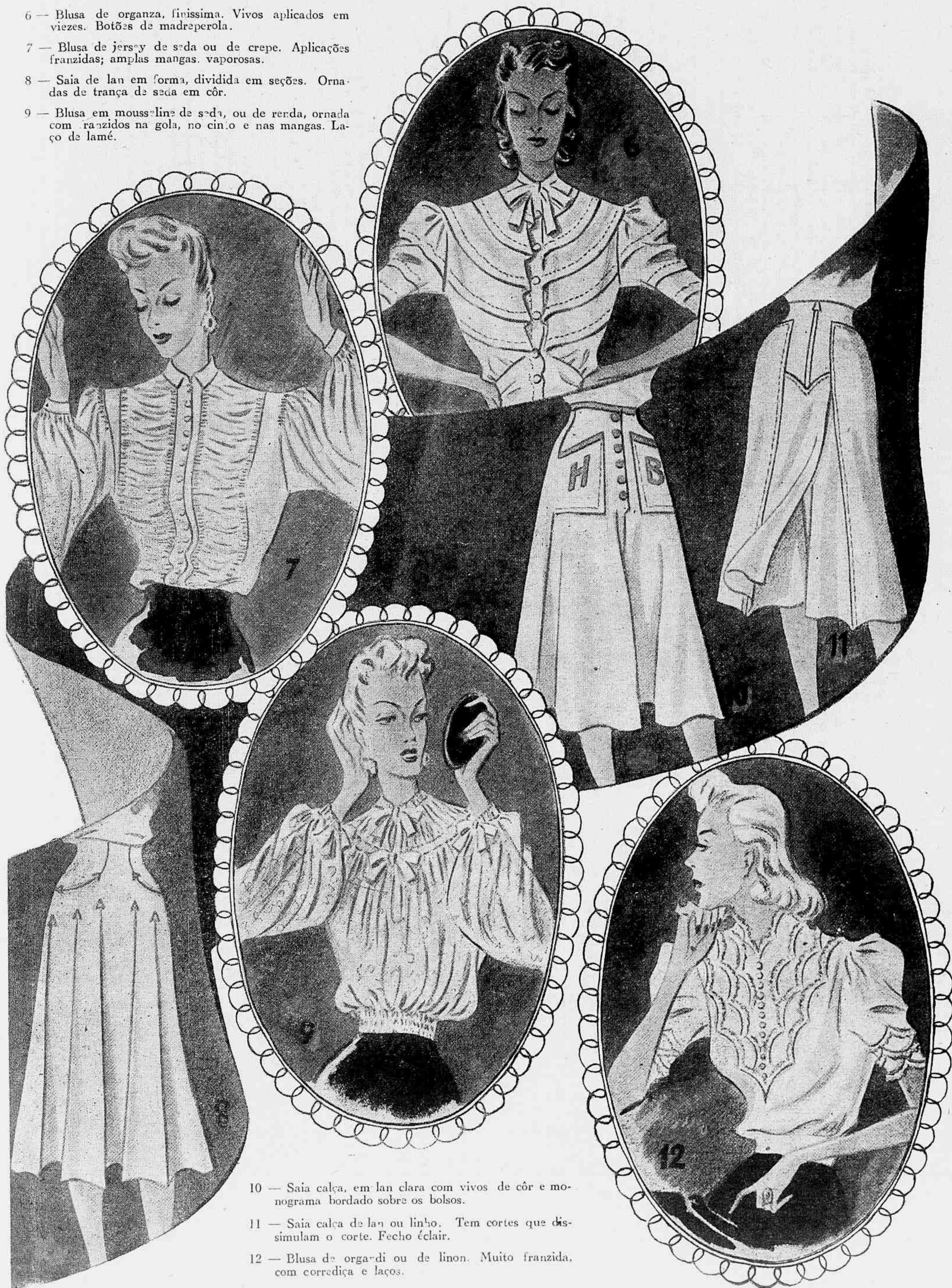
STA. RITA

Repouso em clima adoravel, 500 mts. alt. Passeios, aguas minerais, matas, cascatas, açude, diversões. Fazenda Santa Rita (Parada Eng.º Neri Ferreira), a duas horas do Rio. Tel. Mendes 61 — No Rio. Confeitaria Pascoal.



PARA OS DIAS DE CALOR

- 6 — Blusa de organza, finíssima. Vivos aplicados em vizes. Botões de madreperola.
- 7 — Blusa de jersey de seda ou de crepe. Aplicações franzidas; amplas mangas vaporosas.
- 8 — Saia de lan em forma, dividida em seções. Ornadas de trança de seda em côr.
- 9 — Blusa em mousseline de seda, ou de renda, ornada com franzidos na gola, no cinto e nas mangas. Laço de lamé.



- 10 — Saia calça, em lan clara com vivos de côr e monograma bordado sobre os bolsos.
- 11 — Saia calça de lan ou linho. Tem cortes que dissimulam o corte. Fecho éclair.
- 12 — Blusa de organdi ou de linon. Muito franzida, com corrediça e laços.

O CACAU E SUAS APLICAÇÕES

O cacauero (theobroma cacao) é uma árvore nativa nas florestas do vale amazônico. Desde o Brasil até o México é encontrado em estado selvagem e, segundo rezam documentos históricos, por ocasião da colonização portuguesa — já os gentios conheciam o cacauero e suas sementes eram utilizadas à guisa de moeda para relações de permuta. Referem lendas mexicanas o seu uso entre os "aztecas", com a denominação de — "cacahuatl", a que emprestavam origem divina. No Estado do Pará, desde 1667 o cacauero foi utilizado em plantações. Entretanto, seu florescimento entre nós veio verificar-se no Estado da Bahia, onde encontrou magníficas condições de adaptação, datando sua introdução ali de 1846.

O cacau é hoje um dos produtos de maior consumo mundial, fato esse que se deve atribuir aos melhoramentos introduzidos na indústria do chocolate. Essa indústria trouxe a grande vantagem de permitir o aproveitamento de diversas qualidades de cacau, o que importou no abaixamento de preço de venda do produto e na generalização de seu uso entre o povo.

A introdução e difusão do uso do cacau na Europa se deu em meados do século XVI, mas só se difundiu no século XIX, atribuído a Fernando Cortés, famoso guerreiro espanhol — por sua influência junto à corte de Madrid. O nome de chocolate vem do dialeto dos aztecas, que com as sementes preparavam uma espécie de pasta e com a polpa uma bebida refrigerante a que deram o nome de "chocolate".

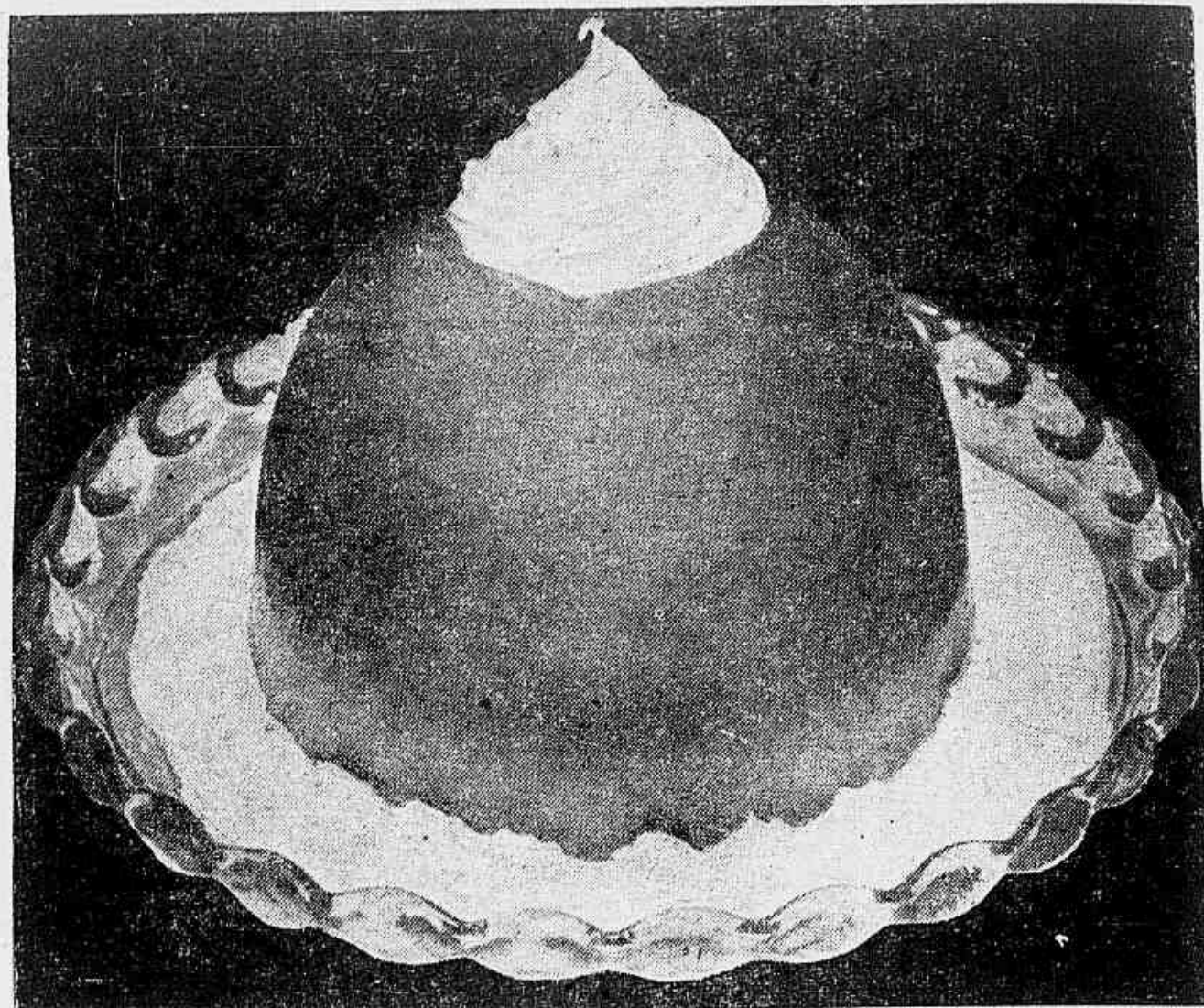
No Brasil, o cacauero é cultivado principalmente no Pará, Bahia e Espírito Santo, sendo que o Estado da Bahia tem a primazia com 98% de nossa produção. É uma planta vigorosa. As plantações chegam a atingir a idade de 60 anos e em pleno vigor produtivo. É o cacau um produto de alto valor estimulante, também aproveitado para múltiplos fins industriais. É sobretudo preferido pelas populações de clima frio. Caracteriza-se por conter 50% de substâncias oleosas. É assim que a manteiga dele extraída tem uma larga aplicação. Além de sua utilização "in natura" tem múltiplas aplicações industriais sendo dele extraídos — a teobromina, a cafeína, etc. Seu aproveitamento como matéria prima vai, dia a dia, interessando cada vez mais.

"BAVAROIS" DE CHOCOLATE — 6 gemas, 250 grs. de açúcar, um quarto de litro de leite (250 grs.), 200 grs. de chocolate em pó, 1 colherinha de vanilina em pó, 20 grs. de cola de peixe, 350 grs. de creme de leite batido, 250 grs. de creme "chantilly". Modo de fazer: bate-se o açúcar com as gemas, junta-se depois o leite tépido no qual se junta o chocolate. Leva-se ao fogo para engrossar, junta-se a cola previamente desfeita n'água. Bater o creme de leite, juntar ao outro e deitá-los numa fôrma molhada. Tapa-se a fôrma e coloca-se sobre gelo. No fim de 3 horas, pelo menos, aquecer levemente a fôrma e tirar o doce que é guardado com creme (ver a gravura). Põe-se o doce em prato de cristal de cor. Fica assim mais decorativo.

"CUQUES" DE CHOCOLATE — 1 chic. de maisena, 2 de farinha de trigo e meia de açúcar, 1 colher de pó Royal, 1 de sal, 1 xícara bem cheia de manteiga, 3 ovos sem bater, 2 colheres de chocolate em pó. Peneira-se os ingredientes secos, junta-se a manteiga, os ovos, etc. Faça rodela bem finas, espalhando açúcar cristal por cima e leva-se ao forno regular, em taboleiro untado de manteiga.

"MOUSSELINE" DE CHOCOLATE — 3 colheres de chocolate em pó, 150 grs. de açúcar, 3 gemas de ovos, 2 colheres de farinha de trigo, 1 pitada de sal e 3 claras batidas em neve. Depois de tudo bem batido, assa-se em fôrma untada. Forno brando.

DOCINHOS AMAZONENSES — 150 grs. de farinha de trigo, 150 grs. de manteiga, 150 grs. de açúcar, 1 colher de chocolate em pó, 3 colheres de castanha do Pará ralada, 1 colherinha de fermento Royal, 6 ovos. As claras são batidas em neve. Forminhas forradas de papel.



CARAMELOS DE CHOCOLATE — Pôr ao fogo — 20 grs. de mel, 50 grs. de manteiga, 3 "tablettes" de chocolate ralado, 1 colher das de sopa de açúcar. Deixar cozinhar 7 a oito minutos. Despejar em cima de uma pedra mármore, untada com manteiga. Cortar em pedaços.

SORVETE DE CHOCOLATE — 1 1/2 "tablettes" de chocolate, 2 xícaras de leite, 1/2 colher de farinha de trigo, 1 pitada de sal, 2 1/2 xícaras de açúcar, 1 colherinha de essência de baunilha, uma xícara de nata batida. Dissolver o chocolate com leite, misturar a farinha de trigo com açúcar, durante alguns minutos, até engrossar. Deixa-se esfriar, junta-se um creme batido, leva-se à geladeira. O sorvete pôde ser servido com finas fatias de bananas e creme "chantilly".

CREME DE CHOCOLATE E COCO — 2 colheres de fermento inglês, 1 colher de manteiga, 100 grs. de chocolate ralado, 5 colheres de leite quente, 2 xícaras de açúcar, 1 pitada de sal, um pouco de baunilha, 1/2 xícara de coco ralado.

Misturar em água fervendo o fermento, a manteiga e o chocolate. Adicione então o leite quente, o sal e o açúcar, mexendo sempre para ficar bem ligado. Ponha por fim o chocolate, a baunilha, etc. Este creme é excelente para cobertura de qualquer bolo.

BOLO MARMORE — 1 coco ralado que se ferve com uma garrafa de leite e 2 xícaras de açúcar. Deixa-se esfriar e passa-se num guardanapo molhado. Faz-se depois um mingau juntando 3 colheres de maisena. Dessa massa retira-se um bocadinho que se junta a 3 colheres de chocolate em pó. Depois em fôrma molhada arruma-se, alternando as duas massas. Leva-se à geladeira e serve-se com um doce de ameixas.

LICOR DE CACAU — Em vasilhame de vidro deita-se: 1 litro de leite fervido, 1 quilo de açúcar dissolvido, 2 xícaras de álcool, 1 vagem de baunilha, algumas rodela de limão, 200 grs. de chocolate. Deixa-se em repouso 8 ou 10 dias, filtrando-se depois.

MISS CAKE.

CONHECIMENTOS UTEIS

OBJETOS NIQUELADOS — Quando cobertos de uma pátina esverdeada ou azulada esta desaparece rapidamente com um banho de álcool refinado com 2% de ácido sulfúrico. Passados alguns minutos se enxaguam com água e álcool, secando em pó de serra.

Limpa-se mais rapidamente substituindo o ácido sulfúrico por uma parte de ácido acético, com partes iguais de álcool retificado — concluindo como acima ficou indicado.

Os utensílios de níquel formam com o vinagre veneno, sendo assim muito indicado o maior cuidado com esses utensílios.

DESINFECÇÃO DE ESCOVAS — Em caso de enfermidade contagiosa deve ser esterilizada com água oxigenada a 5% dissolvida n'água simples. As escovas ficam de imersão durante 1 hora.

OS PENTES — Eles nunca devem ser limpos com água quente, mas com uma loção carbonatada ou de amônia.

LIMPEZA DE ALABASTRO — O meio mais prático para limpar um alabastro é lavá-lo com água tépida e sabão, ou passar gesso dissolvido em álcool que se tira depois de algum tempo — quando bem seco — com uma escova.

UM VERNIZ CONTRA OXIDAÇÃO — Num frasco em capacidade de 125 cm. dissolve-se 5 grs. de goma laca (da clara) em 100 grs. de álcool. Agita-se de quando em quando.

Para decolorir, o que é indispensável, junta-se no frasco 20 grs. de negro animal, filtra-se num filtro de papel e a mistura. Liga-se camada desse verniz aplicado em pincel protege metais, evitando que se oxidem.

Para limpar o pincel — pôde-se mergulhá-lo em álcool.

VEJA O QUE
QUAKER OATS
LHE PODE DAR!



Em comparação com o arroz, a aveia Quaker Oats oferece 2 1/2 vezes mais proteína para o desenvolvimento dos músculos; 2 vezes mais cálcio e 3 vezes mais fósforo para o fortalecimento dos ossos e dos dentes. Proporciona ainda 4 vezes mais ferro para o enriquecimento do sangue e 23 vezes mais vitamina B1 para o combate à fadiga. Compre hoje mesmo uma lata da deliciosa aveia Quaker Oats, e tire proveito desses elementos adicionais, tão benéficos à saúde.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



35 v.

Aventais para varios fins



Casa MUNDIAL
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS • CINTOS • CARTEIRAS
RIO • R. GARIÓCA, 63 • T. 22-2948
OS MELHORES ARTIGOS • PELOS MENORES PREÇOS

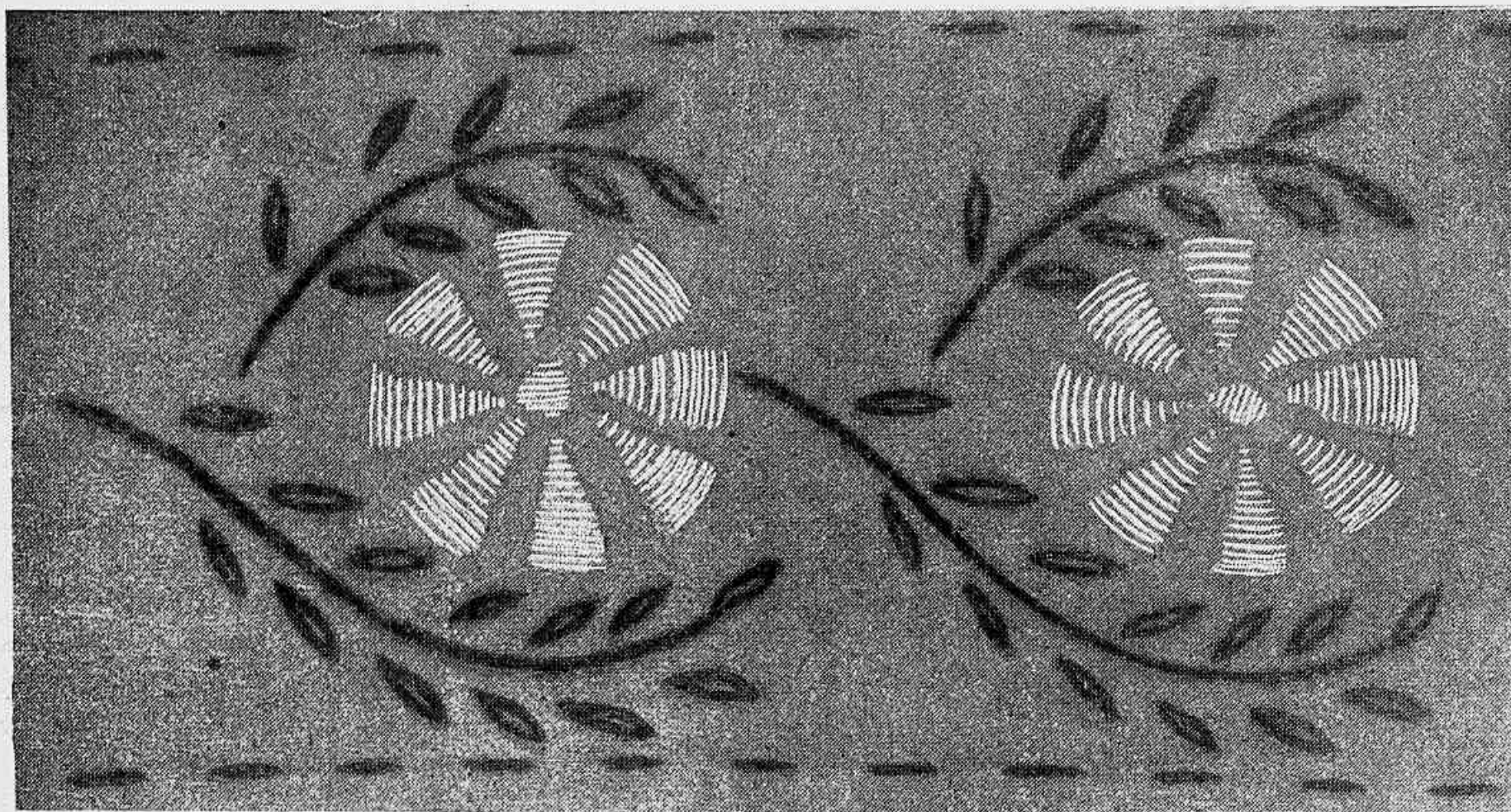
Numa diversidade rara e encantadora encontram-se nesta página modelos de aventais, que servirão para diversos fins. Executados em percal, em linho, em brim, cussor guarnecidos com bordados ou galões, inteiriços ou talhados, com bolsos — estes aventais servirão para o trabalho doméstico, para jardinagem, oficinas e até para passeio.

VEIAS DAS PERNAS

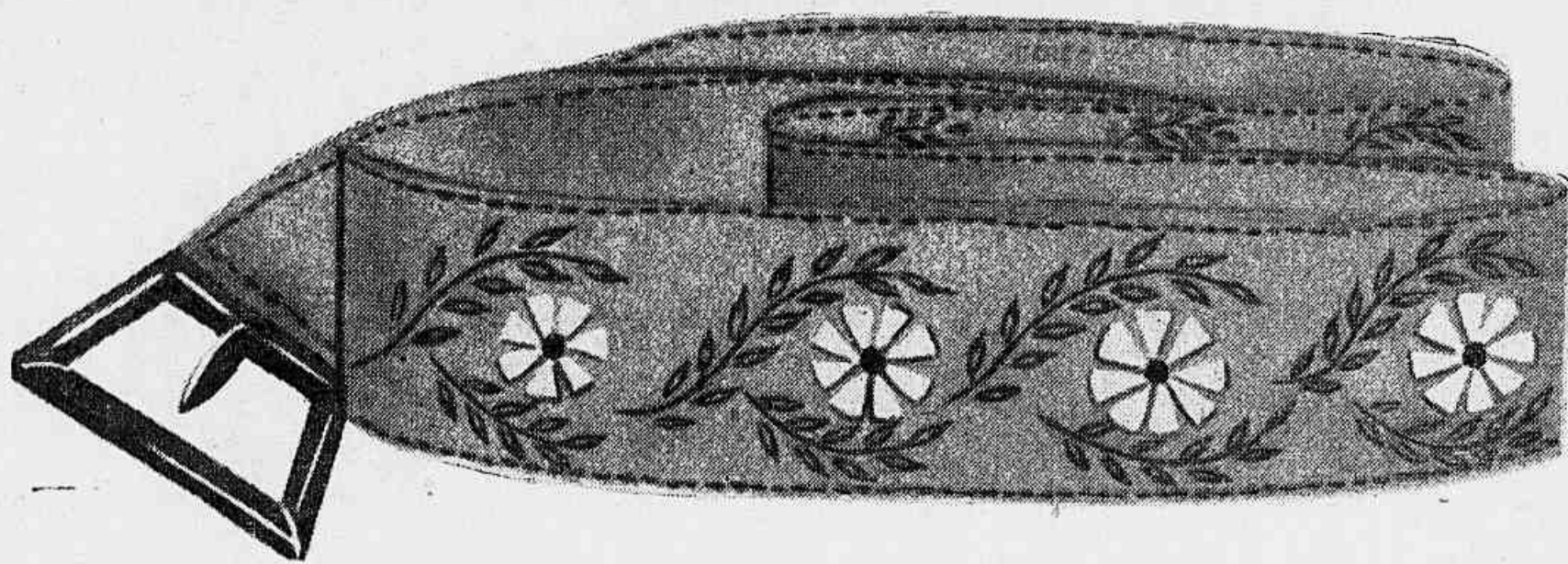
Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26-1.º — De 10 às 12 e 15 às 19 horas

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegância das pernas e predispõem a infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchaço) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo próprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

BORDADO FANTASIA



ROUGE LIQUIDÓ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE



São estes bordados feitos muito simplesmente com lãs finas em diferentes cores. As flores são de tom "ciclamen" e em branco. Com o risco apresentado será possível formar guarnição para o cinto, a bolsa e o gracioso vestido de crêpon "sable" com o qual esta mocinha fará visitas, compras, mostrando bom gosto e habilidade.

PETROLINA MINANCORA

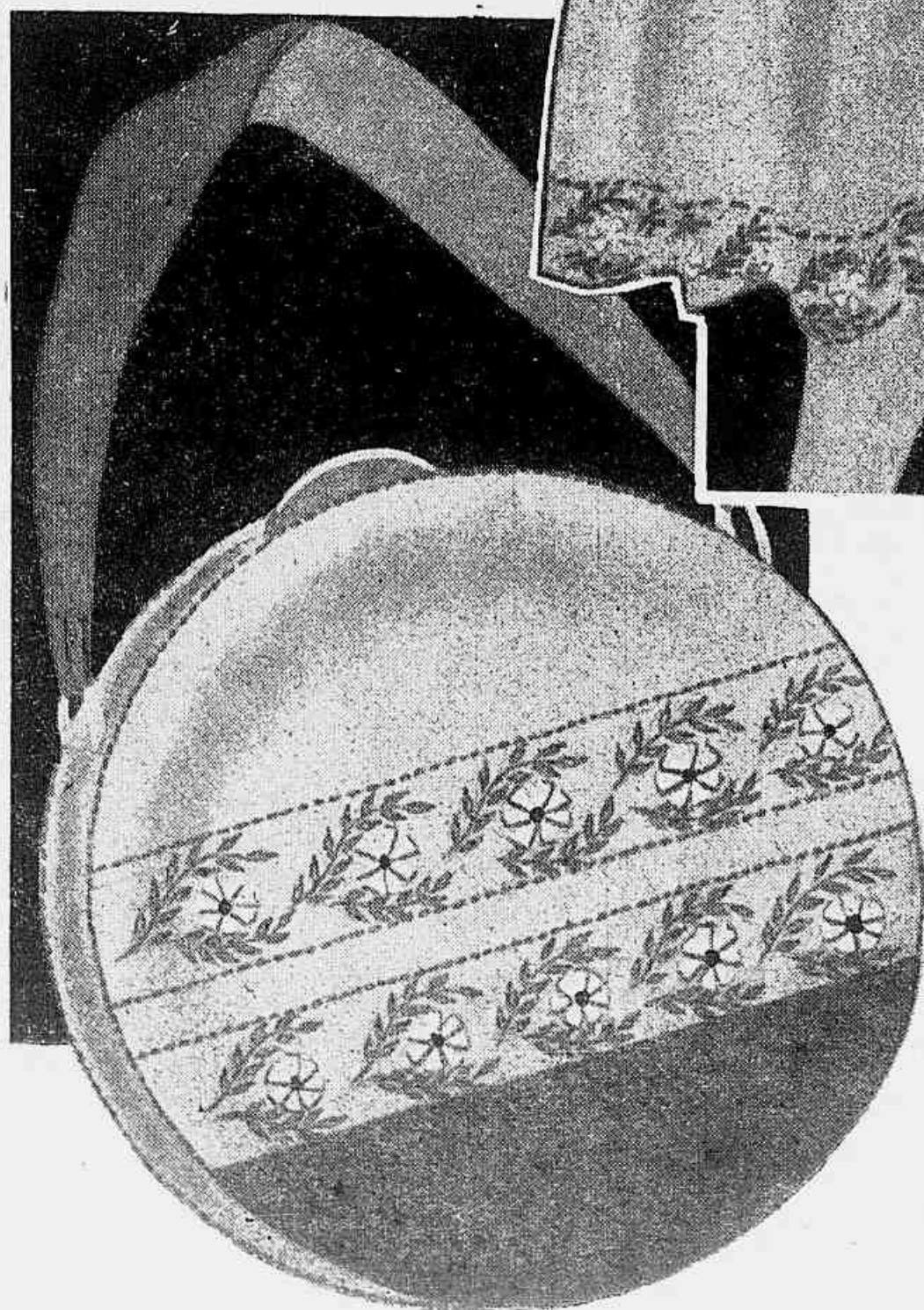
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

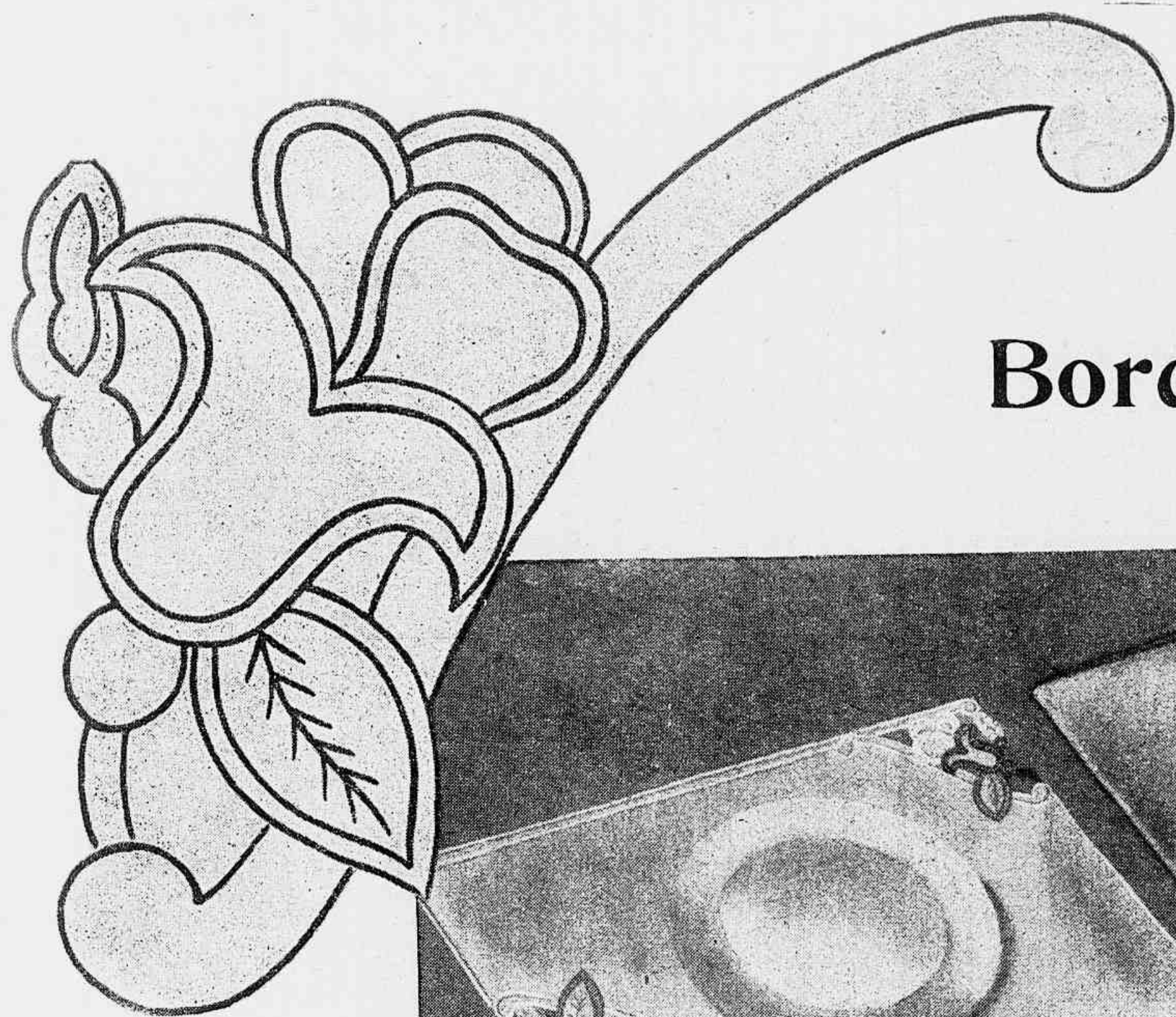
O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



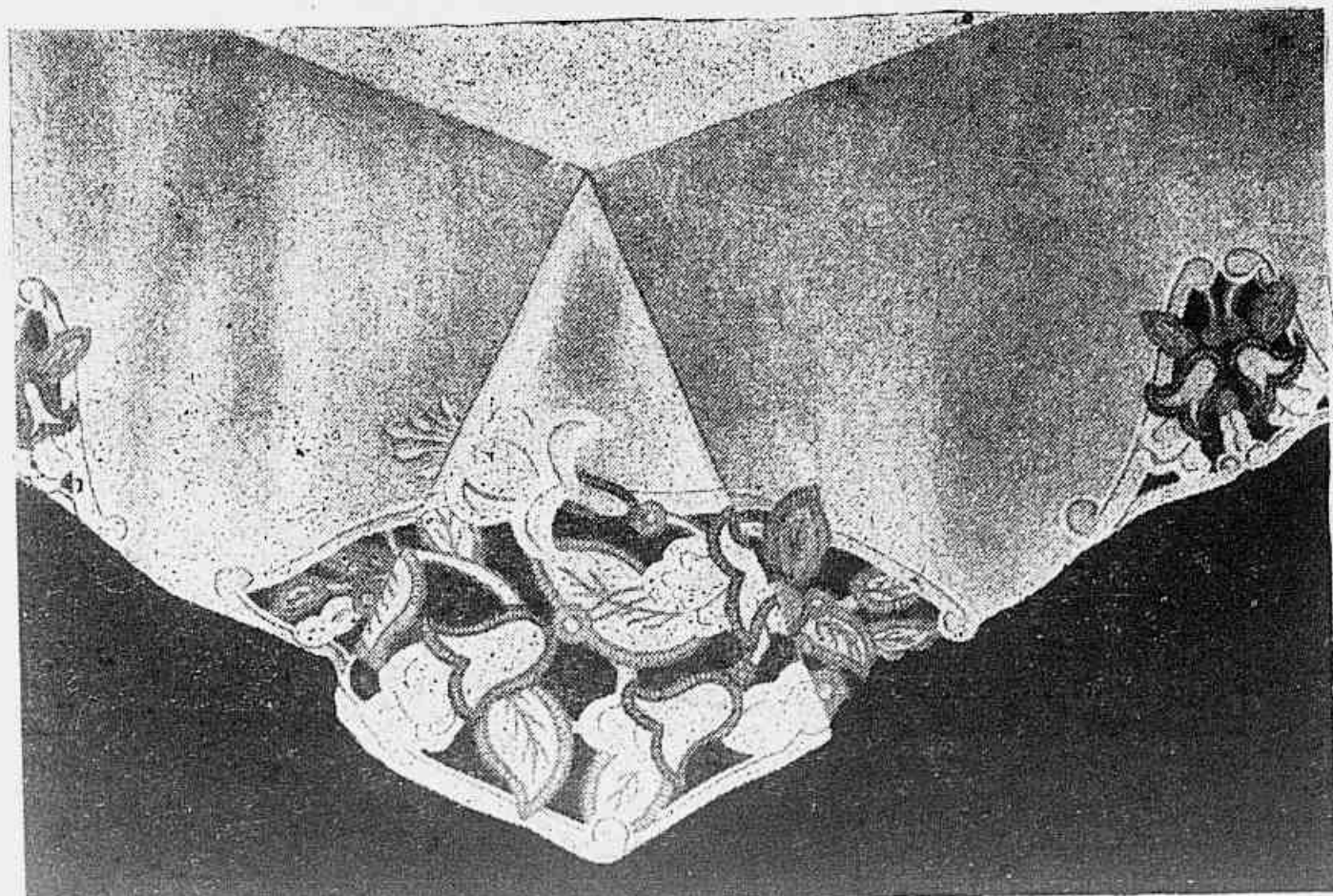
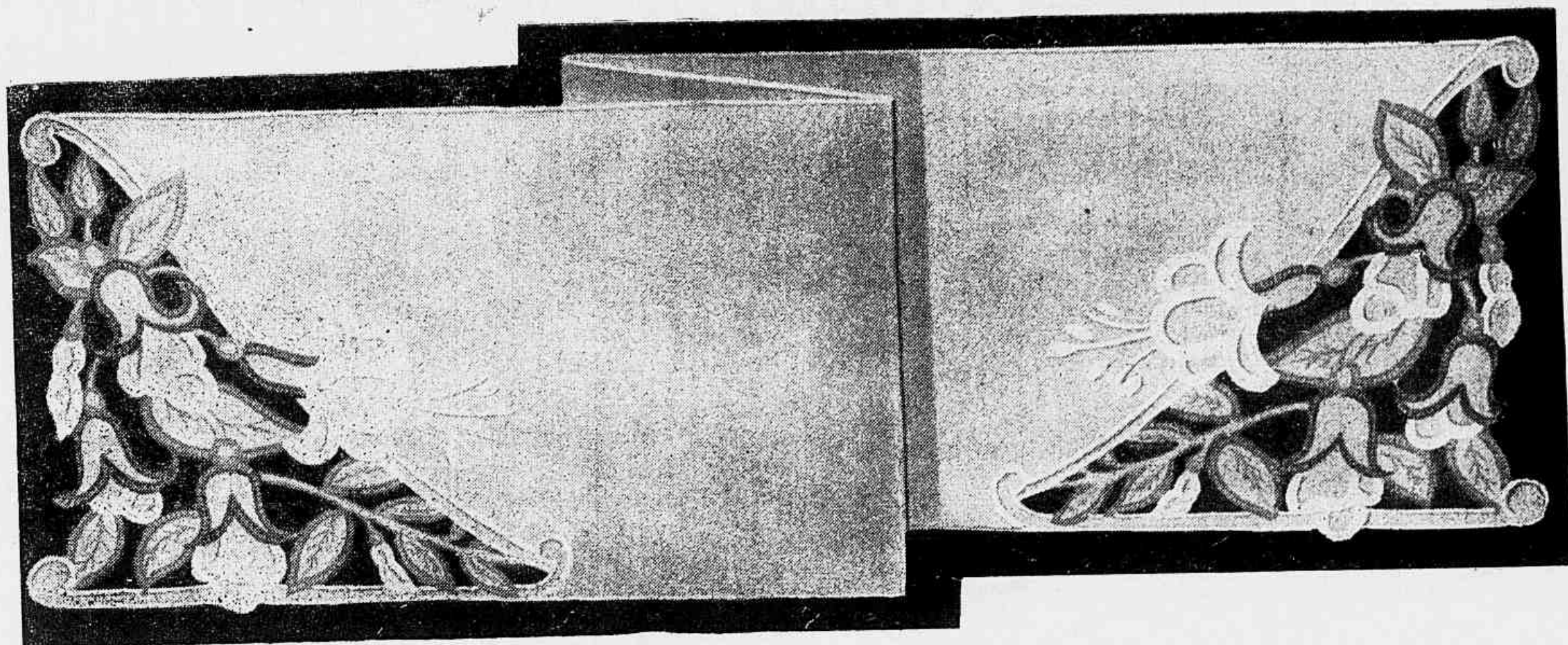
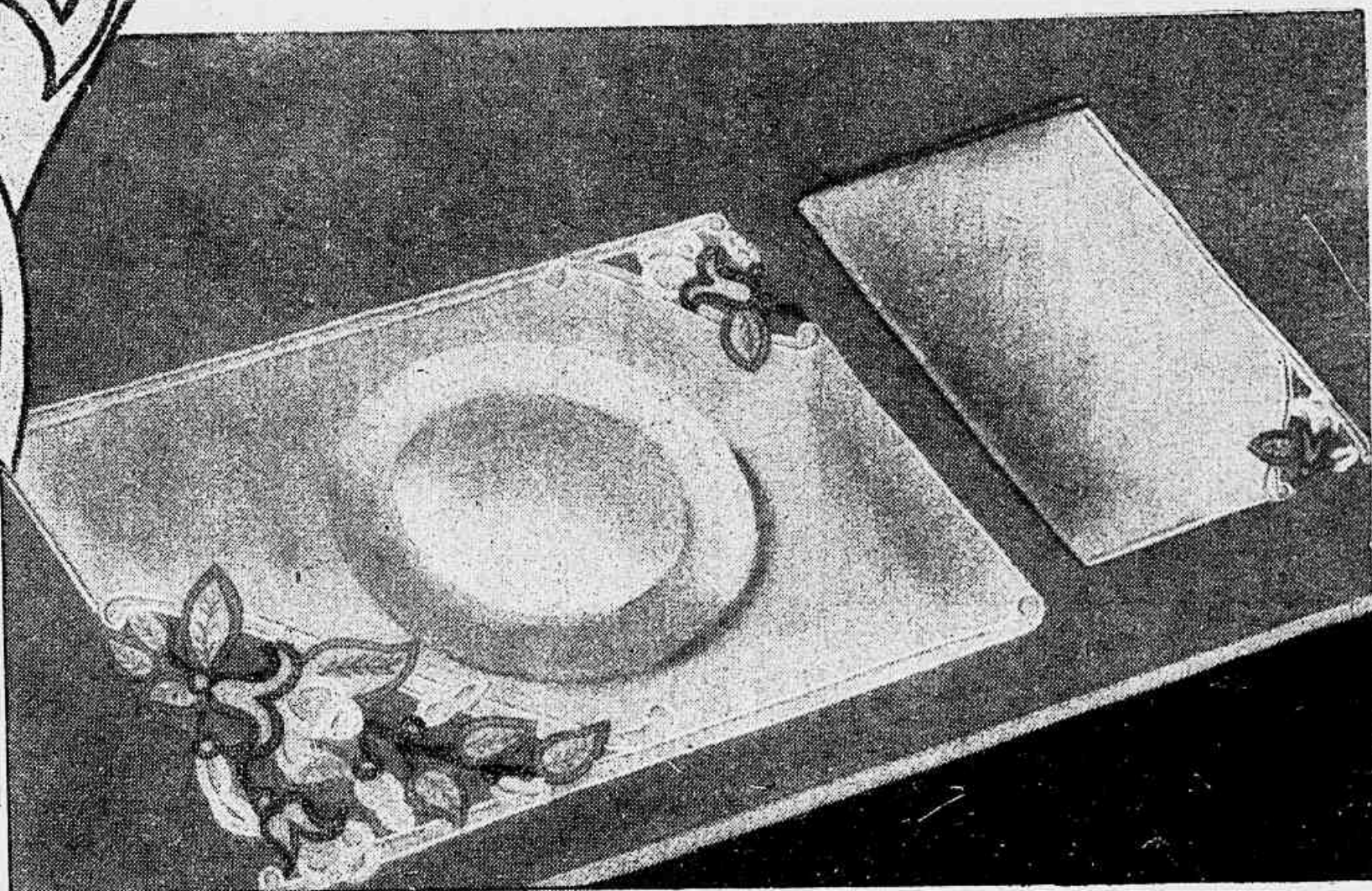
INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo





O Lar

Bordado de côr



Os bordados que ilustram esta página são feitos com linhas mercerizadas em vários tons de "fraise". As peças apresentadas — toalha para mesa, centro, porta-guardanapos se guardam com o mesmo motivo de "fucsias". As flores em ponto "festonné". Na toalha os motivos são colocados nos angulos, sendo executados em ponto aberto. O tecido a empregar deve ser linho "beige" ou cinza.

MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza ns. 100 a 110, onde ocupa um vasto quartelão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

Ribeiro Couto é, na verdade, o príncipe dos nossos cronistas atuais. Cronista, no sentido de contador e comentar das coisas correntes, do "fait-divers", que a sua sensibilidade tão fina e tão sutil sabe transfigurar miraculosamente, bastando-lhe, como a certos magos de "music-hall", o caso mais banal para uma série de conceitos e de conclusões da mais graciosa surpresa e do mais lesto raciocínio literário. Ninguém como ele para evocar certas coisas da nossa "urbs" e da nossa "gens", essas deliciosas idiosincrasias puramente nacionais, que vão desde o encontro com o "Homem exuberante" aos passeios surrealistas por uma Lapa noturna, com os seus "bars" de austriacos cervejeiros, poetas notívagos e inofensivos sonhadores da última hora da madrugada.

Carregado de todas essas taras de eleição, Ribeiro Couto havia de conseguir facilmente no conto moderno, como conseguiu, o mesmo princípio incontestável, a despeito de certos rebarbativos concursos de comadrio que a outros oferecendo, como nos prêmios carnavalescos, o do mais caricato dos bastões de comando.

Desde a "Casa do Gato cinzento" e "O crime do estudan-

te Batista", seu nome se firmou entre nós como o dum legítimo continuador da inesquecível Katherine Mansfield, continuador, é bem que se frise, sem nada de pastichador ou de acorrentado a inelutáveis influências. Ribeiro Couto conta as coisas, como a etérea artista do "Prelúdio", por um simples fenómeno de afinidades intelectuais, nada mais — pois em tudo o que tem feito é o mesmo poeta comovido e diferente do "Jardim das Confidências" e do "Cancioneiro de D. Afonso". Alguns contos seus, de maior tomo, como "Baianinha", por exemplo, ficarão na galeria das nossas melhores páginas de todos os tempos, nesse gênero. Neste "Diário dum moço delicado" se evidenciam magnificamente todas as suas qualidades de ingênua malícia, graça de narrativa, finura de reparo e de eterna surpresa encantada diante das coisas mais simples, que fazem dele uma sensibílissima antena moderna a captar a mais leve reação emotiva do meio ambiente. Não é outro em suma o Jerônimo Vieira Pires, nem o José Viegas, dessas deliciosas novelas brasileiras que são "Cabocla" e "Prima Belinha", alguma coisa do que de mais tipicamente nosso contam as letras brasileiras dos últimos tempos.

E caminhei rápido para a estação, onde o trem ia chegando já. Porque eu é que precisava fugir, iludir os sentidos, adormecer a memória...

Quem lhe teria dado a pulseira e o colar?

25 DE JUNHO (EM MARIA DA FE', E. DE MINAS GERAIS)

Esta carta do Macario, meu companheiro de repartição, é de enlouquecer. Acabo de recebê-la.

"Meu caro Claudio.

Apareceu hoje aqui na Repartição uma senhora de idade, muito gorda, a perguntar aos continuos pela tua vida, pelas tuas relações, se eras um moço digno, etc. O caso produziu estranheza. Informaram-na de que havias partido para Minas, em licença, e ela fez um escândalo dos diabos.

"— Eu logo vi que era um cachorro! Mas deixe está! Boto o nome dele nos jornais!

"Foi preciso muita diplomacia para ela acalmar-se. O José Porteiro, rindo-se muito do caso, com aquela beicada de preto que nós lhe conhecemos, foi buscar imediatamente um copo d'água para a velha.

"Isso a pôs fútil de novo. Então o pessoal perdeu a paciência e viroa-lhe as costas. Ela saiu e, na rua, quase que ficou debaixo do automóvel do ministro, que ia passando.

"Que embrulho foste tu arranjar? O ridículo do caso é imenso. Salva o teu nome, que está a afundar no humorismo acanalhante da repartição em peso..."

Devo ir para mais longe? Para Goiás? Como será que se vai para Goiás?

O alibi

(Continuação da página 7)

— Hei de conseguir, espero bem, outras provas da minha inocência. — E, dirigindo-se ao dono do restaurante: — Sei que o caso, nestas condições, já não terá grande importância para o processo... Mas só para eu não ficar parafusando! É quem sabe se, realmente, com uma primeira indicação, não me acudirá o resto? Diga-me, portanto... Era uma quarta-feira. Qual a lista nesse dia?

— Quarta-feira, peixe, macarronada, costeletas de carneiro, mocotó...

Neste momento notou o juiz, na fisionomia do preso, qualquer coisa de estranho, de veemente, mas que depressa se dissipou. Já perfeitamente senhor de si, o acusado rompeu em exclamações:

— Ah, agora, sim! Onde tinha eu a cabeça? Mocotó, perfeitamente! Por sinal que estava esplendido e até repeti!

— E' pena que o senhor não tivesse dito isso há pouco... observou o juiz, com toda a naturalidade. — Bom, senhor Lacroix, muito obrigado. Pode se retirar; se for necessário, mandá-lo-ei chamar outra vez. Quanto a nós, vamos continuar. Mas espere... — Consultou o relógio. São quasi quatorze horas e o senhor ha de estar com fome. Para não perdermos tempo, vão lhe trazer o almoço aqui mesmo. Prosseguiremos no interrogatório depois. Diga ao guarda o que deseja.

— E'-me indiferente. O que houver.

Poucos minutos depois, volta o guarda. O acusado senta-se, desdobra o guardanapo, e, metodicamente, como pessoa habituada à limpeza duvidosa dos restaurantes a preços módicos, limpa a borda do copo, os dentes do garfo. Depois pega nos dois pratos que escondem a iguaria, levanta o que serve de tampa e exclama incontinentemente:

— Oh!

— Que foi? pergunta o juiz.

— Nada... Nada...

Encheu um copo de vinho e tomou-o dum trago. Depois, com o garfo na mão, ficou imóvel.

— Não gosta disso? indagou o guarda.

— Gosto, como não? Muito até!

Continuava, porém, a olhar para a comida, sem lhe tocar. E de vez em quando, desviava os olhos, enxugava a testa com a mão.

Vendo-o tão pálido, o guarda interveio de novo:

— Mas o senhor não come? Quem sabe se não gosta mesmo?

— Que foi que você lhe trouxe? indagou o magistrado.

— Mocotó. Disseram lá, no restaurante, que era o prato recomendado do dia. E, como ele não escolhera nada...

— Mas está muito bem! assegurou o preso. — Eu gosto! Como não?

Cortou um pedaço e levou-o à boca. Apenas, porém, fechara os lábios, ergueu-se de repelão, derrubando a garrafa, fazendo cair a cadeira. E correu à janela, em soluços desesperados.

Quando se voltou respirava ofegantemente. Estava pálido de cera. Corriam-lhe lágrimas dos olhos. Murmurou: "Nada... Não foi nada..." Sentou-se, cortou outro pedaço, mas, ao levá-lo à boca, deixou cair o garfo; e arredou-se da mesa, na maior aflição.

— Não posso! Levem isso daqui! Levem isso, pelo amor de Deus?

Foi então que o juiz compreendeu a comoção observada, ha pouco, no rosto do preso. Deu na mesa um murro de triunfo, exclamou:

— Mas então, como é isso? No restaurante Lacroix, achou esplendido, repetiu! Está apanhado, amiguinho! Diga logo que o mocotó lhe repugna, que não o pode suportar... e que nunca poz os pés no restaurante da avenida de Itália.

O homem bebeu outro copo de vinho e, sucumbidamente, murmurou:

— Sim, é verdade. Confesso.

Diário de amor de um moço delicado

(Continuação da página 18)

cie de vida era a sua. Sabia só que não era solteira, nem casada, nem viúva. Podia eu, pois, ter dúvidas sobre a sua liberdade? Indiscutivelmente, Olimpia era uma moça livre. Trabalhava para manter-se. Escondia, com certeza, alguma tragédia íntima.

Iamos pela ruazinha em que ela mora, no Sampaio. Ruazinha de suburbio, mal calçada e poeirenta, com cachorros e crianças em algazarra.

Iamos devagar, sonhando. E de repente aparece, surgindo de uma porta uma senhora gorda, de enormes carnes balanceantes:

— Sua sem-vergonha, que é isso? Quem é esse sujeito? Compreendo agora a pulseira e o colar.

Parei, com o sangue gelado nas veias. Ela apertou-me a ponta dos dedos, disfarçadamente, com o seu modo habitual de exprimir uma solidariedade terna. Pulseira e colar? Eu não dera a Olimpia nem colar, nem pulseira. Seria outro, então. Traia-me! Olimpia traia-me!

— Vamos, faça o favor de entrar. O senhor também.

Entrei, seguido de Olimpia e da velha. Entrei tonto, completamente tonto. Achei-me numa sala de visitas pobre, com um sofá de palhinha rustida, cadeiras velhas, um vaso com flores de papel ao centro de uma mesa redonda, um espelho oval numa parede e folhinhas de ano, brindes de fornecedores.

— O senhor sente-se.

Sentei-me.

— Eu me chamo Albina e sou a mãe de Olimpia. E o senhor?

— Minha senhora, afirmo-lhe...

— Mamãe, ele é um moço muito distinto. Você está sendo injusta.

— Bem, o senhor é um moço distinto. Neste caso, quais são as suas intenções.

As minhas intenções! As minhas intenções! Então, num arranco de energias, diante de Olimpia que abaixara a cabeça e da velha que quasi me fisgava com todos os pelos do bigode eretos, resolvi ser cinico, resolvi mentir, sair de qualquer jeito da situação.

— As minhas intenções? Minha senhora: tenho a honra de pedir sua filha em casamento. Chamo-me Claudio Pereira, sou auxiliar extra-numerario no Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, tenho vinte e oito anos e possuo um diploma de farmaceutico.

Isso foi dito com altivez. A velha impressionou-se pelo tom e principalmente pelo nome do meu cargo, realmente uma coisa pomposa: auxiliar extra-numerario do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil. Ela devia ter imaginado funções deslumbrantes.

— Bem, vejo que o senhor é de fato um moço direito. No entanto compreende que nós, embora pobres, prezamos a nossa honra. Antes de eu tomar todas as informações de que necessito, a seu respeito, não poderei dar-lhe o "sim". Peço-lhe oito dias de praso.

Levantei-me.

— Não quer demorar-se um pouco? Tomar um café?

Não quis, naturalmente. Estendi a mão à velha, que a apertou com satisfação, sorrindo, mostrando dois caninos formidaveis na gengiva desdentada.

Olimpia continuava de cabeça baixa. Não dera mais uma palavra sequer. Acompanhou-me até à porta e, agarrando-me as mãos com violencia, perguntou-me baixinho, com um halito quente que me embriagou.

— Queres que fuja?

— Para onde?

— Não sei, para onde quiseses.

— Adeus.

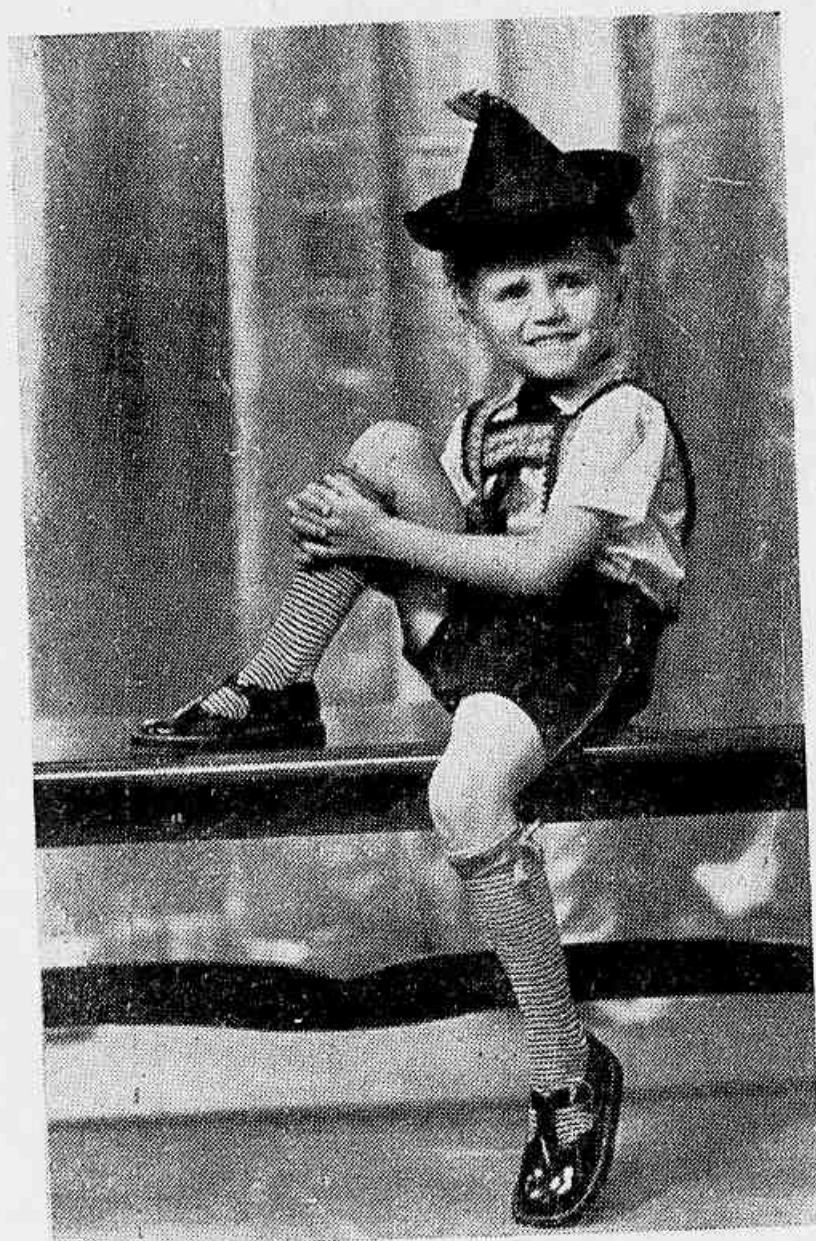
C R I A N Ç A S



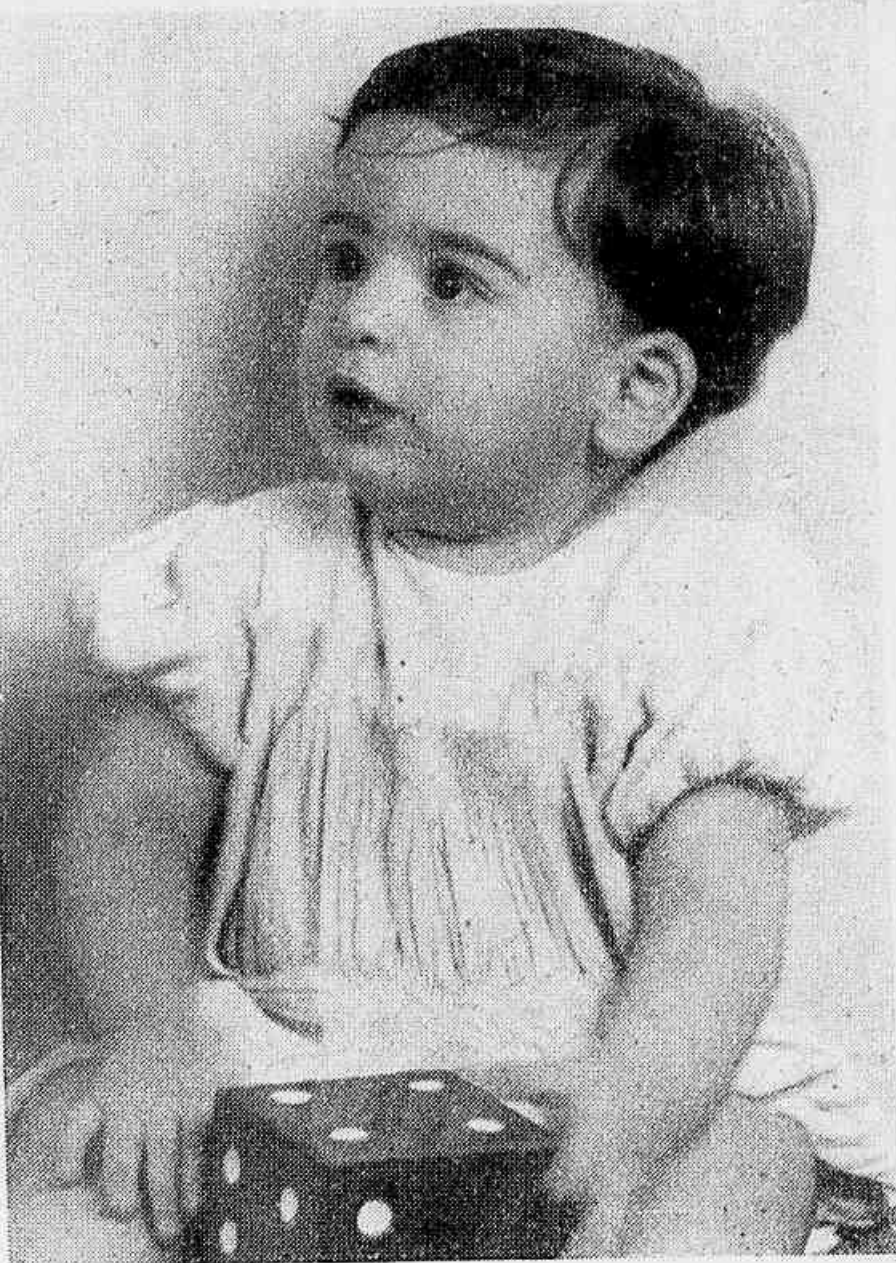
A galante menina Fernanda, filha do sr. Joaquim da Rocha Martins e de d. Odete Silveira Martins, comemorou festivamente o seu 1.º aniversário natalício. Flagrante colhido durante a festa (27-2-43).



Newton, filho do sr. José Brasil Morais e d. Maria Martins Morais, residentes em São Paulo, no dia em que completou o seu sétimo aniversário.



Lucilinha Machado Costa que, como boa garota carioca, não fugiu do carnaval.



O menino Rubens Emídio, filho de Benhur Machado Krischke e de d. Lusía Costa Krischke, da sociedade carioca.



Ari e Célia, filhos do sr. Armantino da Costa Sousa e d. Nair Ramon de Sousa, residentes nesta capital.



Marcy, filha do comerciante desta praça sr. J. Campos Ferrão e d. Clarisse Campos Ferrão.



Marlene, filha do sr. Ernesto Falseth e de d. Eliza Falseth.



Márcio e Hamilton, filhos, respectivamente, dos srs. Julio e Alfredo Del Cistia, residentes na cidade de Fartura, E. de S. Paulo, quando disputavam uma partida, num bilhar de emergência.

ATELIER
Mirza

CREME DENTAL



Ecija